

ÂNGELA MARIA FERREIRA

**DESVELANDO O TRABALHO EM UMA CENTRAL DE
ABASTECIMENTO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS E FLORES:
uma história contada por seus permissionários**

CAMPINAS

Unicamp

2008

ÂNGELA MARIA FERREIRA

**DESVELANDO O TRABALHO EM UMA CENTRAL DE
ABASTECIMENTO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS E FLORES:
uma história contada por seus permissionários**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação
da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre
em Enfermagem área de concentração Enfermagem e
Trabalho

Orientadora: Profª Drª Maria Inês Monteiro

**CAMPINAS
Unicamp
2008**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

F413d Ferreira, Ângela Maria
Desvelando o trabalho em uma central de abastecimento de
hortifrutigranjeiros e flores: uma história contada por seus
permissionários / Ângela Maria Ferreira. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador: Maria Inês Monteiro
Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Trabalho. 2. Saúde. 3. Alimentos. 4. Flores. I. Monteiro, Maria
Inês. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências
Médicas. III. Título.

**Título em inglês: “Unveiling the work at a granje, fruit, vegetable and flower
wholesale center: a history told by its permittees”**

Keywords: • Work
• Health
• Food
• Flowers

Titulação: Mestre em Enfermagem

Área de concentração: Enfermagem e Trabalho

Banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Inês Monteiro

Prof. Dr. Heleno Rodrigues Corrêa Filho

Prof. Dr. Carlos Eduardo Siqueira

Data da defesa: 07 - 07- 2008

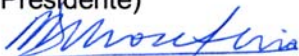
BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Orientador(a) Profa. Dra. Maria Inês Monteiro

Membros:

1.

- Profa. Dra. Maria Inês Monteiro – Departamento de Enfermagem – FCM – UNICAMP (Orientador e Presidente)



2.

- Prof. Dr. Carlos Eduardo Gomes Siqueira – Professor Doutor University of Massachussets – Lowell – USA



3.

- Prof. Dr. Heleno Rodrigues Corrêa Filho – Departamento de Medicina Preventiva e Social – FCM – UNICAMP



Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas

Universidade Estadual de Campinas

Data: 07/07/2008

Aos
Permissionários da Ceasa Campinas,
Protagonistas desta História

AGRADECIMENTOS

Há tanto a agradecer... E a tantos!

Mas, primeiramente à Luz Divina que me sustenta nesta jornada com tantas bênçãos preciosas.

À querida Cida de São Roque que me falou do Departamento de Enfermagem da Unicamp e em especial, da Profª Inês, hoje minha orientadora.

À Profª Inês pelo acolhimento, carinho e aprendizado. É uma pessoa admirável pela competência e humildade.

À Jane da Secretaria da Pós-graduação de Enfermagem, por toda ajuda e carinho.

Aos colegas do Ambulatório do SUS da Ceasa Campinas, pelo acolhimento.

À Mariana, minha filha muito amada, pelo grande apoio e tolerância.

Ao Carlos, meu companheiro e meu amor, por tudo!

À Maureen, Tarcísio, Carol e Ariel, pela guarida e aconchego.

À Ellen e Fabiana, pelo amor e oração.

Às amigas-irmãs Cecília e Ana Maria, por toda “força” e amizade.

Às tias Olívia e Leonia, pela presença sempre cuidadosa e amorosa.

À Mel e ao Ciccio, pelo doce convívio.

Aos amigos Fátima, Aparecida, Graça, Francisco, Antonio, Expedito, Miguel, Edwiges, e Antonio, luzes no meu caminho!

E a todos da Ceasa Campinas que estiveram comigo nesta empreitada, a minha profunda gratidão e o meu carinho!

*Narrador e ouvinte
irão participar de uma aventura comum e
provarão, no final,
um sentimento de gratidão pelo que ocorreu:
o ouvinte
pelo que aprendeu;
o narrador,
pelo justo orgulho de ter um passado
tão digno de lembrar
quanto o das pessoas ditas importantes.*

(Bosi, 2003)

	Pág.
RESUMO.....	xxiii
ABSTRACT.....	xxvii
INTRODUÇÃO.....	31
METODOLOGIA.....	41
1.1- Os Participantes da Pesquisa.....	48
1.2- A Análise das Narrativas.....	53
O ABASTECIMENTO CENTRAL EM CAMPINAS.....	57
2.1- O Mercado de Hortigranjeiros.....	61
2.2- O Mercado de Flores e Plantas.....	75
PRINCIPAIS DESAFIOS NO TRABALHO - a ótica dos permissionários.....	85
3.1- Galpões Permanentes (Boxes).....	88
3.2- Mercados Livres (Pedras).....	100
3.3- Mercado de Flores.....	113
A CEASA NA VISÃO DOS PERMISSIONÁRIOS.....	117
4.1- A Importância da Ceasa Campinas.....	119
4.2- A Concorrência na Ceasa Campinas.....	138
O TRABALHO DOS PERMISSIONÁRIOS E O SEU ESTADO DE SAÚDE.....	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	169

ANEXO.....	177
Anexo 1.....	179
APÊNDICE.....	181
Apêndice 1.....	183
Apêndice 2.....	185
Apêndice 3.....	187

LISTA DE ABREVIATURAS

APROCCAMP	Associação dos Produtores e Comerciantes do Mercado de Flores de Campinas
ASSOCEASA	Associação dos Permissionários da Ceasa – Campinas
CEAB	Centro de Abastecimento Provisório
CEAGESP	Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo
CEASA	Centrais de Abastecimento de Campinas S.A.
CEASA/SJ	Ceasa Unidade São José – Santa Catarina
COBAL	Companhia Brasileira de Alimentos
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CONDEPACC	Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas
CONDEPHAAT	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo
CRAISA	Companhia Regional de Abastecimento Integrado de Santo André
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos
DMF	Departamento de Mercado de Flores
DMH	Departamento de Mercado de Hortigranjeiros
FAEMG	Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FCM	Faculdade de Ciências Médicas
GDR	Grupo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Segurança Alimentar
GP	Galpão Permanente
ILO	International Labour Office
ISA	Instituto de Solidariedade Alimentar
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
ML	Mercado Livre
MLC	Mercado Livre Central
PABC	Pavilhão Pavilhão de Alho, Batata e Cebola
PB	Pavilhão de Beneficiamento
PROHORT	Programa Brasileiro de Modernização do Mercado de Hortigranjeiro
PSA	Programa de Segurança Alimentar
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SC	Santa Catarina
SINAC	Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento
SP	São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1 Mercado Municipal de Campinas no início do século XX.....	62
Figura 2 Mercado Municipal de Campinas restaurado, em foto recente.....	62
Figura 3 Mercado de Hortigranjeiros – GPs e ML.....	74
Figura 4 Mercado Permanente de Flores e Plantas Ornamentais.....	77

RESUMO

Esta pesquisa teve como propósito conhecer o papel de uma central de abastecimento de hortigranjeiros e flores, segundo a ótica de seus permissionários. Dentro deste intento ainda, buscou-se o resgate da trajetória de trabalho destes profissionais, e, conseqüentemente um pouco da história dessa central. Estes relatos foram, por fim, relacionados à percepção que os permissionários têm da própria saúde. Tendo em vista os objetivos estabelecidos e a natureza da pesquisa, escolheu-se a história oral, ou mais especificamente a memória oral, como instrumento para a coleta dos depoimentos.

Com base nas narrativas dos participantes pôde-se conhecer o papel da central de abastecimento que está ancorado, primeiramente, na sua importância como instituição geradora de trabalho: para seus fundadores e descendentes, com a característica de estabilidade e sucesso profissional; na atualidade, no entanto, como geradora de emprego informal, mas assegurando a sobrevivência desses informais com alguma dignidade, afastando-os da marginalidade. Outro fator importante é a relação de colaboração entre os permissionários apesar da concorrência comercial. Destacou-se também o exercício da responsabilidade social da Ceasa enquanto instituição que assegura alimentação aos mais carentes.

Foi possível também compor a história desta Central de Abastecimento em suas particularidades, cotidianidades e sensibilidades. Na relação estabelecida entre trajetória profissional e o estado de saúde dos permissionários, os de gerações mais antigas mencionaram que o trabalho, apesar de ser puxado, traz satisfação. Na visão deles, isso contribui de maneira favorável para a saúde. Para boa parte dos permissionários das gerações mais novas, entretanto, predomina a opinião de que a atividade é estressante, e em decorrência tornam-se importantes os cuidados quanto à alimentação, descanso e atividade física.

Palavras-chave: trabalho; saúde; alimentos; flores.

Linha de pesquisa: Trabalho, saúde e educação

ABSTRACT

The aim of this research was to identify the role of a grange, fruit, vegetable and flower wholesale center, according its permittees' point of view. Still within this intent, the rescue of these professionals' work was sought, and, consequently, a little of this center's history. These reports were thus, related to the perception the permittees have of their own health. Bearing in mind the established goals, as well as the nature of the research, the verbal history was chosen, or, more specifically, the verbal memory, as a tool for the statements' collection.

Based on the participants' narratives it was possible to get to know the role of the wholesale center, which is primarily anchored on its importance as a work-generating institution: for its founders and descendants, with the feature of steadiness and professional success; currently, however, as an informal work generator, but ensuring the survival of these non-listed employees with some dignity, keeping them away from marginality. Another important factor is the collaboration relation between the permittees, in spite of the commercial competition. In addition, *Ceasa's* exercise of social liability is highlighted, since the institution guarantees the food of the neediest.

It was also possible to compose the history of the Wholesale Center in its particularities, day-to-day aspects and sensitivities. In the relation established between the professional path and the permittees' health condition, those of older generations mentioned that the work brings satisfaction despite the fact of being hard. To their minds, it contributes in a favorable way to their health. For a great deal of permittees of younger generations, though, there is a prominence of the opinion that the activity is stressful, and as a result the care concerning food, resting and physical activity becomes important.

Key-words: work; health; food; flowers.

INTRODUÇÃO

A partir de minha formação – Psicologia, e do meu campo de atuação profissional, qual seja atendimento clínico e consultoria em treinamento e desenvolvimento para profissionais da saúde, interessou-me sobremaneira aprofundar os conhecimentos no tema saúde do trabalhador.

Com a possibilidade de atuar no grupo de pesquisa da Prof^a. Dra. Maria Inês Monteiro, do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas – FCM, da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, que vem desenvolvendo um extenso projeto de políticas públicas, com vistas à saúde do trabalhador na Ceasa Campinas - Central de Abastecimento de Campinas S. A., despertou-me a atenção, em meio às características das atividades lá realizadas, o trabalho realizado pelos permissionários¹ de boxes² e pedras³, responsáveis pela administração dos pontos de venda lá existentes.

A princípio, o foco da pesquisa com esses micros e pequenos empresários seria o de identificar possíveis estressores ocupacionais, haja vista suas responsabilidades pelo gerenciamento e resultados do negócio, que poderiam implicar em um alto grau de tensão e desgaste físico e mental. Contudo, à medida que foi dado andamento aos contatos para informar sobre o propósito da pesquisa e convidá-los a participar, percebeu-se que a realidade que se apresentava neste campo de estudo era muito mais diversificada, ampla e rica em representações e significados. A maioria dos permissionários estava lá há muitos anos, sugerindo um vínculo de trabalho bastante forte com a Central. Além disso, muitos tinham sido produtores (e não só comerciantes) que, após determinado tempo, passaram unicamente a comercializar os produtos. Para a compreensão dos fatos havia muito mais a conhecer.

¹O comerciante, produtor ou não, que tem a permissão, a licença para comercializar seus produtos na Central de Abastecimento.

²Os Boxes, do Mercado de Hortigranjeiros, são lojas fechadas situadas nos Galpões Permanentes-GPs. Já no Mercado de Flores os boxes são áreas delimitadas no chão, mas inseridos em extenso pavilhão fechado, que dispõem de banheiros, lanchonetes e lojas.

³As pedras são áreas abertas, demarcadas no chão, porém com coberturas.

Entendeu-se que seria especialmente importante obter informações sobre o trabalho destes permissionários à luz de suas próprias percepções, dentro do contexto social e histórico vivido por eles ao longo de todos esses anos de atividade na Central. Sendo assim, o enfoque deste estudo passou a ser mais amplo, e porque não dizer, audacioso: a busca do significado de se trabalhar na Ceasa Campinas e, decorrente disto, as implicações que isto teria para eles, na vida e na saúde.

Um outro intento possível na nova proposta do presente estudo é o resgate da história desta Central de Abastecimento pela trajetória profissional de seus permissionários, reforçando assim sua importância enquanto instituição geradora de emprego e peça-chave na interação entre o produtor e o consumidor final. Além disso, deve ser destacada a perspectiva da regulação e distribuição de alimentos, e, ainda, com referência à sua grande responsabilidade pelo Programa de Segurança Alimentar - PSA, através da Alimentação Escolar e do Banco de Alimentos. O PSA de Campinas tem como objetivo primeiro: “Garantir a todos, acesso permanente e com dignidade a uma alimentação de qualidade e em quantidade suficiente para atender suas necessidades nutricionais” (Ceasa Campinas, 2005).

Considerando os interesses e propósitos que geraram este estudo, a abordagem da Psicologia Social se mostrou bastante adequada para propiciar subsídios tanto à análise das narrativas dos permissionários entrevistados, quanto na escolha do instrumento pelo qual eles trariam suas experiências, percepções, idéias e sentimentos – a memória oral.

Para tanto, na revisão bibliográfica, autores como Ecléa Bosi, Simone Weil e Walter Benjamin se mostraram indispensáveis, principalmente pela importância do resgate histórico como caminho para melhor compreensão e reconstrução do presente, com vistas a um melhor direcionamento do futuro.

Tendo como objeto de estudo o trabalho, fez-se indispensável olhar para as grandes mudanças ocorridas no mundo laboral, quer em seus processos organizativos, quer produtivos, e as implicações do processo de globalização nessas mudanças.

Para um melhor acompanhamento desta pesquisa, ela foi dividida em seis capítulos assim distribuídos:

- **Capítulo I-** Metodologia: trata da natureza da pesquisa, do instrumento utilizado na coleta dos depoimentos (memória oral), das abordagens teóricas para o embasamento dos relatos, da caracterização dos participantes e de como se processou as análises das narrativas.
- **Capítulo II-** O Abastecimento Central em Campinas: a partir deste capítulo introduzimos os relatos dos participantes, onde eles começam a contar o início de sua trajetória profissional – do Mercado Municipal à Ceasa Campinas. Os relatos já são acompanhados por suas respectivas discussões e reflexões.
- **Capítulo III-** Principais Desafios no Trabalho: A Ótica dos Permissionários. Aqui, busca-se saber quais foram as maiores dificuldades ou desafios enfrentados pelos participantes ao longo de sua trajetória profissional no Abastecimento. Continuam as discussões e as reflexões em cima das narrativas.
- **Capítulo IV-** A Ceasa na Visão dos Permissionários. Neste capítulo focaliza-se o que esta Central representa para aqueles que vivem *nela* e *dela* direta ou indiretamente, ou seja, não somente seus permissionários, mas, ainda segundo a percepção destes últimos, qual a importância dela para seus clientes, consumidores e produtores. Além disto, é apresentado como estes permissionários vêem a concorrência dentro da Ceasa. Acompanham as respectivas discussões.
- **Capítulo V-** A Relação entre o Trabalho e o Estado de Saúde dos Permissionários. Nesta parte da dissertação, vai se apresentar o significado do trabalho para os permissionários e qual a relação que eles estabelecem entre sua trajetória profissional e o seu estado de saúde. Algumas reflexões são feitas sobre este conteúdo.

- **Capítulo VI-** Considerações Finais. Nesta etapa, busca-se responder aos objetivos estabelecidos pela pesquisa com base nas discussões dos capítulos anteriores, além de apresentar as sugestões dadas pelos participantes entrevistados quanto a possíveis ações a serem implantadas dentro da Ceasa Campinas com vistas à promoção da saúde dos trabalhadores.

O Início das Ceasas no Brasil: Alguns Fatos Importantes

As centrais de abastecimento brasileiras foram criadas na década de 70. O grande desenvolvimento industrial nos anos 50 e 60 propiciou o aumento das populações urbanas, tornando a distribuição de hortigranjeiros cara e difícil. Não havia equipamentos, estrutura para comercialização de produtos dessa natureza e outros perecíveis, além da falta de regulamentação para o setor (Ceasa Campinas, 2004).

No início dos anos 70, foi constituído o Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento - SINAC que posteriormente passou a ser administrado pela Companhia Brasileira de Alimentos - COBAL. A proposta inicial do SINAC era criar um sistema de informações técnicas entre as unidades atacadistas regionais, atuando como um centro de referência entre produtores e distribuidores e, com isso, equilibrar a oferta e os preços. Desta iniciativa, surgiram 21 Centrais de Abastecimento (Ceasas), mais 34 Mercados Atacadistas Urbanos e 32 Rurais, além de vários mercados varejistas de portes diversos (Cunha, 2006).

Conjuntamente à modernização da agricultura no país, foram estabelecidos padrões e normas técnicas de embalagens, informações de mercado, técnicas para produção, mudando significativamente o sistema produtivo de frutas, verduras e legumes. O impacto foi positivo para o produtor e o consumidor brasileiros. Os comerciantes atacadistas, recém-instalados nas Ceasas dispunham de incentivos e vantagens econômicas, com a garantia de leis que proibiam o comércio atacadista fora dos limites dos entrepostos, ou seja, a “Lei do Perímetro” (Cunha, 2006).

Em 1986 o SINAC foi extinto, em meio à crise fiscal do país e, assim, desmantelou-se também a sistematização de informações intercentrais de abastecimento, quer sob o aspecto tecnológico quer comercial. O controle acionário das Ceasas foi delegado aos Estados e municípios (Cunha, 2006).

A reorganização das políticas do setor vem sendo recuperada pela Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB⁴, a antiga COBAL. Em outubro de 2003, a CONAB realizou um encontro entre todas as Ceasas do Brasil, elaborando um programa de integração com as informações estatísticas das centrais, além de retomar a compra e venda de estoques de segurança para garantir os preços (Ceasa Campinas, 2004).

Segundo informações do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado de Hortigranjeiro – PROHORT⁵, o Brasil conta com 55 centrais de abastecimento, das quais 15 se concentram no Estado de São Paulo; dentre elas figura a Ceasa Campinas, alvo deste estudo.

A Ceasa Campinas foi inaugurada em 10 de março de 1975 e municipalizada em 17 de dezembro de 1989 (Departamento de Mercado de Hortigranjeiros - DMH, 2007).

Esta pesquisa integra o projeto do Programa de Pesquisa em Políticas Públicas financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, intitulado “Bases para a implantação de um serviço público de saúde do trabalhador no trabalho informal e em micro e pequenas empresas de comércio hortifrutigranjeiros e Mercado de Flores no Estado de São Paulo”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Inês Monteiro.

⁴A CONAB é a empresa oficial do Governo Federal, encarregada de gerir as políticas agrícolas de abastecimento, visando assegurar o atendimento das necessidades básicas da sociedade, preservando e estimulando os mecanismos de mercado (<http://www.conab.gov.br>).

⁵O PROHORT foi instituído pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, no âmbito da CONAB, com a finalidade de interar os Estados, Municípios e agentes integrantes da cadeia de produção e distribuição, fomentando o desenvolvimento do setor. Seus objetivos são: remontar um sistema nacional de informações, possibilitar a modernização da gestão dos mercados e dos serviços de apoio, levar tecnologia à produção, estreitar os contatos com as Universidades e ampliar as funções das Centrais de Abastecimento (<http://www.minas.ceasa.mg.gov.br/prohort>).

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Trabalho possui um banco de dados que conta atualmente com mais de cinco mil trabalhadores entrevistados, de diferentes categorias profissionais: trabalhadores de empresa de tecnologia da informação (Monteiro Cocco, 2002), (Monteiro, Fernandes, 2006); empresa metalúrgica de uma cidade do interior paulista (Ornellas, 2004); pronto socorro de um hospital universitário (Duran e Monteiro, 2004); riscos associados ao trabalho e capacidade para o trabalho entre trabalhadores de uma indústria farmacêutica (Hodge, 2005); trabalhadores de um condomínio de empresas de alta tecnologia (Fernandes e Monteiro, 2006); trabalhadores de higiene e limpeza hospitalar (Andrade e Monteiro, 2007); e fatores associados à capacidade para o trabalho dos professores de escolas estaduais de dois municípios do Estado de São Paulo (Vedovato, 2007), dentre outros.

Estas pesquisas foram realizadas para diagnóstico e reflexão sobre a condição dos trabalhadores brasileiros em relação à capacidade para o trabalho e envelhecimento funcional, baseado em estudos da Finlândia e outros aspectos da vida laboral, como estresse, fadiga, aspectos organizacionais e riscos/perigos no trabalho. Parte dos dados teóricos do banco de dados proporcionou subsídio para a elaboração desta pesquisa.

O presente estudo se justifica pela pequena bibliografia sobre a temática disponível na literatura e pelo resgate das experiências dos permissionários do setor hortifrutigranjeiro e do Mercado de Flores na construção da Ceasa Campinas.

Objetivo geral

- Conhecer, sob a ótica de seus permissionários e fundadores, o papel de uma central de abastecimento de alimentos e flores.

Objetivos específicos

- Resgatar a trajetória profissional dos permissionários, desde seu início até o momento, e conseqüentemente, um pouco da própria história da Ceasa.
- Considerar, sob a ótica dos permissionários, os possíveis impactos de suas trajetórias profissionais nos seus estados de saúde.

METODOLOGIA

*Nós contamos histórias e nós
nos tornamos as histórias que nós contamos.
Os contadores e contadoras de histórias
nos contam sobre valores, sobre heróis, heroínas,
sobre o passado e sobre o presente,
para que possamos vir a ser
as histórias que são contadas.*
(Spink, 2003)

A escolha da metodologia qualitativa como caminho investigativo no presente estudo, deu-se especialmente pelos objetivos nele estabelecidos, onde, muito mais que estudar o fenômeno propriamente dito, almejou-se compreendê-lo em seu significado, individual e coletivo, na vida daqueles que o vivenciam. Isto porque, como afirma Turato (2005, p. 509): “*O significado* tem função estruturante: em torno do que as coisas significam, as pessoas organizarão de certo modo suas vidas [...]”.

Sendo assim, não se trataria de conhecer o papel de uma central de abastecimento principalmente segundo a sua missão e objetivos, mas sim focar a percepção das pessoas que nela e dela tenham vivido ao longo de sua existência. Disto se poderia resgatar não só o sentido que a Ceasa Campinas teve e tem para seus permissionários e, a partir daí, como organizaram suas vidas (em especial a sua relação com o trabalho e a saúde), mas também a própria história desta instituição consolidada há 33 anos no mundo do trabalho.

Para cumprir com todos esses propósitos, escolheu-se a história oral, ou mais especificamente, a memória oral, como caminho de acesso às percepções, experiências e reflexões dos permissionários.

Ainda que se tenha buscado sustentar as narrativas dos participantes em fontes outras, como artigos e *sites da Internet* específicos que tratassem da história (registro cronológico dos fatos) desta Central, o interesse deste estudo foi a composição de uma história cuja “interpretação” fosse dada por seus permissionários, com base em suas memórias (Freitas e Braga, 2006).

Desta forma, para se construir a crônica cotidiana com todas as suas paixões, contradições e significados, a memória oral se mostrou um caminho precioso (Bosi, 2003).

Por que resgatar a figura do contador de histórias? Do narrador? Benjamin (1980, p. 57) já constataria o gradual desaparecimento da figura do narrador, em especial a partir da Primeira Grande Guerra: “Não se notou, no fim da guerra, que as pessoas chegavam mudas do campo de batalha – não mais ricas, mas mais pobres em experiência comunicável?”

Afinal, o narrador traz das experiências próprias ou ouvidas, aquilo que narra. E narrando ele partilha essas experiências, transformando-as em lições, conselhos, tradições, em histórias da cotidianidade, tal qual se refere Bosi (2003, p. 15) à “História das Mentalidades, História das Sensibilidades”.

A pessoa que narra suas experiências firma, sobretudo, a sua participação na realidade social, rompendo com o isolamento humano, pois pela memória oral os homens partilham de seu passado com outros, aproximando-se assim do passado do grupo (Frochtengarten, 2005).

Há que cuidar, todavia, para que a retomada do passado não seja compreendida como uma atitude de nostalgia retrógrada, de resistência ao novo. Não, muito pelo contrário. Weil⁶ (1943), ao abordar a condição do enraizamento humano, coloca-a como uma necessidade vital da alma: afinal, com o quê vamos construir o futuro, senão pela herança dos tesouros passados “[...] digeridos, assimilados, recriados por nós”?

Um outro enfoque importante e complementar dessa questão é citado por Spink (1999, p.49) ao tratar do diálogo permanente entre os sentidos antigos e novos, ou seja: “Mesmo os sentidos passados, decorrentes de diálogos travados há muitos séculos, não são estáveis; são sempre passíveis de renovação nos

⁶Weil, S. *apud* Bosi E. O desenraizamento operário. In: A condição operária e outros estudos sobre opressão. Antologia organizada por Ecléa Bosi. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 411.

desenvolvimentos futuros do diálogo”. Os sentidos esquecidos, quando evocados pela memória, podem ser revigorados e assumir outros significados conforme o contexto em que se manifestam.

Reviver ou recriar a história da Ceasa Campinas pelo resgate da memória de seus permissionários é permitir a possibilidade de reflexão e de resignificação sobre seu futuro, ou como afirma Bosi: “[...] passa a ser memória geradora do futuro” (2003, p. 66).

No tocante às narrativas dos permissionários participantes deste estudo, foi utilizado como fio condutor de suas memórias, a técnica de entrevista semi-estruturada (Apêndice 2).

A composição das perguntas foi delineada com base nos objetivos estabelecidos, e funcionou como um “esqueleto” a partir do qual, e de acordo com o conteúdo dos relatos, ia se buscando esclarecimentos por meio de outras indagações.

A primeira questão com que abrimos a conversa foi criada de forma tal a estimular os participantes para que começassem a contar a história de sua trajetória profissional na Ceasa Campinas. Como a própria técnica da história oral recomenda, quão mais abertas forem as explorações, mais suscitarão o estilo narrativo, dando liberdade à pessoa de fazer as composições e os encadeamentos de suas memórias como bem quiser (Bosi, 2003). As demais perguntas, apesar de mais diretivas, fechadas, foram úteis para o acesso a algumas informações mais específicas e complementares da vida, trabalho e saúde dos permissionários. Todavia, sempre tendo o máximo cuidado com a liberdade de expressão dos depoentes, que “deve ser respeitada a qualquer preço” (Bosi, 2003, p.56).

A bem da verdade, os fatores essenciais que podem dar sustentação à postura do entrevistador diante da pessoa do outro estão calcados tanto na técnica escolhida quanto na sua própria formação pessoal, profissional e

acadêmica – ética, conhecimento teórico - considerando-se que é de fundamental importância a não interferência do pesquisador na opinião do entrevistado, opinião esta permeada por valores e crenças próprios.

A última pergunta feita aos participantes foi elaborada com o propósito de continuidade deste estudo que prevê uma possível intervenção da pesquisadora, frente às necessidades de informação e suporte na promoção à saúde dos permissionários.

As entrevistas foram realizadas no período de setembro de 2007 a fevereiro de 2008, nos locais de trabalho dos permissionários (boxes e pedras da Ceasa Campinas), exceto a de um permissionário (o mais antigo dos Mercados Livres - MLs) e sua esposa, que se dispuseram a conversar no próprio sítio, localizado em Valinhos, São Paulo. As conversas duraram, em média, pouco mais de uma hora, variando de 45 minutos a quase duas horas, algumas exigindo mais de um encontro.

Com exceção de três participantes de natureza aparentemente introspectiva, que se revelaram menos à vontade durante a entrevista, todos os demais demonstraram atitude espontânea e tranqüila em suas falas. No geral, eles transpareceram bastante sociabilidade, comunicabilidade e afetividade no momento da conversa. Não é à toa que são comerciantes, com boa receptividade aos contatos interpessoais e gosto pelo convívio com pessoas, sejam elas clientes, funcionários ou mesmo a própria pesquisadora deste estudo.

Os depoimentos, na sua grande maioria, foram gravados em fita cassete, com a anuência dos narradores, exceto para duas pessoas que, sentindo-se constrangidas com este procedimento, tiveram seus relatos anotados em caderno. Buscou-se sempre deixá-los o mais à vontade possível para que aquele momento pudesse lhes trazer proveito e alguma satisfação.

“A entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade [...]” (Bosi, 2003, p. 60). Isto porque ela implica na responsabilidade que temos pela pessoa do outro, o narrador, o entrevistado. A depender da forma de comunicação que estabelecermos durante a conversa, poderemos facilitar ou não a manifestação de suas idéias, sentimentos e experiências.

Em se tratando de história oral, ou “História das Sensibilidades” ou “História das Mentalidades” como esclarece Bosi, quão mais pudermos estar em sintonia com o outro, mais fecundo será esse momento para ambos: ouvinte e narrador.

Para isso a psicóloga Maldonado (1983) aponta a importância de algumas formas facilitadoras de comunicação, que apesar de terapêuticas, não implicam obrigatoriamente em uma formação específica por parte de quem as utiliza. É óbvio que a formação especializada aliada à sensibilidade profissional podem promover um maior grau de empatia e de aproximação, porém as características pertinentes a este tipo de linguagem podem estar acessíveis a todos aqueles que queiram aprofundar os relacionamentos, favorecendo, de alguma forma, o bem estar dos outros.

Uma dessas formas facilitadoras a que Maldonado (1983, p. 77-8) se refere é chamada de “Reflexão de Sentimentos”:

É uma excelente maneira de entrar em sintonia com o mundo interior da outra pessoa e, desta forma, transmitir aceitação e compreensão. **A reflexão de sentimentos consiste em dizer explicitamente ao outros os sentimentos subjacentes que captamos nas mensagens que nos enviou.** (grifo da autora)
[...] É de fato uma linguagem emocional, pois lida diretamente com os sentimentos da outra pessoa, na tentativa de compreender o que se passa com ela; ao respondermos a partir de sua perspectiva (e não da nossa), conseguimos sintonizar verdadeiramente.

Este tipo de linguagem é bastante positivo para se criar um clima de confiança, no qual a outra pessoa, sentindo-se aceita e acolhida, pode manifestar-se com maior espontaneidade.

Nas conversas com os permissionários, as falas da entrevistadora foram permeadas pela reflexão de sentimentos conforme se observará em alguns depoimentos apresentados neste estudo.

Todas as entrevistas foram digitadas, impressas e entregues individualmente aos participantes, com uma carta de apresentação (Apêndice 3). Nenhum deles pronunciou-se contra o que nelas foi reproduzido; pelo contrário, alguns se declararam agradavelmente surpresos por verem suas memórias ali registradas.

Houve, por problemas com o gravador, a perda de uma parte da conversa de quatro dos entrevistados de boxes. Infelizmente não foi possível retomá-las pela dificuldade em conciliar os horários destas pessoas com os da pesquisadora.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp como adendo ao projeto 143/2004 (Anexo 1).

Todos os participantes da pesquisa receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice 1).

1.1- Os participantes da pesquisa

Para se poder abarcar as experiências e a história de alguns permissionários que fossem suficientemente representativas aos objetivos do presente estudo, entendeu-se por bem convidar alguns usuários dos Galpões Permanentes - GPs, Mercados Livres - MLs e Mercado de Flores e Plantas, mas partindo de dois critérios importantes: o tempo de trabalho na Ceasa, isto é, tanto os que foram fundadores - os mais velhos - quanto os mais jovens, abrangendo a primeira e segunda gerações; e a inclusão dos dois sexos, masculino e feminino.

Inicialmente, buscou-se a autorização da diretoria administrativa da instituição para dar início à pesquisa. Concedida a autorização, foram contatadas a Assessoria de Comunicação e também a gerência do Departamento de Mercado de Flores para nos direcionar aos permissionários mais antigos da Ceasa.

O Departamento de Mercado de Hortigranjeiros, em especial, representado por um de seus antigos funcionários que conhecia muito da história, da dinâmica e dos permissionários em si, também nos foi indicado para tal propósito.

Com uma lista de alguns permissionários em mãos, começou-se a visita nos boxes e pedras, apresentando-lhes a proposta da pesquisa e convidando-os a participar de uma entrevista. Nesta etapa, a principal dificuldade encontrada foi a falta de disponibilidade de horário por parte dos permissionários em função de sua rotina de trabalho “pesada” e “corrida”: quando estavam na Ceasa tinham seu tempo tomado para atender à clientela e resolver questões pertinentes tanto à comercialização em si (carga, descarga, controle de mercadorias, etc.) quanto à administração do negócio (financeiro, pessoal, etc.). Aqueles que produziam e vinham de regiões circunvizinhas, mas muitas vezes distantes, tão logo encerravam a comercialização, tinham que voltar para o sítio, pois havia trabalho lhes aguardando por lá.

Ainda assim, nos MLs, algumas entrevistas puderam ser programadas para outra ocasião, aproveitando o final de expediente dos dias de feira, às segundas, quartas e sextas, e eventualmente às terças e quintas, caso algum permissionário fosse organizar suas mercadorias para a comercialização do dia seguinte.

Dificuldade maior foi encontrada nos GPs e no Mercado de Flores. Nos GPs, na sua grande maioria, por conta da inacessibilidade “física” dos permissionários que dispunham de sala própria, localizada em mezaninos, onde se resguardavam para dar conta de sua assoberbada rotina. Já no Mercado de Flores, como muitos deles produziam e vinham de outras cidades, principalmente nos dias de mercado, às segundas e quintas, tinham o seu tempo curto, “contado”, além de certa resistência (natural) em participar da pesquisa.

Sendo assim, foi pedida a colaboração da Associação dos Permissionários da Ceasa Campinas - ASSOCEASA e do Departamento de Mercado de Flores - DMF, para se criar um outro canal de acesso aos permissionários do Mercado de Hortigranjeiros e de Flores, respectivamente.

Pela ASSOCEASA, foi concedido um espaço para a divulgação da pesquisa em reunião realizada mensalmente entre o conselho deliberativo formado por permissionários eleitos a cada dois anos. A apresentação da pesquisa foi feita na reunião do dia 17/10/2007 e foi bem recebida pela maioria dos presentes, que se mostraram receptivos a participar desde que as entrevistas fossem agendadas com antecedência, via ASSOCEASA.

No Mercado de Flores, o engenheiro agrônomo que atua como técnico de mercado II foi quem nos apresentou pessoalmente a alguns permissionários para viabilizar a realização das entrevistas preferencialmente em finais de feiras, por volta das 12h30.

Além das vias de acesso acima descritas, alguns permissionários participantes deste estudo foram contatados por indicação de outros já entrevistados (“bola de neve”).

Participaram da pesquisa 26 pessoas (Quadro 1), sendo 24 permissionários, um funcionário e um prestador de serviços, assim distribuídos:

- Nos GPs: dez permissionários, sendo dois representantes da primeira geração (fundadores); sete, entre os quais uma mulher, da segunda geração (filhos dos fundadores; herdeiros); e uma mulher, sem vinculação com os fundadores – a empresa foi comprada.
- Nos MLs: oito permissionários, sendo cinco fundadores, e três, dos quais uma mulher, que iniciaram na Ceasa com a Central já em funcionamento.
- No Mercado de Flores: seis permissionários, sendo dois fundadores, dos quais uma mulher quase aposentada e esposa de um permissionário já falecido, e quatro, dos quais duas mulheres, que iniciaram pouco depois da abertura do mercado em 1993.

Além desses 24 permissionários entrevistados, foram convidadas a participar duas outras pessoas que nortearam a escolha de alguns participantes, facilitando assim o acesso da pesquisadora ao trabalho de campo: um funcionário

do Departamento de Mercado de Hortigranjeiros - DMH, com 28 anos de casa, identificado na nossa pesquisa como Outros – F, e um prestador de serviços da ASSOCEASA, filho de agricultores, ex-funcionário do setor financeiro e comercial de um grande atacadista de frutas da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo - CEAGESP e da Ceasa Campinas, identificado como Outros – PS. Estes dois participantes mostraram-se imprescindíveis à pesquisa, não só para a complementação das memórias dos permissionários, como também pela visão apurada do histórico e da dinâmica de funcionamento da Ceasa Campinas.

No que concerne ao Mercado de Hortigranjeiros (GPs e MLs), a representatividade de participantes foi elevada - 18 pessoas no total - haja vista a necessidade da pesquisadora em confrontar histórias, experiências e saberes que pudessem ampliar os sentidos, os significados da Ceasa Campinas. O sentido do mundo à nossa volta nada mais é, conforme a visão pós-construcionista da Psicologia Social assim referenciada por Spink (1999), que uma construção social, que se dá coletiva e interativamente por aqueles que a vivenciam em sua cotidianidade. Trata-se de uma abordagem teórico-metodológica focada, em especial, na construção dos sentidos pela linguagem, das práticas discursivas, abordagem esta que, apesar de não ter sido utilizada enquanto análise no presente estudo, também norteou a forma da pesquisadora concebê-lo e realizá-lo.

Desses 18 permissionários entrevistados, apenas sete eram produtores: dois pertencentes aos boxes, dos quais um produzia abacaxi, laranja, melancia e limão, e o outro, manga; e cinco vinculados às pedras, produzindo desde tomates (importante como monocultura), legumes em geral (abobrinha, chuchu, etc.), frutas (laranja, goiaba, uva, figo), tubérculos (mandioca) e algumas raízes (batata-doce, beterraba, etc.).

Os GPs em sua maioria comercializam frutas de todas as variedades, todavia dentre os entrevistados dos boxes, dois trabalhavam com batata, cebola e alho, e outros dois com abóboras. Dos permissionários dos MLs participantes da pesquisa, somente um trabalhava com a monocultura da laranja.

O tempo de Ceasa dos permissionários entrevistados dos GPs ficou assim distribuído: 32 anos, três pessoas; 30 anos, duas, sendo que uma delas era mulher; 25 anos, duas pessoas; 22 anos também uma mulher, e 11 anos uma pessoa. Já nos MLs, a maioria dos que foram ouvidos – seis participantes - tinham 32 anos de Central, os demais, um homem e uma mulher, 30 e 29, respectivamente.

Quanto ao número de pessoas que trabalham com os permissionários dos GPs na comercialização, constatou-se que quatro destes tinham cinco funcionários, sem contar ou o filho, ou cônjuge, ou irmão que também atuavam em conjunto. Outros quatro participantes tinham de 20 a 23 empregados; um outro, 12 e, o último deles com 83 funcionários, um dos maiores atacadistas, e também produtor, da Ceasa Campinas.

Nos MLs evidenciou-se também a presença de familiares atuando no negócio, em produção ou comercialização, com os mais diversos tipos de parentesco: filhos, irmãos, cônjuge, genros e sobrinho. Das oito pessoas ouvidas, somente um produtor congregava o maior número de funcionários registrados: de 70 a 80 pessoas na roça. Dos demais, três trabalhavam com um ou dois familiares diretamente e tinham parcerias com outros produtores; dois permissionários tinham dois empregados na produção, registrados, e por fim, mais dois entrevistados que tinham entre 18 e 24 trabalhadores na lida com a terra.

Por esses dados colhidos, verificou-se que três dos permissionários das “pedras” concentravam maior número de empregados registrados na produção, apesar das dificuldades que alguns relataram quanto à instabilidade deste tipo de mão-de-obra e dos altos encargos trabalhistas, fatores estes a serem melhor analisados ao longo da pesquisa .

Com referência ao Mercado de Flores, quatro dos participantes eram produtores: três deles, incluindo duas mulheres, produziam plantas ornamentais (forração; folhagens variadas – melindre, pastora, xeflera - palmeiras, etc.), e o quarto cultivava violetas. Os outros dois permissionários, um homem e uma

mulher, comercializavam flores de diversos tipos - kalanchoe, violetas, lisianthus, hortênsias, gérberas, etc. - adquiridas, do veiling da Holambra e de outros produtores da própria Ceasa Campinas, respectivamente.

Desses seis permissionários, quatro tinham, em média, 10 anos de mercado e dois deles, 13 e 14 anos. Quanto ao número de funcionários, estes variaram de 30, 35 até quatro pessoas registradas, exceto uma das comerciantes que trabalhava somente com a filha de 19 anos.

No quesito escolaridade destacou-se, quanto ao grau de instrução dos permissionários, dois aspectos que, apesar de dedutíveis, não estão referenciados no Quadro I – Caracterização dos Entrevistados. O primeiro deles mostrou que dos oito fundadores entrevistados (GPs, MLs e Mercado de Flores), entre 53 a 83 anos, destacando-se aí os MLs, sete haviam cursado parcialmente o ensino fundamental: cinco deles na 4ª série; um na 2ª; e os dois restantes, com fundamental incompleto.

O segundo aspecto, diretamente relacionado ao anterior, mostrou que as segundas gerações, mais evidentes nos GPs, apresentaram, na sua maioria, melhor nível de escolaridade entre o ensino superior completo ou não, até o ensino médio incompleto e técnico completo.

No Mercado de Flores, levando em conta a amostragem de seis pessoas, três delas revelaram escolaridade diferenciada: dois com ensino superior e outra ensino médio, todos concluídos.

1.2- A análise das narrativas

Cabe frizar que, apesar de praticamente todas as entrevistas terem sido realizadas nos locais de trabalho dos permissionários – GPs e MLs - o que nos permitiu constante tramitação pelas dependências da Central, e observação do fluxo e dinâmica dos trabalhadores, funcionários e clientes, as informações colhidas dos participantes utilizadas neste estudo foram frutos de suas narrativas.

Como já foi citado anteriormente, consultamos outras fontes documentais, em especial, páginas da Internet, com *sítes* específicos para complementação e sustentação dos fatos, conceitos e experiências apresentados na pesquisa.

Apesar da Ceasa Campinas dispor de biblioteca com farto acervo documental e bibliográfico, foi praticamente impossível usá-la, pois além de não haver uma pessoa presente para dar informações, a grande quantidade de material existente não estava catalogada. A consulta na biblioteca implicaria em se dispor de muito tempo, tempo este que a pesquisa não dispunha. Em contrapartida, a receptividade dos funcionários e prestadores de serviço de alguns departamentos da Central foi tamanha, que contribui muitíssimo para o acesso a determinadas informações.

A análise dos relatos a partir das entrevistas sustentou-se em autores com embasamento teórico nas abordagens psicossocial, sócio-política, econômico-agrícola, dentre outras, referendadas e identificadas de acordo com os conteúdos manifestos pelos participantes.

Bosi (2003) nos lembra, no entanto, que ao se trabalhar com memória oral, é preciso ter claro que este método mais sugere do que afirma, exigindo do pesquisador uma interpretação sutil, cuidadosa e rigorosa. Isto porque narrador e ouvinte estão sujeitos ao processo da estereotipia, onde a memória coletiva (cultural, social e institucional), intrinsecamente presente na socialização dos indivíduos, pode levá-los a uma distorção e cristalização de suas percepções, impedindo que as informações lhes cheguem mais claramente à consciência.

Nesse sentido, os cuidados empregados pela pesquisadora no processo analítico foram fundados, principalmente: na formatação e conteúdo dados às perguntas no momento de sua elaboração, entendendo que na essência de cada uma delas, está o caminho para a sua interpretação (Bosi, 2003), e no embasamento teórico utilizado para contextualização das percepções e experiências trazidas pelos narradores participantes, como se verá nos próximos capítulos.

Quadro 1- Caracterização dos Entrevistados. Campinas, 2008.

Produtos (Categoria)	Participante (Identificação)	Local Ceasa	Sexo	Idade (anos)	Escolaridade
Hortifrutis	Permissionário 1	Box	M	83	4ª série fundamental
Hortifrutis	Permissionário 2	Box	M	72	4ª série fundamental
Hortifrutis	Permissionário 3	Box	M	59	Superior completo
Hortifrutis	Permissionário 4	Box	M	46	Superior incompleto
Hortifrutis	Permissionário 5	Box	M	45	Técnico completo
Hortifrutis	Permissionário 6	Box	M	44	Superior completo
Hortifrutis	Permissionário 7	Box	M	43	Superior completo
Hortifrutis	Permissionário 8	Box	M	34	Fundamental completo
Hortifrutis	Permissionário 9	Box	F	59	Fundamental completo
Hortifrutis	Permissionário 10	Box	F	51	Ensino médio incompleto
Hortifrutis	Permissionário 11	Pedra	M	69	Fundamental incompleto
Hortifrutis	Permissionário 12	Pedra	M	66	2ª série fundamental
Hortifrutis	Permissionário 13	Pedra	M	66	4ª série fundamental
Hortifrutis	Permissionário 14	Pedra	M	61	Fundamental incompleto
Hortifrutis	Permissionário 15	Pedra	M	58	4ª série fundamental
Hortifrutis	Permissionário 16	Pedra	M	54	4ª série fundamental
Hortifrutis	Permissionário 17	Pedra	M	53	4ª série fundamental
Hortifrutis	Permissionário 18	Pedra	F	57	4ª série fundamental
Flores	Permissionário 19	-	M	53	4ª série fundamental
Flores	Permissionário 20	-	M	47	Superior completo
Flores	Permissionário 21	-	M	36	Superior completo
Flores	Permissionário 22	-	F	69	4ª série fundamental
Flores	Permissionário 23	-	F	46	Ensino médio completo
Flores	Permissionário 24	-	F	44	7ª série fundamental
-	Outros - F	-	M	50	Técnico completo
-	Outros – P.S	-	M	40	Superior completo

O ABASTECIMENTO CENTRAL EM CAMPINAS

A história da centralização do abastecimento em Campinas teve seu começo muito antes da inauguração da Ceasa em 10 de março de 1975. Os permissionários e fundadores ouvidos na pesquisa resgataram em suas memórias fatos, lugares e imagens que remontam desde a infância, quando começaram a trabalhar com os pais na roça, seja no plantio seja na colheita.

É como afirma Brandão (1983, p. 67):

Cedo na vida das crianças camponesas iniciam, com os pais e irmãos mais velhos, o aprendizado dos ofícios caipiras do rancho, do terreiro, da roça e da mata. [...] Cedo também o menino cuida com o pai de assuntos do quintal e leva “pros homens” a comida diária, quando a roça é longe do rancho. Um pouco mais tarde meninos aprendem, no ofício do trabalho, os segredos do lavrar e trabalham com os pais, tios, padrinhos e outros “mais velhos” nos diferentes “serviços do lavrador”.

Através do relato do Permissionário 1 foi possível identificá-lo como aquele que tem maior tempo de atuação no comércio entre os entrevistados, aproximadamente 65 anos. Ele, muito entusiasticamente, falou do seu início em Campinas com sua família:

Eu sou nascido aqui em Campinas, meu pai com a minha mãe era italiano, eles vieram morar numa fazenda, Cachoeira, acho que é Serra D' Água agora, mudou. Era meu pai com minha mãe, depois compraram um sítio aqui em Betel, foi lá por meados de 1900... acho que 10 por aí, [...] começou a cultivar que era só mata, né? A estrada não era ainda bem... 1900? Acho que era 1880 ou 1890 se eu não estou enganado; aí começou picar, derrubar e plantar café, banana; plantou laranja, e daí foi montando mais um pedacinho, daí mais um pedacinho, e hoje tem lá um grande pesqueiro [...].

Assim como ele, outros fizeram relatos semelhantes:

Bom eu comecei, comecei trabalhar com sete anos, eu sempre eu brinco com a turma que graças a Deus, eu fui na escola pouco....

Foi 1º e 2º ano só, ih...eu nunca fiz lição d' escola, quando eu saía da escola eu ia ajuda meu pai, carpi café, aquelas coisarada... [...] aqui em Campinas mesmo... Aí fomos, aí trabalhamos de olaria, e depois com 11 anos, nós entramos trabalhar numa chácara. Essa chácara tinha muita uva de vinho, e nós entramos lá trabalhando de meeiro. Ficamos um ano só. Daí fomos em outra que aí só tinha uva da niágra, nessa ficamos mais 6 anos... (Permissionário 12).

Nós batalhamo muito na lavoura, estudando, trabalhando, praticamente foi tudo com muita dificuldade, né, na roça... A gente plantava a parte de legumes, verdura... No começo, no começo meus pais [...] como trabalho de empregado, corta cana, [...], depois foi trabalhar com a parte de plantio de algodão, mas aí tem mais colegas, parentes que plantavam verdura, legumes, partimos mais pra isso porque procurando dar um pouco mais de renda pra família [...] trabalhar pra render mais, por exemplo, procurar o melhor pra família, né, procurando ser proprietário até onde chegamo hoje, né? (rindo) Começamo com seis anos acompanhando a mãe, [...] porque nós somos em sete irmãos, tem três mulher e quatro homem, né? (Permissionário 11).

Com 6 anos (rindo), cortava cana. E não era escravo não que nem se diz hoje. Eu tinha que acompanhar eles pra sobreviver. E criou 11 filhos sem pedir ajuda pra governo nenhum, viu? (Permissionário 13).

Com 7 anos fui pra escola, fiz o 4º ano primário só, então era meio período na escola, meio período na roça, não fazia serviço pesado, mas acompanhava meus pais. Produzia...Na época era criança, era banana, era café, né? (Permissionário 15).

Como relata Bosi (2003, p.54): “A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como *testemunha* e *intérprete* daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive”. Em se tratando de família de agricultores, associou-se sempre o trabalho em conjunto repartido cotidianamente, no qual o marido, a mulher, os filhos mais velhos e até pequenos (crianças), poderiam tanto realizar tarefas comuns quanto àquelas atribuídas de acordo com a idade, o sexo e a posição que ocupam dentro da própria estrutura familiar. Os meninos, em especial, ao acompanharem seu pai (ou os mais velhos) na labuta diária do campo, eram preparados não só para se tornarem parceiros eficientes de trabalho, como também profissionais do ramo capacitados para o futuro (Brandão, 1983).

2.1- O Mercado de Hortigranjeiros

No tocante à comercialização, a história desses e de outros permissionários traz como principal ponto de referência o Mercado Municipal da cidade. Citado por eles como Mercadão ou Mercadão Velho e ainda Mercado Velho, foi o primeiro centro de comercialização organizado em Campinas, que no dia 12 de abril de 2008 completou 100 anos de existência.



Fonte: Lemos, 1993.

Figura 1- Mercado Municipal de Campinas no início do século XX.



Fonte: Francine Trevisan.

Figura 2- Mercado Municipal de Campinas restaurado, em foto recente.

Tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT em 1982 e, em 1995 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas - CONDEPACC, o Mercado Municipal funciona até hoje com 143 lojas,

vendendo desde hortaliças e frutas até produtos como temperos, fumos, etc., atendendo cerca de mais de 10 mil pessoas diariamente (Prefeitura Municipal de Campinas, 2008).

Em 1905, quando o Mercado foi projetado, sua localização foi estrategicamente planejada: deveria estar numa região de fácil acesso aos produtores vindos dos sítios e regiões mais distantes; daí o fato de ter sido construído numa área que delimitava o perímetro urbano e rural, tornando-se importante ponto de encontro dos moradores da cidade e do campo, principalmente aos domingos. O Mercado Municipal marcou, seguramente, uma nova etapa na vida econômica da cidade, no início do século XX, cuja população consistia em pouco mais de 30 mil habitantes (Prefeitura Municipal de Campinas, 2008).

Alguns dos entrevistados foram testemunhas fiéis da época do Mercado, especialmente nos anos 40, retratando com orgulho e satisfação alguns detalhes preciosos de suas vivências de então: as condições de trabalho, as dificuldades enfrentadas, as conquistas realizadas.

Foi em 1946, com uma carrocinha, vender banana, no Mercado Velho. Era com uma carrocinha, com um animal, e vendia. Começamos, realmente eu casei em 46 e daí já começamos a vender banana no Mercado, foi até 1951, daí nós compramos um caminhãozinho e começamos vender; o primeiro a vender banana em cima do caminhão no Mercado Velho fui eu. Então começamos a vender, vendia-se banana tudo em caixa, aquelas caixas de querosene, 250 em cada caixa, às vezes não cabia a fruta era graúda; depois começamos sem contar, enchia a caixa e vendia daquele jeito. Eu tinha 23 anos.

(A respeito das bananas que vendia...) Era do sítio nosso, mas daí depois como foi aumentando as vendas, a gente comprou um caminhão, aí a gente começou a comprar fruta de outros vizinhos do litoral, comprei muita fruta no litoral, Santos Juquiá, hoje ainda tem muito, mas naquele tempo tinha

mais, era muito produtor. A gente tomava o trenzinho, ia a Santos de ônibus, tomava o trem ali na Estação da Sorocabana que ia até Juquiá, era mais ou menos, 200 km que levava umas seis horas de viagem... Então isso levava um dia, dois; só de viagem era um dia. Aí a gente ia numa estação aonde tinha bastante banana, que carregava pelos vagões que era exportação, aí a gente chegava lá e comprava porque aquelas frutas às vezes era muito bicuda, ou muito não sei o que, era um padrão só exportação, só tinha que ter caixa de 9 kg pra cima, tantos kg, né? Aí a gente comprava o que sobrava porque era tudo fruta boa, a gente era meio desconhecido, então chegavam (referindo-se aos produtores):

- Ô campineiro, você tem dinheiro pra comprar, pagar?

- Tenho; pode carregar. Quantas caixas o senhor tem?

- Tenho mil caixas.

- Quanto dá?

- ...Tanto.

Pagava, carregava e despachava pra Campinas. Fiz muito tempo isso. [...]

Foi nós, foi eu mesmo, meu irmão ajudando que começamos; nós vamo vende banana e nós fomo vende banana. Naquele tempo no Mercado Velho era só chacareiro e latas de verdura, nem caixa não existia porque era tudo pouquinho, [...] era de dúzia, levava no braço entregando, aquelas coisa, diferente do que é hoje. Hoje é caminhão, naquele tempo era carrocinha de chacareiro; digamos assim Saca da Barra era só chacareiro, não tinha aquela região bonita que é hoje...

(A respeito do tempo que ficou no Mercado) Mais ou menos 30 anos (Permissionário 1).

É oportuno destacar no relato deste permissionário a sua postura empreendedora e, porque não dizer, transformadora da economia agrária da época. Enquanto “*naquele tempo no Mercado Velho era só chacareiro e latas de verdura*” e “*carrocinha*”, ou seja, pequenos produtores comercializando apenas os próprios produtos em pouca quantidade, ele foi o primeiro comerciante a somar à própria produção a compra de terceiros e vender grande quantidade de bananas em caixa, em cima de um caminhão, tornando essa a sua principal atividade, marcando assim um novo momento e, possivelmente, imprimindo uma característica vanguardista para a atividade de comercialização de hortifrutis.

Outro exemplo bastante interessante nesse aspecto, foi citado pelo Permissionário 7 ao descrever o início da trajetória de seu pai, permissionário aposentado, de quem herdou a atividade, o negócio e a habilidade em comercializar:

O meu pai ficava na pista pedindo pro guarda rodoviário parar os caminhões de banana; ver se podiam (referindo-se aos caminhoneiros) vender a banana pra ele.

(Referindo-se ao pai) vendia em cima do caminhão na rua, gritando pra D. Maria e vendia também aqui no Mercado.

Na época um dos produtos que tinha o ano inteiro era banana; melancia, abacaxi era tudo sazonal, de época; melão quase nem existia, uma vez por ano, então esses caminhões vinham todos direcionados a São Paulo [...]

E às vezes, no início aí de carreira, de tentativa de atividade comercial na vida, o meu pai resolveu parar esses caminhões de banana e começou comprando alguma coisa, depois resolveu comprar um caminhão inteiro. E começou assim, parando caminhões, vendo se podia vender, levava o dinheiro, pagava, desviava o caminhão, e assim começou a história, vendendo banana na rua e o que sobrava, aqui no Mercado de Campinas, atacado, em cima do caminhão em caixas que eram chamadas de querosene que realmente eram caixas que

eram usadas pra querosene há muitos anos atrás e reaproveitadas pra uma porção de coisas. Virou um padrão de caixas de comercialização de tomate, de chuchu, de todas hortaliças, leguminosas e frutas, justamente porque tinha em abundância desde o passado decorrente do querosene que era usado pra lamparina, pra isso e pra aquilo, aí acabou a energia, mas o padrão da caixa permaneceu o mesmo (Permissionário 7).

Aliada à necessidade de sobreviver e ao desejo de vencer na vida, a comercialização da banana também apareceu como mola propulsora na história do Permissionário 2:

Eu comecei vindo de Fernandópolis; eu sou nascido e criado em Nipua, Estado de São Paulo, além de 64 km de São José do Rio Preto, então eu trabalhei com lavoura aqui (referindo-se a Fernandópolis), perdi a lavoura e aí eu tinha 6 filhos e então a situação ficou difícil, fiquei devendo. E aí eu vim pra cidade grande pra ver se arrumava serviço, né? E então, vindo e chegando em Campinas eu vi o processo de banana; naquele tempo vendia banana... Eu fui observando, eu sempre fui observador, toda as vezes que eu chegava em qualquer lugar, eu era observador, via como é que funcionava, como é que fazia, como é que não fazia então eu vi que se vender banana dava dinheiro. E eu comecei pegando resto de banana e vendendo nas casas, aí depois comecei comprar 200 kg, 300 kg, e aí eu comecei... Fiquei seis meses aqui em Campinas na casa de um amigo, levando essa vida...Então eu vim pra cá em abril, de 1970. Eu comecei então aí, depois já em junho eu abri uma firminha e comecei a vender no Mercado Municipal, e lá comecei, Deus me ajudou primeira coisa, sempre fiz por donde ser honesto e digno, então acho que isso é o que ajuda a pessoa, sempre tive uma convicção, uma fé em Deus, nós temos um Criador acima de tudo, e daí foi no Mercado Municipal e trabalhei um ano [...] (Permissionário 2).

Em suas histórias, os Permissionários 14 e 3, além do empreendedorismo, evidenciaram suas habilidades para comercializar desde crianças. Orgulhosos ao comentar suas realizações infantis, transmitiram a certeza de que tais atributos lhes propiciariam, *a posteriori*, realização profissional e uma vida mais confortável.

Até os 17 anos eu carpia café na lavoura, vim pra cidade, eu estudei naquela escolinha do interior, [...] só que eu tive essa vocação pro comércio. No interior, sabe o que eu fazia com nove anos? Eu comprava frango no sítio, ia a cavalo buscar, trazia onde eu morava; no interior tinha o caminhão de leite que passava, eu punha em cima do caminhão de leite, minha avó morava na cidade já nessa época, eu trazia na casa da minha avó e saía pra rua vendendo frango sozinho, com nove anos; ninguém me ensinou.

Com 17 anos eu vim [...] do interior (Monte Alegre do Sul, região de Amparo), trabalhava no sítio, no interior, nós trabalhávamos com o tio, a gente não tinha nada... Quando eu vim trabalhar num armazém no mercado também, e de lá, uma, a minha tia que arrumou emprego pra mim, me trouxe do interior pra cá. Aí ela comprou uma banquinha pra mim lá no Mercado Municipal, aí trabalhei vários anos ali, depois eu mesmo vi o atacado, comecei a trabalhar no atacado por minha conta sozinho... Sem a ajuda de ninguém (Permissionário 14).

Eu iniciei na verdade criança né, com nove anos, no Mercadão Velho quando o abastecimento era feito no Mercadão Velho, no Mercadão aqui da cidade. Eu, me marca muito bem os meus 49 anos de atividade, por causa da Copa do Mundo de 58, então eu tinha nove anos, né, e como eu vou fazer 59, então o ano que vem marca 50 anos de abastecimento. E interessante que era tudo muito rude, Campinas atendia basicamente a cidade e algumas cidades circunvizinhas, o abastecimento, né; os hortifrutis e o hábito de trabalho lá era muito, muito grosseiro, os armazéns não existiam, as mercadorias existia como varejo e o atacado que chamava

de atacado, era caminhões que meu pai tinha, por exemplo que ficava fixo e até pé de feijão nascia debaixo dos pneus; então poderia ter fixado como um ponto adquirido pra comercialização dos produtos do meu pai. Apesar deles terem a característica de ser caminhão, eles eram um depósito realmente; a única coisa que colaborava é que as mercadorias eram um pouco mais resguardadas porque quando chovia muito e dava muita correnteza de água, às vezes os produtos desciam praticamente água abaixo, né? E ia lá pra (Avenida) Orosimbo Maia, mas isso era normal acontecer, então era muito precário o abastecimento na época, e os caminhões [...] tentar criar um critério de horário, de começo do trabalho e até me lembro que eles subiam quase até a (Rua) Francisco Glicério aquelas filas de caminhões tal... É essa a origem do abastecimento de Campinas e eu já trabalhava com meu pai. Já acompanhava meu pai na verdade; com dez (anos) eu passei a ter noção de alguma coisa, limpar melhor o alho tal; com 11 anos eu já praticamente pegava as restinhas de alho, ia na boca de feira vender pra ajudar o orçamento da família; com 12 anos, uma história interessante que a gente sente saudade, que com 12 , 13 anos, além dos cheques que meu pai recebia, pelo pagamento das mercadorias, os companheiros vizinhos assim de caminhões, me dava esses cheques pra sacar na boca dos caixas dos bancos e trazia tudo em dinheiro, então eu tinha um tipo de embornal no ombro e eu ia de caixa em caixa de banco, isso pra dizer que naquela época, jamais imaginava os assaltos, a criminalidade, né? Então eu fazia esse trabalho e já passava a ter os meus quinhõezinhos. Essa oportunidade de história é interessante que o mercado funcionava a noite inteira, só que tinha pico; às 10 da noite, ele diminuía o movimento e voltava depois das 2, 3 da madrugada, e eu lembro que eu ficava debaixo de encerado, pra descansar um pouco, ter um tempo de descanso. Eu continuava, ficava no mercado, além dos produtos do meu pai, aqueles fruteiros que encalhavam com o pêssego, ou com a uva, era época de uva, eles deixavam pra mim vender e eu ganhava já alguns trocados. Aí eu descobri também que comprando esses produtos como eles gostavam

muito de mim, e faziam preço barato porque eu era meio garotinho, eu já aprendi a ganhar dinheiro com 12, 13 anos, porque passava a noite vendendo também, além de vender os produtos do meu pai, a uva, pêssego... Então é uma história que marca até hoje [...] (Permissionário 3).

“Uma história que marca até hoje [...]”. E não poderia ser diferente quando se trata da própria história de vida... Dentro da nossa história cronológica habita uma outra história “[...] mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam (Bosi, 2003, p.23-4)”. As imagens, os lugares, as memórias evocadas com tanta espontaneidade e vivacidade fazem parte daquilo que Bosi definiu como “Tempos Vivos”, ou seja, tempos realmente vividos em sua plenitude, nos quais então, a percepção e os sentimentos avidamente presentes evocam o passado com tanta nitidez, que nos revelam aquilo que somos. A “História Oral”, as “Histórias de Vida” resgatam do vínculo que temos com o passado, a sustentação da nossa identidade no momento presente (Bosi, 2003).

São experiências de que também nos falaram os Permissionários 11 e 12, respectivamente filhos de imigrantes japoneses e italianos, com relação à abundância de trabalho nas lavouras e a garantia no momento comercialização:

Começamo no Mercadão, eu já plantava e já conhecia o Mercadão, já negociava alguma coisinha de verdura [...] viemo pra cidade , mas naquela base né, com aquela dificuldade, alugando casa, mas [...] com saúde e batalhando com a família tudo, mas graças a Deus uns dois anos nós ficamos até ganhando uma experiência, né, no comércio, negociando, [...] com caminhão, fazendo frete, mas sempre dando aqueles passo, né, uma época muito boa, de muito trabalho (Permissionário 11).

Quando nos começamos no Ceasa vender nossas uva, era lá no Mercadão Velho de Campinas. Era tão bom nossa! Nós ia lá com o caminhão de uva lá e não levava 5 minutos nós vendia tudo, era uma barbaridade! (Permissionário 12).

É interessante destacar que, na memória dos entrevistados, o fato de trabalhar muito evoca a idéia de bons tempos.

Acompanhando os permissionários em sua história de trabalho, chegamos ao Jardim do Lago ou Ceasinha, espaço provisório que os permissionários ouvidos na pesquisa utilizaram para a comercialização de seus produtos, até ficarem prontas as instalações da Ceasa Campinas.

O Centro de Abastecimento Provisório - CEAB, instalado em 1971, reunia condições físicas mais favoráveis ao trabalho dos comerciantes e produtores, pois diferentemente do Mercado Municipal, dispunha de uma área maior e galpão coberto.

Aí começou procurar aonde tinha que ir, aonde não tinha que ir... Vamos mudar, no Mercadão ninguém podia mais, era muito trânsito, porque ficou pequeno, daí juntou muito caminhão, vinha gente de fora, toda aquelas coisa, daí fomos no Jardim do Lago [...] (Permissionário 1).

Conforme ia mudando, nós ia mudando junto. Quando foi pro Jardim do Lago já melhorou porque era coberto. No Mercadão era livre, sem cobrir; então tinha vez que nós chegava com caminhão de uva lá e chovendo, eu ficava com o guarda-chuva aberto e meu irmão com a prancheta marcando a uva (que era vendida) (Permissionário 12).

Segundo relatos dos Permissionários 13 e 15, na Ceasinha havia "luz e asfalto; era um barracão feito de madeira, coberto com telhas", cujos espaços eram demarcados no chão, a exemplo das pedras existentes nos Mercados Livres da Ceasa Campinas. Apesar disso, as condições de trabalho ainda não atendiam plenamente às necessidades dos comerciantes, que lá permaneceram, provisoriamente, por aproximadamente quatro anos:

Fomos no Jardim do Lago mais quatro anos se eu não tô enganado, quatro, quatro e pouco. Lá era triste; era feio, fora de mão; era chuva, era sol, era vento, era triste... Tinha uns

barracõezinhos, né, telhados com uns postes de madeira, aquela coisa tudo improvisada (Permissionário 1).

Até que chegou, por fim, o dia da inauguração da Ceasa Campinas – 10 de março de 1975, quando todos aqueles comerciantes, vindos do Mercado e Jardim do Lago, puderam se instalar apesar das obras estarem ainda inacabadas. Cabe ressaltar, todavia, que desde a época do Mercado Municipal, os permissionários fundadores já haviam feito um cadastro, assegurando-lhes o direito de poderem comercializar seus produtos nesses locais, aquilo que o Permissionário 13 chamou de “*cadeira cativa*”. Obviamente, esse direito implicava no pagamento do uso do espaço em todos eles (Mercadão e Ceasinha), uma espécie de aluguel, o que não seria diferente nas novas instalações da Rodovia Dom Pedro.

Quando se mudaram para a Ceasa, nem todos os comerciantes encontraram seu espaço (pedra) pronto. Só existiam os Galpões Permanentes 1 e 2, onde se localizavam os boxes; o Mercado Livre Central ainda estava em construção. (Permissionário 3)

Assim, a experiência de chegada à Central de Abastecimento de Campinas variou de permissionário a permissionário, exceto por um aspecto: todos pareciam exultantes, esperançosos com as possibilidades de expansão que o novo local lhes prometia.

Aí, quando chegou pra nos transferir aqui pra Ceasa, eu fiz requerimento pra vir aqui pra Central. [...] Muito box, tinha muita vaga [...] Na hora da pesquisa lá, ele falou (referindo-se à pessoa responsável pelo cadastramento):

- Teu box está lá.

- Que bom! [...] Eu não acreditei, porque a gente não tinha condições de comprar aquele box. [...] É difícil porque a gente não tem experiência...

- Vamos fazer uma visita, que lá é assim, assim... tem muita melhoria.

- É vamos tenta, né? (permissionário)

- Você tá com muita dúvida, mas vai ser muito legal aqui.

Graças a Deus lutamo 30 anos ali, 31 anos, e foi crescendo [...]
(Permissionário 11).

E vindo aqui pro Ceasa eu não consegui nem pegar pedra, nem box, porque não tinha nome, não era conhecido, não era nada, né? Então com meu trabalho, eu fui trabalhando, aonde que é a DPaschoal ali (referindo-se ao local onde atualmente está instalada a DPaschoal dentro da Ceasa), eu trabalhava na terra lá; eu tinha uma lona preta, [...] e comecei ali. E aí depois a diretoria viu o esforço, a luta, e me deram meio box, e aí foi aonde que foi indo, e tamos com a firma aí hoje, hoje é os filho, o genro que toca, e eu me acho realizado na minha vida
(Permissionário 2).

Nós viemo aqui (referindo-se à Ceasa) e eu fui o primeiro a fazer uma câmara fria pra madurar a banana; o primeiro em Campinas. Porque eu tinha lá em casa, depois de lá precisava fazer aqui, aí eu fui o primeiro a fazer (a câmara) aqui
(Permissionário 1).

Várias soluções para os problemas de comercialização foram vislumbrados pelos permissionários e, as soluções propostas persistem até hoje, já adaptadas às tecnologias atuais.

No Mercado Livre Central - MLC, ainda em construção, a transferência dos permissionários aconteceu distintamente, de um para outro, assim como foi explicado por alguns deles. Tanto o Permissionário 12 quanto 13, até hoje no MLC, ao chegarem na Ceasa, em março de 1975, não ocuparam suas pedras de destino. Ficaram trabalhando provisoriamente em barracões de alumínio e só depois de aproximadamente um ano, mudaram-se definitivamente.

Agora quando nós fomos lá no Ceasa [...] saiu aqueles box, aquela primeira pedra lá no Central só (referindo-se ao MLC) ... Então já tinha tudo, já tava marcado, né? [...] Mas nós pagava o módulo por dia; cada dia que ia (comercializar) pagava. Não era dono como é agora, pagava a diária. Então era tudo

barracãozinho de lata, às vezes chovia ficava tomando não chuva, não era chuva, tomando friagem, mas fora era terra tinha vez que pisava no barro... Não tava cimentado... [...] Eles (referindo-se à diretoria da Ceasa) falaram que ia construir um barracão grande (o MLC) e quem quisesse... A gente deu o nome, ia pagando já por mês e quando construiu, já tava tudo pago e só foi entrar, né?

Eu tinha, quando eu comprei a primeira vez, eu tinha duas (pedras), depois teve os outros que desistiram, eu comprei dos outros mais duas, fiquei com quatro. Hoje tô com três que vendi uma, e agora eu tava querendo vende mais uma e ficar só com duas (Permissionário 12).

Aqui na Ceasa, não tinha tudo pronto (referindo-se ao MLC). Teria que ficar num barracãozinho, até poder mudar (referindo-se aos permissionários que já tinham sua pedra reservada no MLC) (Permissionário 13).

Já o Permissionário 17, que começou a trabalhar na Ceasa poucos anos após sua inauguração, vivenciou por quatro anos o esquema de pedra avulsa, até se consolidar definitivamente dentro da Central:

Aí eu comecei a comercializar no Ceasa. Naquele tempo aqui era pedra avulsa [...] Era sofrido aqui dentro. De madrugada, pegar lugar, não tinha pedra fixa. Fiquei até 82, 83. Quem começou aqui foi o meu irmão. Meu irmão trabalhou dois anos e depois passei eu. Mas trabalhei aqui uns quatro anos, aí quando tava produzindo bastante, aí me deram a pedra a D 37, que é essa daqui até hoje e essa pedra eu estreei ela no dia de Nossa Senhora Aparecida, essa foi uma benção! Pra eles darem uma pedra tinha que ter uma quantidade de mercadoria, e eu tava tendo. Aí eu passei a pagar mensal. Depois eu comprei a D 36, a D 35, aí comprei a 38, e aí eu passei a comprar. Hoje eu tenho quatro pedras.

Hoje, o Mercado de Hortigranjeiros da Ceasa Campinas conta com quatro GPs (1, 2, 3 e 4), quatro MLs (1, 2, 3, e Central), dois Pavilhões de Beneficiamento – PBs, 1 e 2, e um Pavilhão de Alho, Batata e Cebola – PABC; concentra 707 permissionários nas pedras e 134 nos boxes, totalizando 841. Estima-se que deste total, 65% sejam comerciantes e 35% produtores (Departamento de Mercado de Hortigranjeiros – DMH, 2007).

Com 110 mil m² de área coberta, é o quarto maior centro atacadista do Brasil em volume de comercialização, onde são vendidas aproximadamente 609 mil toneladas/ano de frutas, legumes e verduras, totalizando cerca de R\$ 406 milhões.

Recebe mensalmente por volta de 20 mil clientes, oriundos de todo o país e dos mais variados ramos de atuação, dentre os quais: atacadistas, supermercados, varejões, hotéis e restaurantes. Dispõe de mais de 4,5 mil compradores, abastecendo cerca de 500 municípios. Conta com uma imensa variedade de hortifrutis praticamente o ano todo, pois reúne fornecedores em mais de 700 localidades, tanto de outros estados brasileiros quanto do Mercosul, principalmente Chile e Argentina (Ceasa Campinas).



Figura 3- Mercado de Hortigranjeiros – GPs e ML

2.2- O Mercado de Flores e Plantas

O Mercado Permanente de Flores e Plantas Ornamentais da Ceasa Campinas foi criado em 21 de julho de 1993, a partir da fundação da Associação dos Produtores e Comerciantes do Mercado de Flores de Campinas – APROCCAMP:

A Associação dos Produtores e Comerciantes do Mercado de Flores de Campinas, Aproccamp, foi fundada em 21 de julho de 1993 por um grupo de produtores de flores que se uniram com o objetivo de construir um mercado que tivesse fácil acesso e que fosse localizado em um grande pólo de comercialização (Ceasa Campinas).

Alguns produtores que já comercializavam seus produtos na CEAGESP, em São Paulo, liderados pelo proprietário da Mac Flora, importante comerciante e produtor de mudas e plantas da região, foram os precursores da idéia, como nos contou o Permissionário 20, há 13 anos na Ceasa Campinas:

[...] na Ceasa de Campinas, a flor iniciou, foi o movimento aí de alguns produtores, principalmente puxados pela Mac Flora, do Rubens Mac Fadden, um viveiro grande que fomentou esse mercado, e precisou vamos dizer, angariar gente, produtores pra vir, ele foi buscando [...] um a um no Ceasa São Paulo. Só tinha em São Paulo, ele trouxe o pessoal pra cá e iniciou...

A APROCCAMP foi fundada [...] pra poder fazer o mercado, porque o Mercado de Flores quem construiu foram os permissionários, a Ceasa deu a área, mas nós quem bancamos a obra. Pra que isso pudesse ser feito em solo público tinha que ser via uma associação, então foi feita a associação pra poder criar o mercado.

Quando o Mercado de Flores passou a funcionar, os permissionários utilizaram o estacionamento da Central, debaixo das árvores, onde vendiam os seus produtos - flores, folhagens, mudas, etc. Posteriormente foram transferidos para os galpões do mercado de hortifrutis (GPs), até que por fim, custearam as

novas instalações do referido mercado, tal qual nos relatou o Permissionário 19, também vindo da CEAGESP:

São Paulo nós herdamos do patrão, era deles e eles passaram o ponto pra nós. Campinas, como São Paulo tendo flor, Campinas também se interessou pra ter e mandou carta pra nós, convidando pra vir fazer uma reunião. Nós viemos, e começamos acho que nuns 50, 60 (referindo-se ao número de comerciantes que iniciaram as atividades em Campinas), eu não lembro bem na época; nós começamos vender ao ar livre, debaixo das mangueiras ali, e depois fomos pros galpão ali em cima, mas não dava certo; a fruta com a flor sempre tinha problema, porque eles (comentando dos permissionários dos hortifrutis que usavam os boxes) queriam deixar a mercadoria sobre o box deles e nós não podia usar. Então daí fizemos uma reunião e decidimos, o Ceasa reservou essa área aqui, e nós investimos e fizemos esse.. (referindo-se a área construída para a comercialização das flores e plantas).

Eles (referindo-se à administração da Ceasa) fizeram e financiaram; quem pagou foi os atacadistas. E até a manutenção disso aqui é tudo por nossa conta. Nós pagamos manutenção, aluguel e tudo, tudo; aqui o Ceasa só administra.

As novas instalações do Mercado de Flores foram inauguradas em fevereiro de 1995 numa área de 18.872 m². Com a ampliação ocorrida em 10 de julho de 2000, o mercado alcançou a área de 29.900 m², com infra-estrutura adequada aos usuários e clientes: sanitários, restaurantes, lanchonetes, telefones públicos, etc.

É o maior mercado da América Latina e o primeiro mercado permanente de flores com área coberta do Brasil. Conta com 504 boxes, oito áreas para depósito e armazenamento de mercadoria, além de câmara fria para estocar flores envasadas e cortadas (Ceasa Campinas, 2002).

Seus produtos chegam de Minas Gerais, Rio de Janeiro e de várias cidades de São Paulo, totalizando 62 municípios. A maioria dos produtores é de Atibaia (70%) e os demais vêm de outras localidades como: Holambra, Piracaia,

Campinas, Limeira, São Paulo, Arujá, Jacareí, Cotia, Registro, Ibiúna, Salesópolis, São Roque, São José dos Campos, dentre outras (Ceasa Campinas, 2002).

Alguns permissionários são oriundos de outros Estados, como Santa Catarina e Minas Gerais, deslocando-se semanalmente para Campinas (Monteiro, 2007).

O Mercado de Flores congrega hoje 356 permissionários dos quais, aproximadamente, 80% são produtores (Departamento de Mercado de Flores - DMF, 2008). Está dividido em cinco setores: flores e folhagens cortadas; flores e plantas verdes embaladas; flores e plantas ornamentais, jardinagem e paisagismo; atacadistas e acessórios (Ceasa Campinas, 2002).



Figura 4- Mercado Permanente de Flores e Plantas Ornamentais.

A trajetória profissional dos permissionários participantes da pesquisa trouxe experiências bastante diversificadas, mas não menos tocantes e valiosas, para uma maior compreensão da história e do papel da Ceasa Campinas.

Resgatemos algumas delas, retomando o relato do Permissionário 19, proveniente de Holambra, que iniciou suas atividades em uma fazenda de laranja, onde ele e sua família trabalharam como empregados até ele completar 22 anos:

Eu comecei a trabalhar com 14 anos; trabalhava na lavoura em colheita de frutas, depois com o tempo eu tirei carta e de lá pra cá sempre vim dirigindo, trabalhando como motorista, ajudante, e foi isso ao longo da minha vida até chegar mais ou menos aos meus 35 anos. Aí eu passei a trabalhar com flor como funcionário. Depois de 1993, eu tive a oportunidade de trabalhar por conta, ser atacadista (permissionário) e esse foi o longo da minha vida nesse período de trabalho. Assim esse período de trabalho no rural, enquanto nós tava no rural, na roça e lavoura, essas coisas, não tinha estresse; eu comecei a me estressar e perdi, como diz, a minha paz quando eu comecei a trabalhar por conta e fui lidar com firma, com funcionários, horário e flor e cobrar e vende, isso veio a prejudicar bastante a minha vida e a minha saúde [...].

Este permissionário precisou mudar seu ramo de atuação aos 35 anos de idade, haja vista a transição pela qual passou a produção agrícola de sua cidade, Holambra:

Porque a fruta foi caindo, foi perdendo o valor, e essa parte já não dava mal à sobrevivência, então começou surgir a flor. Na época a flor era um produto valoroso, enriqueceu muito os holandeses; nosso município é ocupado com flor, lá tem flor de toda espécie, tudo, produção, estufa, então tivemos obrigado, nós fomos a passar com flor ou mudava da cidade. Então Holambra se vira em torno de flor [...] (Permissionário 19).

Para ele, a mudança no tipo de produto manuseado, também significou três anos depois, a oportunidade de passar de empregado a proprietário, quando então seus antigos patrões como produtores, passaram a entregar sua produção para o *Veiling®* Holambra, um grande centro de comercialização de flores e plantas, responsável por 40% do consumo destes produtos no país (Veiling Holambra, 2008). Esse permissionário tornou-se um atacadista. As principais implicações que esta “virada” lhe acarretou serão apresentadas no capítulo intitulado “O Trabalho dos Permissionários e o Seu Estado de Saúde”.

Porque até então nós trabalhávamos de funcionário, e como não havia um controle muito eficaz pra controlar toda a venda, então o que é que os patrão fizeram: chamaram nós, mandaram nós embora, e cada um comprou o caminhão e o lugar que trabalhava, quer dizer que nós fomos obrigado a virar atacadista, porque ou nós pegávamos o serviço ou o outro pegava. Então chegou e falou (referindo-se aos antigos patrões):

- Agora cês não são mais funcionários; agora nós vamos centralizar nossa venda no local (Veiling Holambra), vocês comprem de nós e revendem.

Foi quando terceirizou, né? Aí cada um de nós teve que abrir uma empresa, uma firma de atacadista, comprar deles, pagar eles e vender pra nós fora do mercado (Permissionário 19).

As mudanças ocorridas na vida deste permissionário podem ser situadas naquilo que Ianni (2002) chamou de intensivas e extensivas transformações que o capitalismo globalizado provocou no mundo trabalho e nas sociedades com um todo, seja em escala global, seja em âmbito nacional.

Certamente que o mundo agrário existe, mas bastante transformado pelas exigências da industrialização, em que as tecnologias eletrônicas e informáticas, a despeito de suas inovações e vantagens, mudaram radicalmente a face do campesinato. Aqueles que quisessem sobreviver ou se adaptariam às demandas do novo sistema ou sucumbiriam.

A flexibilização dos processos de trabalho acarretou a restrição do emprego estruturado (com direitos trabalhistas), a criação de outras formas de alocação de mão-de-obra como os empregos em tempo parcial, contratação por tempo determinado e a terceirização de boa parte dos serviços, em especial, das grandes empresas (Harvey, 1992). Tais características foram relatadas pelo Permissionário 19 ao evocar as transformações em seu trabalho e como se tornou proprietário.

O Permissionário 20, por sua vez, produtor de forração para paisagismo, iniciou na Ceasa a partir de uma sociedade constituída com um amigo:

Me formei em Agronomia, trabalhei em vários lugares no Brasil, trabalhei na Bahia, no Pará, aí eu voltei pra cá, já casado com um filho. Voltei pra São Paulo na verdade e desempregado. E depois de muito bater cabeça, o meu sócio Fernando me convidou, formou (em Agronomia) junto comigo ele e a esposa, e eles me convidaram pra trabalhar com eles junto no sítio. Eles tinham uma fazenda em São João da Boa Vista; eles iam mudar pra lá e precisavam que alguém tocasse o sítio, então eu vim, fiquei um ano sozinho lá. Eles venderam as fazendas e voltaram pro sítio, então nós tivemos que ampliar muito a empresa pra caber todo mundo, né? Mais ou menos nessa época, uns dois anos que eu tava lá a gente (eu faço Ceasa já há uns 13 anos), quando ele voltou, resolvemos passar fazer o Ceasa, nos ocupar também da comercialização. Aí, inicialmente, ele vinha toda a segunda e eu vinha toda quinta, e o serviço do sítio também acabava sendo dividido da mesma forma. Isso funcionou bem porque naquela época, o trabalho que a gente desenvolvia aqui na Ceasa era muito pesado pra gente, porque a gente é quem vinha dirigindo o caminhão; saía de madrugada, carregava o caminhão quando voltava à noite pra ir pra São Paulo, fazia São Paulo (referindo-se à CEAGESP), então era bem puxado.

Ele seguiu falando de sua trajetória, ressaltando as mudanças que foram acontecendo ao longo dos anos, do crescimento e consolidação do negócio e da atividade:

A gente trabalhava pesado. E aos poucos a gente foi mudando, passamos o crescimento da empresa contratando então motorista, na verdade a gente formou motoristas dentro do sítio com os funcionários nossos, e demos então oportunidade. Passaram a vir com o caminhão, e a gente pôde começar a vir de carro. E há cerca de uns três, quatro anos atrás, meu sócio

teve um problema de saúde e eu assumi a parte comercial, a esposa dele assumiu a parte de produção no sítio. Aí ele melhorou tal, mas nós conseguimos assim porque ficou mais bem dividido, o trabalho. Hoje o sítio funciona melhor nesse sentido, flui melhor.

Já o nosso sítio produz há 20 anos, mas era um negócio pequeno, porque como ele (referindo-se ao sócio) tinha as fazendas, a fazenda antes, depois a segunda quando ele precisou mudar, de café, ele não conseguia tocar, vamos dizer, no ritmo empresarial. O sítio era uma ajuda vai, eles moravam no sítio e ali faziam então, equilibrava as contas do sítio. Mas aí quando eu entrei, a gente começou a desenvolver e o mercado permitia, então foi um crescimento muito grande. A gente era pequenininho quando eu comecei, comparado hoje aos concorrentes da Ceasa, hoje a gente talvez seja o maior, veja, na minha opinião (Permissionário 20).

A permissionária 23, da cidade de Registro, também relatou sua trajetória profissional na Ceasa, salientando que há quase dez anos trabalha em Campinas, ainda que seu começo tenha sido em São Paulo, substituindo provisoriamente seu marido, também permissionário e produtor de plantas ornamentais:

Antes de casar era funcionária pública, larguei mão do funcionalismo público para poder trabalhar no mercado de flores da CEAGESP. Aí justamente meu marido quebrou a perna, ficou ausente e eu que vim pra Ceasa.

Ao ser questionada a respeito da mudança de ramo de atuação, ela acrescentou que:

Não foi cansativo, não foi estressante, muito pelo contrário. Conhecendo assim um mundo diferente, vendo todo dia coisas bonitas, plantas; todo dia a planta tá bonita. Todo dia ela amanhece com uma cor diferente, então isso dá muito entusiasmo pra que a gente também possa estar trabalhando e vendo coisas bonitas [...].

(Referindo-se às suas responsabilidades no trabalho) *Só fico com a embalagem, no corte e na venda. E ele (seu marido) se estressa mais porque tem que dar conta do capim, de afastar os bichos que são os grilos que corroem* (ela estava com a voz embargada)...

(Ao lhe ser pontuado que ela estava emocionada, comentou, depois de uma pausa...) *Acho que é vida, vida das plantas...[...] Acho que é porque a gente vê nascer uma planta, né? É como se fosse uma vida... [...] Porque não é uma coisa que nem máquina, né? Não é uma indústria, é uma planta diferente da outra [...]* (Permissionária 23).

Nascida em Marília (SP) e filha de sitiantes japoneses que plantavam verdura, ela se orgulha de suas raízes. As últimas palavras desse seu relato nos falam de algo ímpar e precioso que, especialmente a pessoa oriunda da terra, tem sempre vivo em sua consciência e sensibilidade: a magia e a força da natureza. Quem trabalha com a terra, “[...] lida diretamente com os mistérios da vida que reproduz” (Brandão, 1983, p. 50).

Uma outra entrevistada também descendente de imigrantes japoneses, a Permissionária 22, de Jundiaí, contou-nos que começara no ramo, ela e o marido por volta de 1979 produzindo mudas de jardinagem e forração:

Eu cuidava mais da produção e meu marido ia vender [...] no Ceasa de São Paulo. (Ao ser questionada a respeito de como chegara à Ceasa Campinas, ela respondeu...) Depois falaram que Campinas era de dia, né, então a gente queria trabalhar de dia e então passou pra cá, mas ficou a mesma coisa. [...] trabalha a madrugada.

Com o falecimento do marido há oito anos, ela se viu sozinha para dar conta de tudo até sua filha mais velha concluir o curso universitário e vir trabalhar com ela há uns cinco anos, dos dez que vem trabalhando na Ceasa Campinas. Sua filha é responsável tanto pela gestão do negócio quanto pela comercialização, hoje basicamente concentrada em folhagens, o que minimizou sobremaneira a carga de trabalho da permissionária entrevistada:

Ah, eu agora, antes eu trabalhava muito, mas agora já, quer dizer, trabalhar não trabalho mais assim. Eu organizo o serviço, nem que quiser trabalhar tá meio difícil, né, por causa da idade, eu trabalho assim em serviço mais leve, né? [...] fazer os maços, né, essas coisas eu faço né, mas assim de pegar numa enxada, querer fazer essas coisas não.

(Indagada a respeito da frequência que vem nos dias de feira, ela completou...) *Eu só venho na quinta, quem vem na segunda (e também às quintas-feiras) é a minha filha* (Permissionária 22).

Já os Permissionários 21 e 24, também entrevistados no Mercado de Flores, têm histórias bastante diferentes.

O Permissionário 21 vem de família de sitiantes que tinha gado de leite. Ele começou aproximadamente aos oito anos e trabalhou na ordenha das vacas até os 18. Quem ingressou no ramo de flores foi seu irmão que é técnico agrícola; a Holambra lhes ofereceu muda e acabaram deixando o ramo de leite há mais ou menos 10 anos quando passaram a cultivar violetas. O irmão cuida da produção e ele da comercialização. Atuam há dez anos na Ceasa Campinas comercializando tanto violetas de produção própria quanto da Holambra. Diferentemente do irmão, ele é técnico mecânico e tem formação superior em Administração de Empresas.

No que se refere à Permissionária 24, sua história é ainda mais *sui generis*: ela iniciou no Mercado de Flores por intermédio de seu marido que na época vendia defensivos agrícolas. Um de seus clientes propôs-lhe a venda de flores na Ceasa Campinas, ao que ele aceitou prontamente como uma nova oportunidade de trabalho. Com a grande insistência do marido, a permissionária que até então não trabalhara em vendas, passou a acompanhá-lo.

Para a surpresa de ambos, ela cativou e fidelizou de uma maneira tal a clientela que, depois de muitos acontecimentos nesse meio de tempo incluindo a separação do marido, estabeleceu-se como uma das comerciantes mais conhecidas do Mercado de Flores. Curiosamente, ela comercializa flores de outros permissionários também atuantes na Ceasa Campinas.

Assim como a grande maioria dos permissionários entrevistados nos GPs e MLs – Hortigranjeiros - as pessoas consultadas no Mercado de Flores são oriundas da terra. Todavia, cabe ratificar que as principais diferenças estabelecidas entre estas categorias estão relacionadas, obviamente ao tipo de produto a que cada uma se refere, como se apresentará adiante.

PRINCIPAIS DESAFIOS NO TRABALHO:
a ótica dos permissionários

A partir do Quadro 1 – Caracterização dos Entrevistados, é possível observar algumas particularidades que mostram as diferenças, em especial, entre os permissionários dos boxes (GPs) e das pedras (MLs) do Mercado de Hortigranjeiros.

Conforme foi descrito mais detalhadamente pelo único funcionário que participou da pesquisa (Outros – F) as diferenças entre os GPs e os MLs já estão presentes na própria estrutura física e espacial de ambos, que definem não só o custo do espaço (valor do ponto, aluguel, taxas), como também o tipo de produto comercializado, o tipo de clientela atendida, a estrutura de pessoal, máquinas e mobiliário.

Quando a gente não individualiza, é bem simples porque uma pedra de 8 m², ela vai ter uma variação de preço igual a um ponto comercial de qualquer local [...] Isso aí aplica-se pela localização da pedra aqui dentro, porque se eu tenho um ML com corredores, pedra de corredor, e pedra de plataforma,[...] eu tô centrado numa pedra de corredor, numa esquina, eu tenho uma pedra que se eu abrir a boca de 60 mil, eu fico sem. Eu tenho uma pedra de plataforma no canto do mercado [...] eu vou pedir aí meus 30, 35 mil reais, certo? Da mesma forma, dependendo do pavilhão, da localização do box, é, equivale à mesma maneira em relação às pedras... Aí (referindo-se aos boxes) é metragem, infra-estrutura, as acomodações que têm, plataformas dianteiras, traseiras, câmaras de climatização, câmaras de refrigeração, escritórios informatizados, a própria estrutura de reformas que foram feitas nos boxes, aí vão ter uma variação de 300 a 700 mil, certo?

(Referindo-se ao perfil dos usuários) No caso de box, em sua maioria ou grande parte dele, atacadistas em especial, fortes, desde frutas, como de alho, batata e cebola, atacadistas fortes, alguns atacadistas e também produtores, que na realidade você vê um box, tipo R. M. que tem dois boxes e comercializa uma gama de frutas muito grande, chega a ter em torno de 40 a 45 funcionários, entre vendedores, pessoal que trabalha com a carga e descarga do produto, um supervisor de

compras, um supervisor de vendas, mais o pessoal dos escritórios...

(No que diz respeito ao permissionário de pedra) É um pouco diferente do permissionário de box, porque uma que a estrutura da pedra é diferente, né? Embora seja uma estrutura boa de comercialização, mas é claro que em relação aos boxes, até pelo espaço e até pelos próprios produtos comercializados, a gente vê que é um perfil de pessoas que têm uma empresa menor; muitas vezes tem o proprietário, mais no caso, um sócio, um ou dois funcionários. Muitas vezes no caso produtores, é o produtor e mais alguém da família, tipo um irmão, um filho, então é um perfil assim, vamos analisar como uma coisa mais família, mesmo tendo funcionários tal. Então o perfil do box é bem mais completo por causa da estrutura, né? É uma gama bastante grande de funcionários que o permissionário possui, né, realmente uma empresa que chega ter aí 54, 50 funcionários. Na pedra é uma coisa bem mais caseira, inclusive o próprio sistema de trabalho, difere um pouco do box porque embora algumas pedras tenham cabines de recebimento, de tirar uma nota fiscal, a maioria ainda tem aquele velho cadernão, cadernos de anotação. (Nesses cadernos) Normalmente a pessoas coloca lá a data, coloca o produto, os produtos que têm naquele dia, e conforme ele vai vendendo ele vai anotando pra ele ter assim um controle dele (Outros-F).

Com o intuito de facilitar uma primeira análise a respeito dos principais desafios enfrentados no trabalho pelos permissionários ouvidos, serão apresentados seus relatos partindo da identificação do setor em que trabalham: GP, ML e Mercado de Flores.

3.1- Galpões Permanentes (Boxes)

Um dos primeiros desafios a ser manifesto pelos permissionários referiu-se à carga de trabalho bastante “puxada” (intensa e exaustiva), quer pelo

horário estabelecido para funcionamento da Ceasa, quer pelo número de dias da semana trabalhados.

Os horários de funcionamento do Mercado de Hortigranjeiros, sejam GPs ou MLs, são semelhantes: às segundas, quartas e sextas, das 5 às 15 horas (dias de feira); às terças e quintas, das 7 às 16 horas; sábados, das 7 às 11 horas. (Ceasa Campinas). Cabe frizar, todavia, que os horários de saída podem variar de acordo com o fluxo das atividades do dia.

Ainda que o horário tenha mudado ao longo do tempo, o Permissionário 1 queixou-se da jornada de outrora, quando do início das atividades da Ceasa:

Dificuldade não tinha muita dificuldade, a maior dificuldade foi quando viemos aqui e abria às 3 horas, a gente tinha que vir às 3 da manhã, então tinha que pegar empregado em casa, um morava num bairro o outro, no outro, vinha, geralmente não tinha ônibus. Depois as coisas foi caminhando, todo mundo foi tocando, [...] depois foi melhorando e tudo apareceu, não tem mais trabalho né, em pensar em trazer comida, precisava trazer comida ou ia almoçar em casa, mas às vezes não tinha jeito. Então essa era a maior dificuldade de trazer funcionário aqui, depois a coisa foi caminhando melhor já se abria mais tarde...

Aos olhos dos permissionários ouvidos, as melhorias instituídas somente minimizaram o impacto da jornada e condições estabelecidas, o que, no entanto, não deprecia ou desmerece a imagem da Central como local de trabalho:

E muitos que lutam, são trabalhadores. A carga de trabalho nossa, sempre foi muito exagerada, né, então não tem sábado, não tem domingo, não tem feriado, porém existe esse lado que favorece, ele (referindo-se à Ceasa) dá oportunidade a qualquer um, só basta ter vontade de trabalhar (Permissionário 3).

Tenho 30 anos de mercado, efetivos; 30 anos que eu levanto antes do sol.

Aí existe um parâmetro que eu sempre até por brincadeira, eu falo o seguinte: quem trabalha no Ceasa é que nem carro de táxi, é novo, mas muito usado porque realmente a carga de trabalho, o tempo que a gente trabalha, o horário que a gente desempenha, realmente judia um pouquinho. Então não é raro, eu com 45 hoje, perguntar pras pessoas quantos anos você acha que eu tenho, cinqüenta e quantos? Normalmente é de 55 pra lá. Eu tenho um agravante de 10 anos aí, em função das condições que a gente trabalha.

Meu horário de levantar hoje é três e meia, mas quando era mais menino, antigamente, o mercado funcionava aqui, por exemplo, 3 horas da manhã, então você levantava às 2h15, por exemplo, então quer dizer, trabalhava até a tarde, 4, 5 horas. Ia pra escola, chegava da escola 11 horas da noite, 2h15 levantava e começava a trabalhar de novo, essa é nossa vida. Então eu acho que os 10 anos que me crescem a mais, eu acho que é pouco (rindo) (Permissionário 5).

A imagem que este permissionário tem sobre si é interessante, e é curioso o modo como ele se dirige às pessoas, questionando-as a respeito de sua idade: “Quantos anos você acha que eu tenho, cinqüenta e quantos?”

Ele mesmo parece induzir seu interlocutor a dar a resposta que ele concebe como verdadeira: ter dez anos a mais do que realmente tem. Na verdade, ele não aparenta dez anos a mais. Mas o que importa, de fato, é como ele se percebe, se sente, se vê. Se for somado a isso, o entusiasmo com que fala de sua trajetória profissional e do forte vínculo que tem com a Ceasa, ou melhor, com toda a sua história de vida na Ceasa, deixa a impressão de que, apesar de toda a dureza do trabalho, é como se ele tivesse vivido realmente dez anos a mais.

É como se ele tivesse deixado de experimentar aquilo que Bosi (2003) conceitua de “tempos mortos”: “A sociedade industrial multiplica horas mortas que apenas suportamos: são os tempos vazios das filas, dos bancos, da burocracia, preenchimentos de formulários...” (p.24). Nos “tempos mortos”, a essência memorativa se esvai acarretando prejuízos à formação de nossa identidade,

ou melhor, de quem somos, do que construímos, do que compartilhamos, do que vivemos.

Outra característica evidenciada na narrativa dos permissionários que ratifica esse lado “pesado” do trabalho está relacionada ao tempo curto que se tem entre descarregar a mercadoria a ser comercializada, atender aos clientes, e fazer as entregas (carregamento):

O mercado amanhã começa às 5 horas; às 7 começa uma entrega; às vezes 8, 9 horas, 80, 90% da mercadoria já foi feita a entrega; então é muito compactado, é muito rápido. Cada cliente gosta de um tipo de mercadoria, mesmo você vendendo banana, nós temos cinco tipos de embalagem da banana nanica, então aquele cliente A gosta daquela embalagem, o cliente B gosta de outra embalagem, o C gosta de outra, então você tem diversas coisas [...] teoricamente quando você fala de banana parece uma coisa simples, mas não é. Essa rapidez de entrega... Com isso dá um desgaste, uma preocupação (Permissionário 6).

Num estudo realizado por Henkes (2006) sobre a caracterização dos permissionários da Ceasa de Santa Catarina (SC), cuja sede é em São José, foi comentado que o usuário de box tem uma identificação (nomenclatura) específica pela qual é conhecido: “atacadista”. Ele representa a categoria do permissionário cadastrado e permanente que movimenta grandes volumes de produtos como: hortaliças, frutas, milho, feijão, e no reflorestamento, o eucalipto.

Tal qual os permissionários dos GPs da Ceasa Campinas ouvidos nesta pesquisa, o autor constatou que uma das dificuldades vivenciadas por esses atacadistas está relacionada ao curto espaço de tempo para a realização dos negócios, com “elevada concentração de trabalho no horário de venda e entrega” (Henkes, 2006, p. 83).

Um segundo desafio pontuado pelos narradores relacionou-se a variáveis como eventos climáticos e oferta e demanda de produtos perecíveis no mercado.

Eu entro aqui pra você ter uma idéia, o que eu tenho que ver? Eu tenho que ver previsão do tempo de onde eu tô comprando mercadoria, previsão do tempo de onde eu tô vendendo mercadoria; toda a situação econômica que tá passando o país, e principalmente a previsão do tempo, porque de repente o seguinte: tá um calor danado lá no Tocantins, tô colhendo melancia lá, muito bem. Só que aqui tá um frio danado, então não adianta eu trazer a fruta de lá pra cá porque eu vou ter um gargalo de venda aqui porque ninguém vai consumir esse produto.[...] Aí vamos colocar pimenta nesse molho? Uma carga de melancia quando vem do Tocantins, eu preciso agendar um carregamento com três dias de antecedência pra ela chegar aqui; por exemplo: eu agendei um carregamento na segunda-feira, essa mercadoria vai chegar aqui na quarta-feira, quer dizer carregando na quarta, eu tenho que agendar no domingo; carregar na segunda pra chegar aqui na quarta se correr tudo bem. Então veja bem, no domingo eu já tô fazendo um prognóstico, uma previsão de venda pra quarta-feira, só que eu tô recebendo mercadoria na segunda, tô recebendo mercadoria na terça e se eu não vender? Eu tenho que vender porque o cliente quer mercadoria nova, eu tenho que mandar pra frente; então é aquele balé que cê tem, às vezes cê tem que ser rápido na venda, às vezes cê tem que segurar a venda [...] (Permissionário 5).

Um enfoque semelhante ao do permissionário anterior, foi dado pelo Permissionário 7:

Um outro problema [...] é quase que a pessoa ou tem aptidão, tem o feeling, tem tato, tem que ir muitos anos pra adquirir de bagagem, conhecimento que não existem estatísticas eficientes nesse setor. Então o produtor quando vai plantar tomate, ou batata ou cebola, ele não tem informação da Secretaria da Agricultura, qual a quantidade plantada no país, ou nas regiões, então ele não tem um acesso, a informação é muito vaga. O mesmo ocorre por frutas, então a maior dificuldade aqui é você coletar informações de diversas regiões do que tem de entrar de produto, do que vai sair, fator clima; se esfria,

o consumo cai; se chove, diminui. Então você tem que estar sempre atento e ligado 24 horas por dia: se vai aumentar a produção você sabe que vai cair o preço, se vai diminuir, você sabe que vai subir; se vai chover, diminui, se esfria, muda, se dá uma geada, vai faltar o produto...

Deve ser destacada aqui a informação insuficiente fornecida pelos órgãos responsáveis no país, que poderiam oferecer maior suporte aos agricultores, em relação aos fatores que podem interferir na produção e em seu planejamento.

Este fato nos remonta a um importante comentário de Cunha (2006, p. 40-1) que resgata o sentido da informação como um bem público de valor inestimável a todos os envolvidos na distribuição de alimentos e que tem como pano de fundo, o papel das Ceasas:

[...] nem sempre é percebido pelas instâncias governamentais, ou pelos gestores de políticas setoriais, pelos agentes da cadeia ou pelos consumidores urbanos que: [...] b) é o espaço (referindo-se às Ceasas) cujo bem público estratégico, mais do que a localização, é a informação; c) as informações constituem um bem público e que influenciam a organização do sistema de abastecimento; d) um sistema coordenado de informações permitiria tanto ao governo quanto à iniciativa privada detectar com mais rapidez e eficiência as variações de ofertas e preços, riscos e oportunidades; [...].

O terceiro desafio trazido pelos participantes usuários de box foi quanto ao nível de exigência do mercado, ou melhor, dos compradores. O relato do Permissionário 8, em especial, aconteceu como um desabafo, com um tom de revolta:

O problema também tá no cliente: eles querem preço e qualidade; é difícil, né? Eu gostaria também de comprar uma Mercedes por um preço de um Gol, só que não tem jeito. Só que o povo, como que a gente trabalha com perecível, eles vêm e querem porque quer promoção e não sei o que,

então tá muito difícil isso também. Aí a região, há uns 15 dias atrás, não tinha batata grande, por que? Por causa do tempo, tem alguma coisa no tempo que não deixou crescer porque todas elas tavam pequenas; não tinha nada, lugar, região, nada que ajudasse ela ficar grande. Aí o povo reclamava que era miúda porque não sei que tem, mas não é a gente que faz, não é a mesma coisa que cê falar vou fazer uma peça, vou por lá no torno e fazer; é a natureza, só que o pessoal de compras, os compradores de mercado que eles têm tanta reunião, têm tanta gente pra pegar no pé deles, que eles ficam até meio passado. E eles vêm e passa isso pra gente, porque eles querem resultado, porque não sei o que, quer qualidade e como o mercado esses dias teve feriado, o povo sai gasta dinheiro, tal e o que acontece? O mercado depois, um dia fica meio vazio, meio parado, sem dinheiro, aí não vende; aí não vende mercadoria o que é que acontece? Eles acham que é o produto que é culpado, não é a situação do país que o povo não tá vendo, que não tá acordado pra ver o que tá acontecendo no nosso país, que as coisas tão aumentando... Pedágio não existia, hoje se você for dá uma volta por aí, cê paga um absurdo de pedágio; antigamente não existia esse gasto e o povo não tá vendo isso; eles só querem feriado pra sair. Você pode sair aí... Todo mundo quer um feriado: ah, vai ter feriado! Eles ficam tudo contente, só que eles não vêm o que tá acontecendo com o nosso país. Nós tamos cada dia pra baixo... Então eu acho que os donos dos mercados, gerente, o pessoal que toma conta disso, acha que a gente que é culpado, não é que eles acham que a gente é culpado, eles passam pro comprador e querem que dê resultado. Que a carga deles é muito alta, eles têm que ter resultado porque num mercado quantas pessoas não têm? Quanto que não paga de imposto? Isso vem tudo acumulando em cima da gente, esse que é o problema maior hoje, né?

O Permissionário 6 trouxe percepção semelhante, mas sem contextualizar a questão como o fez o entrevistado anterior:

Eu acho que o mercado tá assim de um modo geral, muito exigente, o pessoal acha que às vezes vender produtos perecíveis é como vender produtos não perecíveis, então eles estão cada vez mais exigentes. [...]

Você está sujeito a chuvas e trovoadas, ventos, queda de energia, aparelhos que podem quebrar no meio da noite num eventual armazenamento do produto, a baixa temperatura, a variação de temperatura que existe hoje, cada vez essa variação é maior, então o produto nunca fica do mesmo modo todo dia, então essa variação o pessoal acho que esquece um pouco disso, então eles são mais exigentes nessa parte, eles não aceitam a variação disso aí, do padrão da fruta.

As opiniões manifestas por esses dois permissionários (8 e 6) abriram-nos a possibilidade de olhar um pouco mais “de perto” para alguns aspectos relevantes, inter-relacionados, dentro da distribuição de hortigranjeiros.

A expansão do segmento varejista, transformada pela entrada e crescimento das grandes redes de supermercado, acirrou a competição pelos consumidores que vêm mudando seus hábitos alimentares:

A busca permanente de uma dieta equilibrada, onde os hortifrutis entram como importantes fornecedores de vitaminas e minerais, impulsiona o mercado desses produtos desde que sejam percebidos como naturais e de qualidade (alimentos seguros) e agreguem frescor, pureza, sabor e alto valor nutritivo (Vilela, 2006, p. 2).

A alta perecibilidade das hortaliças e frutas faz com que a frequência dos clientes aos supermercados seja cada vez maior, motivando-os a comprar outros itens (podem ser mais de 20 mil disponíveis) com preços mais baratos, em função do maior poder de negociação que este tipo de equipamento de varejo tem frente a outros de menor porte (Vilela, 2006).

No ciclo dessa cadeia de distribuição, os fornecedores atacadistas acabam sempre pressionados a oferecer preço e qualidade compatíveis às necessidades de seus compradores, sempre muito exigentes.

Ainda tendo como foco as grandes redes supermercadistas, um outro permissionário entrevistado apontou uma de suas maiores dificuldades no trabalho hoje: a fidelização deste tipo de cliente. Segundo comentários de Vilela (2001) ao abordar as ameaças vivenciadas pelo setor atacadista, aproximadamente 44% dos super e hipermercados preferem a rotatividade de fornecedores.

[...] por sua vez, hoje o cliente nosso em massa representa muito pesado [...] é o mercadista, supermercado. O supermercado hoje, ele teve uma fatia muito boa, o supermercado, ele do Plano Real pra cá (plano econômico da década de 90 do século XX), eles cresceram verticalmente e esse crescimento, infelizmente você sabe que todo o dinheiro deixa a pessoa às vezes até com tom de arrogância. E aí quando você vai falar de alguma melhoria, eles tão pouco incomodando; eles querem mais preço, eles acham que tudo é preço, e quer preço, e quer promoção e quer verba pra aniversário, verba pra isso, verba porque vai sortear um carro, que o fornecedor tem que pagar. Na verdade eles não dão nada, na verdade eles só cobram, cobram e aí quando você pede um trabalho de fidelidade, que você possa então desembolsar e depois (o seu produto) tá lá na frente vendendo, quando você vende você ganha, você não pode trabalhar de vento, né? E evidentemente eles procuram preço, então de repente eles trocam você por outro fornecedor assim, de um dia pra noite. Então falta esse trabalho vamos dizer assim quase de respeito com o fornecedor de hortifrutis; não é um produto industrializado, ele não tem prazo de vencimento, certo, toma lá da cá, tipo assim, se tiver verde o cara não quer, amadureceu tem que vender (Permissionário 4).

Este permissionário identifica, sem nomear, as transformações ocorridas no mercado globalizado e que se acentuaram na última década, em que o custo do produto é fator fundamental, agravado no relato, pela não permanência do cliente, sem aviso antecipado ao produtor/permissionário, interferindo no planejamento da atividade no Mercado.

O posicionamento do Permissionário 3 mencionado abaixo, faz uma rápida reflexão a respeito do que vem acontecendo com o setor atacadista e as grandes redes:

Logicamente que o sonho que a gente tem é de que as coisas revitalizem, os princípios e valores, o que infelizmente, o tempo não providenciou pro Brasil, até pro mundo. E o que me bate como experiência desses anos, e que me deixa realmente muito triste, que o homem procurou a própria cova pra se enterrar que é o capitalismo selvagem que eu chamo. Então a gente vê que boa parte dos segmentos, a exemplo do nosso, são poucos que detêm aquela fonte de recursos, de renda, de resultados, de lucros, tá? Como existem os bancos, existem hoje as redes supermercadistas, como senão obstante, nós não tivéssemos potencial criativo pra fazer a melhor distribuição, precisa vir os Walmarts da vida pra cá, dinheiro americano pra manipular o consumo [...].

A forte presença dos grandes grupos transnacionais na cadeia de produção e distribuição de alimentos, assim como em todos os demais setores da economia, traz, em sua contra-partida, o que Ianni (2002, p.15) abordou como “o declínio do estado-nação”. Ou seja, na medida em que o estado obrigou-se a aceitar e compartilhar as diretrizes advindas dos grandes centros globalizados de poder, deixou também diminuir, e muito, o sentido de sua soberania nacional.

Na opinião do entrevistado Outros - P.S, a participação das instâncias públicas federal, estadual e municipal como acionistas majoritários das Ceasas brasileiras, em vez de beneficiar a criação de políticas agrícolas e de comercialização que pudessem fortalecer os agentes envolvidos no setor (especialmente o agricultor), acabam por voltar seus enfoques de gestão e interesses muito mais para o aspecto econômico-financeiro da própria entidade. Um exemplo disto foi o relato do Permissionário 4 que ressaltou a falta de apoio por parte das autoridades públicas que administram as centrais de abastecimento:

Agora eu vejo também do outro lado, como eu falava pra você, que o aspecto do órgão público, por exemplo, que administra as nossas Centrais que eles passaram a ver a Central depois de uma época pra cá, que todo mundo só vê números, quero ver números, números, exigindo muito em termos de valores das centrais, cobrando as taxas de condomínio às vezes altas, querendo repassar os índices que são aplicados lá fora pras taxas internas, então deixou de ver esse setor como setor de distribuição, como eu disse pra você, um setor que mantém lá o produtor na origem dele, que gera emprego barato, certo, um emprego informal porque até um cara que pode ser analfabeto, pode ter nenhum estudo, que tá trabalhando, tá sustentando a sua família, isso pra uma cidade, pra um governo acho que é essencial [...] porque esse pessoal sem trabalhar o que pode gerar de prejuízo pra sociedade num todo, não tem dinheiro que pague.

Por mais que a informalidade do trabalho seja entendida por este permissionário como uma alternativa positiva de sobrevivência àqueles que se encontram à margem da sociedade, o relato da Permissionária 9 mostrou o contraponto desta questão, identificada e vivenciada por ela como uma grande dificuldade:

[...] A gente, nós tivemos um presidente aqui (referindo-se à uma outra gestão da Ceasa Campinas), algum tempo atrás, não é esse que tá hoje, que eu participei de uma reunião da qual ele incentivava o produtor entregar direto no mercado. Isso era um incentivo, ele fez esse trabalho e hoje é assim que funciona. Então vamos dizer assim, o cara vem lá do Tocantins com um caminhão de abacaxi, daqui lá são 2000 e tantos km, é caro, tudo bem. Aí ele vai de mercado em mercado pequeno sem nota fiscal, sem nada, e vai entregando: 200 frutas pra um, 500 pra outro, não tem uma fiscalização, não dão nada. Eles não precisam pagar imposto, nem o mercado que compra, nem ele que vende, é uma ajuda? É, só que nós pagamos

todos os impostos, todos, todos, todos, todos, e eu acredito até que pagamos por eles também, porque os nossos só sobram. Outra coisa é os camelôs da cidade que também fazem da mesma maneira. [...] Só que a quitanda que paga todos os impostos e que tá ali perto, não consegue vender ao preço que eles vendem, porque não tem origem a mercadoria deles; onde que eles pegaram? Ninguém sabe. Então a política, não nos ajuda nisso, de jeito nenhum.

(Falando de sua condição de permissionária) O aluguel é muito caro aqui; a manutenção, o conjunto de tudo isso aqui, o condomínio, tudo é muito caro e muito fechado, tipo, então vem aqui uma taxa, acho que é taxa de manutenção que chama, quando vem o aluguel, acho que tá aqui nesse pacote (pegando sobre a sua mesa o documento do condomínio e consultando), acho que é taxa de manutenção. O que significa taxa de manutenção? Ninguém sabe explicar, ninguém...

(Comentando sobre o fluxo de clientes da Ceasa) Em outros tempos, tipo assim, há cinco anos atrás, isso aqui a essa hora era um movimento só! Olha hoje!

Esta permissionária e seu marido estão a ponto de deixar a atividade depois de quase 22 anos de atuação na Central. Todavia, o mais interessante de sua trajetória profissional é que, de todos os participantes dos boxes entrevistados, eles foram os únicos a ingressar na Ceasa sem vinculação alguma com o ramo de hortigranjeiros (nem produtivo, nem comercial). Seu marido, na época desempregado há nove meses, iniciou acompanhando alguns de seus primos na carga e descarga de caminhão, justamente como “trabalhador informal”. Após quatro meses ele já estava gerenciando o ponto e depois de quatro anos, o seu próprio box.

Os paradoxos, a complexidade, a força e a beleza desta e de todas as demais histórias narradas nesta pesquisa, descrevem com muita clareza as palavras de Bosi (2003, p.66) ao afirmar que: “O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar”. A meu ver, isto é tão profundo e verdadeiro para aquele que narra quanto para aquele que ouve.

Na seqüência, apresentaremos os desafios vivenciados no trabalho pelos usuários dos Mercados Livres.

3.2- Mercados Livres (Pedras)

A maioria dos permissionários dos MLs participantes deste estudo é ou foi produtor, oriundo e remanescente da agricultura familiar. Muito provavelmente por este fato, trouxeram como um dos principais desafios vivenciados no trabalho a significativa queda de lucratividade na comercialização de seus produtos, decorrente da grande competitividade interna, da mudança do perfil de sua clientela e da falta de apoio do governo ao agricultor.

A seguir, discutiremos esses desafios separadamente, examinando alguns dos depoimentos ouvidos.

A queda na lucratividade das vendas decorrente da competitividade interna e mudança de perfil da clientela

Foi de uns cinco anos pra cá vem caindo não só pra nós, é geral. Não sei se a Ceasa ficou muito grande (referindo-se ao crescimento com maior número de comerciantes), se a concorrência é muita, aumentou os plantadores. Uva também, um tempo era pouca uva, lembra que eu falei pra você de um japonês de Londrina que pegava quantas uvas eu tivesse, porque lá não tinha nenhuma fruta? Hoje lá ele tem fazenda de uva, nem vem mais no Ceasa pra cá. Então quer dizer agora, com o tempo as uvas daqui iam pra lá; hoje não vão mais, vem de lá. Então foi caindo, né, muito, muito, hoje o Ceasa está mais devagar, como eu já falei não é só pra nós, pra tudo, tudo foi caindo, caindo, e hoje está meio devagar. Mas nós também não estamos se apertando mais, nós temos meio de largar também, por que trabalhar tanto mais né? Nós temos meio de largar também (Permissionário 12).

Este permissionário foi um dos fundadores dos MLs e é produtor de frutas e de alguns legumes. Além da Ceasa Campinas, faz uma feira livre aos sábados na cidade onde mora; vende para um grande cliente fora do estado que compra uma parte de suas frutas, e é proprietário de uma adega (dentro do próprio sítio) que, periodicamente, recebe turistas e visitantes. Começou a trabalhar com vinho há mais ou menos 20 anos, todavia a produção é realizada somente nos meses de janeiro e fevereiro. Atualmente produz de sete a oito mil litros por ano.

Tem produção em parceria com outras três famílias de agricultores, mas é basicamente ele e seus familiares que tocam o negócio. Dentre a grande diversidade de atividades realizadas, eles dividem as principais responsabilidades da seguinte forma: ele é responsável por preparar o vinho, a esposa e a filha ficam com as compotas de frutas e os licores, o genro cuida da roça. Ele e a esposa fazem a comercialização dos produtos enquanto o genro os acompanha, cuidando do transporte, carga e descarga.

Apesar de todas as mudanças sofridas ao longo de sua trajetória profissional, este permissionário ainda mantém viva uma tradição do campesinato, exatamente como nos ilustra a seguinte fala de Brandão (1983, p.68): “uma das características principais do trabalho camponês tradicional é que a unidade doméstica – o grupo de familiares – é também uma unidade de produção. Isto significa que o trabalho camponês é essencialmente um trabalho em família”.

As transformações históricas e socioeconômicas que o capitalismo globalizado promoveu das duas últimas décadas para cá, mudaram radicalmente a configuração do mundo agrário. Todavia, ao ouvir a história deste permissionário e sua família, pudemos constatar com certa surpresa que o camponês tradicional, tal qual Brandão nos descreveu, é ainda muito vivo e presente, apesar de circunscrito e localizado (Ianni, 2002).

A fala do permissionário 17 também deu ênfase à grande concorrência hoje dentro da Ceasa:

Antigamente era melhor; você ganhava mais. Até uns dez anos atrás. Depois que virou esse plano, modificou um pouco. Antes virava mais. Até pra carrinheiro (carregador) era melhor naquele tempo. Aumentou a mercadoria, aumentou mais espaço, entrou muito nego novo aqui dentro, entrou muito varejão, aí acabou com a feira (os feirantes) [...] porque logo que a gente começou era mais difícil, aí as coisas se tornou mais fácil aqui dentro, eles deram muita corda pra muitos comerciantes aqui. Na verdade produtores mesmo aqui poucos têm. Hoje produtor mesmo aqui acho que é eu. A maioria compra na roça e vem vender aqui. De dez anos pra cá começou muita concorrência.

O Permissionário 14, por sua vez, reforçou o problema da concorrência interna como um dos desafios a ser enfrentado, mas enfocou-a sob outro ângulo:

Concorrência, concorrência desleal que tem muito aqui no Ceasa.

(Solicitado a explicar melhor seu ponto de vista, respondeu) Eu sou estabelecido, eu tenho nota fiscal, eu tenho tudo. Trabalho direitinho: funcionário tudo registrado, procuro fazer o melhor, o mais correto possível. E a maioria não tem: trabalha sem nota, não tem funcionário registrado... Então eu tenho um custo, é caro e muito, fica caro pra mim e a maioria não tem, desde o início do Ceasa é assim.

A queda da lucratividade em função do aumento da concorrência interna, de acordo com os depoimentos citados, parece estar menos relacionada ao crescimento do número de permissionários da Central do que à mudança do tipo de clientela atendida, tal qual enfocou o relato da Permissionária 18:

Quando eu comecei valeu a pena, hoje não, porque aqueles fregueses grandes, rede de supermercado, eles iam comprar lá (referindo-se à Ceasa Campinas, já que a conversa aconteceu no sítio da entrevistada). Então você vendia pra eles, nem que fosse mais em conta, mas você vendia e recebia. E aí vinham até pessoas de Londrina, agora veja bem, hoje já não tem mais

isso. Então, esses grandes que saíram, isso, veja bem, quantas pessoas no Ceasa que não saíram perdendo? Porque não era mercadoria só minha, eram de vários boxes.

Ela reiterou sua percepção, detalhando-a um pouco mais:

Hoje aqueles mercados grandes que tinha, hoje já não tem mais. Hoje o pessoal vai entregar lá pra eles no supermercado. Então esse pessoal da Ceasa que trabalhava, hoje ele (produtor, ex-permissionário) vai entregar lá, ele não precisa tá pagando pedra, ele vai direto entregar. Então o que ele faz, ele já vende a roça dele [...].

Esses compradores grandes não vão mais, então você vende pra aqueles que já eram seus fregueses de antigamente ou esses novos que começaram agora [...] que levam pouquinha coisa.

A maioria dos entrevistados nos Mercados Livres tem nos supermercados seus principais clientes, seguidos pelos varejões, depósitos, e depois, em menor escala, restaurantes, mercearias e feirantes.

Independente dos enfoques diferentes dados à queda da lucratividade nas vendas, os permissionários entrevistados chamaram a atenção para um ponto muito importante: as grandes redes de supermercado, que antes chegaram a se abastecer dos hortifrutis da Ceasa, vêm deixando de fazê-lo, buscando seus fornecedores diretamente na roça.

De qualquer forma a participação dos grandes supermercadistas no mercado varejista brasileiro, parece ter trazido implicações significativas no processo de comercialização de hortifrutis não somente das Centrais de Abastecimento, mas também do pequeno e médio varejos, que com isso, também tiveram uma parcela de seus consumidores “capturados” pelos supermercados maiores. O Permissionário 3, de box, já citado anteriormente, trouxe a sua percepção com o seguinte comentário:

Hoje as grandes redes detêm assim uma boa fatia do consumidor em suas mãos, conseqüentemente descaracterizou um pouco mais do pequeno, do médio comerciante, que abastece da Ceasa. Então eles (grandes redes) abastecem muito direto pelo quantitativo que eles representam na compra, né? Então às vezes nem passa mais pela Ceasa suficientemente, então isso vem diminuir a demanda. Tanto que nós a Ceasa que é um dos pleitos nossos durante esses sete anos de Biral (diretor-presidente da Ceasa Campinas) de não construir um metro quadrado porque senão nós criaremos um problema muito sério. Você não pode aumentar a oferta quando você não tem a perspectiva de aumento da demanda. O aumento da demanda tá nas mãos das redes, eles que tão abocanhando o consumidor a cada dia que passa, com as facilidades que eles criam pra atender o consumidor.

Se por um lado as grandes redes de supermercados vieram mudando radicalmente os mecanismos de distribuição de hortifrutis, contribuindo inclusive para a grande redução de um de seus equipamentos de varejo mais tradicionais – a feira livre (Outros – P.S; Permissionários 3, 7 e 14), por outro, elas atingiram também o ponto-chave da cadeia produtiva: o agricultor.

Porém essas grandes redes vêm crescendo a passos muito largos; eu só consigo comparar o crescimento do setor supermercadista hoje ao bancário, que de igual forma tem um lucro exorbitante frente a total descapitalização daqueles que os alimentam que são os agricultores em especial (Outros – P.S).

Sob este último aspecto, Vilela (2006) questiona o quão podem ser realmente vantajosas as negociações dos produtores com os hipermercadistas, na medida em que estes últimos estabelecem níveis de exigências quase impossíveis de serem atendidos, sem um alto grau de organização no que tange à classificação, embalagem e transporte dos produtos.

Sato (2008) em pesquisa recente realizada com produtores de hortaliças na região do Alto Tietê (São Paulo), envolvendo os municípios de Mogi das Cruzes, Salesópolis, Suzano e Biritiba-Mirim, constatou:

As redes de supermercados possuem mais de uma loja, e algumas atuam na região, como a rede Pão de Açúcar, Carrefour e Wal-Mart. As grandes redes possuem centrais de compra e distribuição que adquirem parcela das hortaliças diretamente do produtor, uma tendência cada vez mais acentuada. Alguns produtores trabalham exclusivamente com esses supermercados, conforme informação obtida através da pesquisa. As vantagens desse tipo de transação para o produtor agrícola é a garantia de venda e o recebimento mensal, apesar dos custos de transporte e embalagem, que ele assume. Além disso são descontadas, pela empresa, outras taxas (logística, financiamento e publicidade), que chegam a cerca de 15% do preço pago (2008, p.39).

A falta de apoio do governo ao agricultor

Estima-se que a maioria dos produtores que comercializa seus produtos na Ceasa Campinas esteja hoje “ligada ao mercado do legume” (Outros – P.S), ou seja, nos Mercados Livres. Dos oito entrevistados neste estudo, seis são produtores e um ex-produtor. Todos ligados direta ou indiretamente à agricultura familiar, onde as políticas de assistência ao setor são geralmente conferidas pelo estado-nação. Em suas palavras, Abramoway⁷ destaca:

O peso do estado na consolidação da agricultura familiar como base social do dinamismo do setor é fundamental: interferência nas estruturas agrárias, na política de preços, determinação estrita de renda agrícola e até do processo de inovação técnica formam o cotidiano de milhões de agricultores que vivem numa estrutura atomizada onde, entretanto, o estado tem influência maior que em qualquer outro campo da vida econômica.

Algumas das dificuldades manifestas pelos permissionários dos MLs relacionaram-se diretamente com o papel do estado e às mudanças político-econômicas ocorridas nas duas últimas décadas. Vejamos seus depoimentos.

⁷Abramoway R. *apud* Ianni O. A era do globalismo 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

Ao comentar a respeito da situação do produtor hoje dentro da Ceasa, a Permissionária 18 afirmou:

Só o produtor não está tendo vantagem nenhuma. O produtor, hoje, a maioria está tudo parando. Antigamente (referiu-se há dez anos), o governo ajudava o produtor: eles faziam empréstimo mansinho em dinheiro pra você pagar aquele “x” daí no outro ano, então com esse dinheiro que você fazia empréstimo, você podia fazer mais coisa no seu sítio. Hoje você não tem mais isso, e a despesa aumentou muito.

Já o Permissionário 12, que trabalha com três famílias parceiras, falou da sua dificuldade em encontrar mão-de-obra na roça:

Parceria é que a gente compra as coisa... O certo quando comprar os produto, esterco pra uva, ele (referindo-se à família parceira) tem que pagar metade; quando for vender pode repartir no meio:ele vende a dele e nós vendemos a nossa. Só que ninguém tem dinheiro pra isso. Aí, a gente é que tem que comprar (sozinho, o esterco, etc.). Não existe lugar nenhum de meeiro que faz isso aí, não tem jeito. Pra uma família só que eu dou dinheiro adiantado, mas tem que dar, porque não achava quem tocava. Por isso que a gente está fazendo isso agora, porque tem cada vez menos gente na roça.

Analogamente ao relato desses permissionários, a narrativa de um outro participante desta pesquisa ressoou a mesma dificuldade. Apesar de não ser um dos usuários da Ceasa Campinas, o prestador de serviços Outros – P.S vem de família de agricultores, e trabalhou dos dez até aproximadamente os 24 anos de idade na produção de uvas niágara.

A partir daí, ele trabalhou comercializando uvas na CEAGESP, depois como vendedor e o responsável financeiro de um grande permissionário do setor de frutas, completou seu curso superior em 2002, mas não perdeu o vínculo com suas raízes:

Eu diria a você que, não fosse as circunstâncias econômicas e financeiras, eu não deixaria de conviver ligado à terra.
(Outros P.S)

Sua opinião é de que, assim como ele, muitos filhos de agricultores acabaram deixando as atividades da roça por conta da falta de condições de trabalho que lhes assegurasse uma condição de vida mais digna:

Se nós fizéssemos uma análise do êxodo rural, chegaríamos à conclusão hoje que a população da agricultura familiar, pelo menos no Estado de SP e na nossa região especificamente, é uma população que vem envelhecendo ano após ano. Isso significa dizer que os seus descendentes já não permanecem mais na terra.

[...] E nós temos hoje uma realidade que é facilmente perceptível, de que aquele que produz, não consegue receber pelo seu produto algo justo, eu diria, que pudesse propiciá-lo uma boa condição de vida. (Outros P.S)

Consoante às mudanças na Ceasa referidas pelos permissionários anteriores, o Permissionário 11 também enfrentou outros tipos de dificuldade, ou melhor, desafios:

*Modificou assim porque ao longo do ano a gente plantava também, sabe, mas não era nossa propriedade, era tudo arrendada, arrendamento, e com essa modificação do tempo, foi dificultando pra nós arrendar terra, (foi) mudando, fazendo mudanças. Às vezes, nós tamos na área de onde planta muita cana, Tietê, um pouquinho distante. Hoje aí a gente vem cansando pela idade, comércio também, então deixamo a lavoura de lado. E o comércio foi mudando muito no Ceasa, o horário, principalmente mercado, varejão, praticamente mudou muito; o feirante mesmo parou, muito feirante, [...]
Aí ficou varejão, cresceu muito, grandes redes de supermercado, entrou muita concorrência. Muita idéias, sementes, tecnologia, cresceram muito, foi facilitando, eu acho que foi facilitando a muitas coisas principalmente pra produtor,*

plantando muito, toda área aumentou a plantação nessa parte de semente nova, muitas variedades, né, [...] chegaram novas [...] tomate, principalmente tomate longa vida.

(Questionado a respeito do tempo em que deixou o plantio, respondeu) *Faz uns seis anos [...] Não tamo produzindo porque não compensa [...]. Praticamente aumentou muita área de plantação, [...] a gente levou uns dois, três anos aí deu prejuízo* (Referindo-se ao irmão que acabou saindo da sociedade – eram em quatro sócios-irmãos). *Esse um irmão que deu problema ficou plantando lá em Minas, deu problema pra ele também, [...] muita praga, muita despesa.*

Este permissionário vinha atravessando uma delicada fase de transição, pois ao ser transferido do Jardim do Lago para a Ceasa, foi instalado em um dos boxes dos GPs. Aí ficou por 31 anos e, havia poucos meses, mais precisamente cinco da data de nossa entrevista, que fora transferido para o MLC, pedras:

No meu modo de ver lá (referindo-se ao box do GP) é bem melhor por causa da área, né, bem maior... A gente não tinha mais aquela força devido ao horário e só nós com tomate e legume, nós tivemos dificuldade. Lá (nos GPs) é fruta; mudou, mudou muito; mudou horário, mais diferenciado; lá frutas com central de legumes e verdura. Isso aí, quando mudou o horário a gente já sentiu, né, teimoso, tentando mais um ano, mais dois anos pra melhorar uma parte, ficou difícil (Permissionário 11).

Transparecendo a necessidade de falar um pouco mais sobre o fato, o Permissionário 11 retomou o tema, momentos depois, acrescentando:

Depois que saiu da crise, porque não foi fácil nossa separação lá.[...] (A pesquisadora fez neste momento, uma reflexão sobre os sentimentos dele, dizendo “muito dolorosa...” ao que ele prontamente respondeu:) Muito dolorosa, sente bastante, sente porque aquilo praticamente pra mim foi uma época muito boa, a gente sentia bem, espaço, mas em parte de outros,

negócio assim, foi diminuindo, né? (Fez uns segundos de silêncio). A gente vê que vai fazendo dívida, vai pagando dívida, vai vendendo isso, aquilo, então a gente, precisa manter agora né, precisa manter.

Demonstrando certa emotividade e algum constrangimento, seu silêncio expressou muito mais do que quaisquer outras palavras... A perda do que havia construído com seus irmãos ao longo de 31 anos, nesse momento de sua vida, doeu-lhe muitíssimo. É como Bosi (2003, p. 77) esclarece: “O silêncio, no meio da narrativa, expressa muitas vezes, o fim de um mundo”.

Ele prosseguiu comentando, resignada, mas não fragilmente, sua nova e irremediável realidade de agora:

Agora somos em três sócios. Nós era quatro sócios, todos irmão; como um do irmão ele deu problema, problema particular dele aí, foi obrigado a sair fora dos sócios, 30 anos... (silenciou-se novamente).

(Ao ser comentado com ele, através da reflexão de sentimentos, que “devia estar doendo bastante”, ele disse) *Dói, dói, principalmente que ele era o braço direito, fica na roça, comprar, e a gente ficava na parte de vendas, né? (Permissionário 11).*

Os relatos até aqui apresentados evidenciaram as grandes transformações pelas quais veio atravessando o campesinato, em decorrência do processo de globalização da economia. Ianni (2002) acrescenta:

É claro que o mundo agrário continua a existir, estar presente e até mesmo revelar-se indispensável, mas diverso, transformado, transfigurado. Às vezes é muito real, evidente e presente, mas localizado e circunscrito, pesando pouco no jogo das forças sociais decisivas nas configurações e nos movimentos da sociedade como um todo, em âmbito nacional e em escala global (p. 37).

A expansão do capitalismo globalizado, caracterizada pelos revolucionários avanços tecnológicos dos últimos tempos, trouxe grandes mudanças ao mundo do trabalho e ao mundo agrário.

Todo este movimento acarretou seguramente aquilo que Ianni (2002, p. 131) definiu como "novo surto de desenvolvimento mundial da força de trabalho", no qual as barreiras nacionais e regionais se rompem na busca de novas alternativas de emprego e sobrevivência. As oportunidades que emergiram, provocaram um grande êxodo rural levando a uma descaracterização progressiva do mundo agrário.

Neste turbulento processo, cabe ainda destacar um outro fator essencial à transformação do campesinato: a presença das grandes empresas e conglomerados agroindustriais que acabaram por determinar os locais, os meios e as atividades produtivas para fins de maior lucratividade. O estado deixou-se submeter à ação das corporações transnacionais. Estas, por sua vez, passaram a estabelecer as estratégias que direcionariam e orientariam o uso do solo – quais as atividades agrícolas de maior rentabilidade? Onde? Com quem?

Emergiram daí, as grandes produções geralmente atreladas aos grandes produtores que, com a ampliação das terras cultiváveis, fizeram enormes investimentos e, com isso, conseguiram se manter e até crescer dentro deste novo contexto (Ianni, 2002).

Já o pequeno produtor, este sim, sofreu e vem sofrendo grandes mudanças. Como ouvimos nos relatos aqui apresentados, ele sobrevive e se mantém, mas é notória a sua redução no mundo agrário (Ianni, 2002).

Em alguns casos, eles trabalham normalmente com a família, contratam mão-de-obra assalariada em períodos de plantio-colheita e fazem parcerias com outras famílias camponesas (Permissionário 12), ajudando-se mutuamente. Em outros, acabam desistindo realmente da atividade buscando caminhos alternativos para se adaptar e sobreviver (Permissionário 11).

E existe ainda aquele agricultor que, buscando se adequar às novas exigências político-econômicas, e, principalmente sobreviver a elas, encontram uma saída mais conciliadora e condizente com as próprias raízes: permanecem na roça, mas mudam o tipo de cultura. Um exemplo vivo disto em nosso estudo foi o caso do Permissionário 13, que há 20 anos mudou o plantio de hortaliças para a monocultura da laranja, evitando assim as despesas de encargos trabalhistas da folha de pagamento. Ele trabalha com terceiros no plantio e na colheita. Seu maior cliente é uma empresa de sucos em Americana (SP).

Segundo a ótica de Ianni (2002, p. 40) se “o sistema de propriedade familiar” ainda sobrevive, foi por conta da “incapacidade de a agricultura dar o salto para uma produção totalmente industrial... Dada a natureza semi-industrial da maior parte das atividades agrícolas, o trabalho familiar [...] continuou viável e competitivo [...]”.

Diante de todas as informações e reflexões até aqui apresentadas, fica aqui uma pergunta essencial que “não poderia se calar”: será a agricultura familiar completamente extinta?

Em primeiro lugar, se tomarmos como parâmetro alguns artigos e estudos utilizados como referências nesta pesquisa que, dentre outras informações, revelaram que o produtor familiar representa 80% do universo de agricultores cadastrados na Ceasa/SJ em Santa Catarina, cuja movimentação de produtos representa 40% do volume total comercializado (Henkes, 2006), e que está em curso uma grande virada nos hábitos alimentares do consumidor na busca de uma dieta mais equilibrada pelos hortifrutis (Vilela, 2006; Sato, 2008), poderemos considerar que, apesar de todos os desafios vivenciados, este profissional do campo encerra um valor inestimável à vida (existência real) das pessoas e também à economia de uma nação.

Em segundo lugar, temos nos programas de políticas públicas voltados à Segurança Alimentar e Nutricional - SAN, um importantíssimo e “possível” caminho para a sustentação e expansão da agricultura familiar.

O conceito de Segurança Alimentar e Nutricional se define por assegurar a todas as pessoas o direito ao acesso permanente de alimentos básicos, em quantidade e qualidade suficientes, sem comprometer, em contrapartida, o acesso a outras necessidades que também lhes sejam essenciais (Vilela, 2006).

Apesar de todas as modificações que as políticas públicas brasileiras focadas neste tema vieram sofrendo ao longo do tempo, tanto em suas bases conceituais quanto normativas, sob as influências dos diferentes contextos histórico, político, econômico e social a que pertenceram, suas raízes foram alicerçadas no entendimento claro que: sem a firme articulação dos setores diretamente ligados às áreas social e econômica, muito pouco poderia ser concretizado (Leite, 2005).

Sendo assim, na criação dos diferentes programas voltados à Segurança Alimentar e Nutricional, principalmente dos anos 90 para cá (Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida; Programa Comunidade Solidária; Programa Fome Zero), destacaram-se como objetivos essenciais: a melhoria das condições de renda que permitissem ao cidadão acesso aos alimentos; melhoria das condições de vida no campo com o fortalecimento da agricultura familiar e seu assentamento (grifo da pesquisadora); melhoria das condições de alimentação dos escolares, trabalhadores e famílias carentes; e melhoria das condições de saneamento básico (Leite, 2005).

Enfim, tais programas e políticas representam mais um indicador da essencialidade da figura do produtor familiar.

Mesmo consciente que a profundidade e complexidade envolvidas em ambos os temas – agricultura familiar e programas de políticas públicas para Segurança Alimentar e Nutricional – requeiram exame e reflexão escrupulosos, impossível não trazê-los articulados neste momento, mesmo que seja para questionamentos e reflexões posteriores.

Sigamos então, adiante, percorrendo sobre as dificuldades vivenciadas no trabalho pelos permissionários do Mercado de Flores.

3.3- Mercado de Flores

Quanto aos desafios manifestos pelos permissionários do Mercado de Flores, os focos gerais foram, basicamente: horário de trabalho, curto espaço de tempo para a comercialização dos produtos e o ruído produzido pelos carrinhos que circulam constantemente pelo mercado durante o transporte dos produtos adquiridos pelos clientes. No entanto, uma das permissionárias entrevistadas deu ênfase a dois fatores relacionados à maior profissionalização da atividade: a tecnologia presente na comercialização e a importância de incentivos públicos para o pequeno produtor de flores e plantas. Constatemos alguns depoimentos.

Para o Permissionário 21, um dos aspectos mais desgastantes é o momento da comercialização: normalmente chegam quatro, cinco pessoas ao mesmo tempo e fica muito difícil de atender. Segundo ele, o horário de pico é entre 7h00 e 8h30.

Outros dois permissionários também se pronunciaram quanto ao movimento intenso no período de vendas, mas um deles referiu-se principalmente à época do final de ano:

Na hora da venda, é muito corrido: a pessoa vem, cobra, paga, vende, tudo ao mesmo tempo, fica aquela confusão. É tudo de uma vez só, e eu não consigo fazer, então a minha filha que faz (Permissionária 22).

Olha, eu acho que eu já comentei, o nosso trabalho é estressante, ele é estressante, ele é pesado, principalmente nessa época (final de ano) é um sufoco; é gente pedindo coisa, tem que atender 30 de uma vez, todo mundo quer ao mesmo tempo, são situações que a gente vai aprendendo a lidar, mas mesmo assim é difícil (Permissionário 20).

O ruído produzido pelos carrinhos no transporte dos produtos comercializados é realmente ensurdecedor. Como quase todas as entrevistas foram realizadas enquanto os permissionários estavam em final de expediente de

trabalho, por diversas vezes foi necessário interromper a conversa em função da passagem desses carrinhos.

A Permissionária 22 ao comentar sobre esse problema, fez menção a uma tentativa de minimizar os ruídos:

Eu tô achando que aqui tá fazendo muito barulho, dos carrinhos sabe, acho que poderia evitar esse barulho, acho que tinha que colocar uma borracha assim nos carrinhos, fica muito estressado com esse barulho [...]. Eu tô querendo fazer uma experiência com o meu carrinho, porque colocando uma borracha assim nas prateleiras, eu acho que evita o barulho. É ela que tá fazendo assim, sabe?

O Permissionário 20 também se queixou do barulho dos carrinhos, enquadrando-o como um dos problemas mais sérios do Mercado de Flores:

Olha os problemas mais sérios que tem no Mercado de Flores, é o barulho. O ruído é uma coisa complicada porque além de fazer mal, por exemplo, meu pai tem problema de surdez, meu avô tinha eu provavelmente vou ter antes deles, e é um fator de stress, não é só o barulho, você vai ficando irritado, as pessoas vão ficando irritadas ...

O horário de trabalho também foi entendido como uma dificuldade, um desafio, no comentário de quatro dos seis participantes desta pesquisa. Em dia de mercado, às segundas e quintas, aqueles que moram em cidades circunvizinhas têm que acordar entre 3h30 e 4h00 da manhã. Todavia, apesar do desgaste, do desconforto e da insatisfação com o horário, acreditam que sendo isso algo inerente à atividade, não haveria o que fazer.

Ainda com o foco nos desafios vivenciados pelos usuários do Mercado de Flores, a Permissionária 23 da cidade de Registro (SP) trouxe dois aspectos diferentes dos relatados até aqui, mas muito importantes de serem apresentados dada a sua visão sistêmica.

Tal qual o discurso de alguns permissionários do Mercado de Hortigranjeiros, ela abordou a falta de incentivos por parte das instâncias governamentais, no apoio ao pequeno produtor de plantas:

Acho assim que é incentivo, da própria prefeitura, pra poder melhorar as estradas vicinais; é um problema muito grande isso. Por exemplo, dar assistência ao pequeno produtor que não tenha um trator, eu acho essas coisas assim que precisa melhorar muito. São coisas que a gente tem, mas que o produtor de fundo de quintal não tem.

(Ao ser questionada sobre vender as plantas desses pequenos produtores, ela respondeu) Vendo, porque se a gente não vender, os coitados não tem quase o que comer. Hoje, por exemplo, desenhando assim (ela com lápis e papel na mão), o Fábio (seu esposo) faz uma linha, por exemplo: Registro tá aqui, né? Ele pega, acho que anda uns 30 km de estradas vicinais, porque lá longe no barranco, os homens vêm bater na porta da minha casa pra gente ir buscar planta, porque a gente paga direito também. Então pra dar incentivo a eles, eles só vêm onde a turma pagar direito.

Segundo ela, esses pequenos produtores são responsáveis por praticamente 70% de sua comercialização. Os outros 30% são de produção própria. Como ela comercializa tanto em Campinas (cinco boxes) quanto na CEAGESP (dois boxes) em São Paulo, aquilo que produz é insuficiente para atender toda sua clientela.

Por outro lado, se pararmos para pensar que 70% do que ela comercializa vêm dos produtores de “fundo de quintal”, poderemos avaliar também o grande potencial de produção existente na sua cidade.

E isto não ocorre somente na cidade de Registro, pois Ceratti (2007) confirma que as perspectivas de crescimento do mercado de flores e plantas ornamentais no Brasil vêm atraindo novos empreendedores para o setor, em toda a sua cadeia produtiva (produção, distribuição e comercialização).

A permissionária 23 manifestou como um segundo desafio, a necessidade de conscientização por parte dos produtores e comerciantes do Mercado de Flores de se investir em novas tecnologias de venda e recebimento de flores e plantas, caso contrário, à semelhança do mercado de flores da CEAGESP, o mercado de Campinas ficará retrógrado em poucos anos. Ela acrescentou em sua visão de empreendedora:

Precisaria assim também de um data-show mesmo pra colocar a mercadoria assim num telão, pro cliente ter menos tempo perdido. Porque o cliente perde muito tempo, anda quilômetros, pra mim é andar quilômetros (referindo-se ao vem e vai dos clientes dentro das instalações do mercado no momento da compra). Eu mesma tenho preguiça de ir lá no fundão comprar as coisas, preciso comprar, mas tenho preguiça de ir (rindo), e se a gente tiver uma tecnologia mais avançada é só pedir ou apertar uma campainha, um botão, alguma coisa, a pessoa já coloca seus entregadores pra entregar.

Acho que nós permissionários aqui somos muito acomodados, porque quantos boxes têm aqui? Acho que deve ter mais de uns 200 boxes vamos supor, se tiver 50 bem ativos e que tiver interesse mesmo, acho que é o número que eu acho que é o exato né? Quem quer inovar, quem quer progredir, quem quer vender o melhor produto, quem não quer ficar pra trás, a direção do Ceasa mesmo, eles também buscarem fora, na Europa, alguma tecnologia que tenha lá pra se colocar aqui porque lá é muito mais avançado do que o nosso (Permissionária 23).

A CEASA NA VISÃO DOS PERMISSIONÁRIOS

Considerando-se o objetivo maior deste estudo – conhecer o papel da Ceasa Campinas sob a ótica de seus permissionários e fundadores – este item focalizará, em essência, o que esta Central representa para aqueles que vivem *nela* e *dela* (grifos da pesquisadora) direta ou indiretamente, ou seja, não somente seus permissionários, mas, ainda segundo a percepção destes últimos, qual a importância dela para seus clientes, consumidores e produtores, enfim todos os atores envolvidos, dependentes e interdependentes desse sistema que é a Central de Abastecimento de Campinas.

A partir das percepções encerradas nos relatos dos participantes ouvidos que aqui serão apresentadas, buscar-se-á discuti-las, percorrendo-as em dois sub-itens: a sua **importância** propriamente dita e a **concorrência** tanto interna quanto externa, separadamente, por permissionários dos GPs, MLs e Mercado de Flores.

4.1- A importância da Ceasa Campinas

4.1.1- Os permissionários dos GPs

Pela ótica desses permissionários, a importância da Central poderia ser classificada (segundo critério da pesquisadora) em duas vertentes:

- a) Seu papel nos âmbitos social e econômico;
- b) Na cadeia produção-distribuição de alimentos ao consumidor.

a) Seu papel nos âmbitos social e econômico

A ênfase dada a este aspecto pelos permissionários ouvidos, referiu-se, primeiramente, à Ceasa Campinas como fonte geradora de emprego. Acompanhem suas narrativas, iniciando pelo Permissionário 4 que defendeu

claramente a contratação de mão-de-obra diarista como uma forma de minimizar os problemas sociais acarretados pelo desemprego estrutural:

Que gera emprego barato, certo, um emprego informal porque até um cara que pode ser analfabeto, pode ter nenhum estudo, que tá trabalhando, tá sustentando a sua família, isso pra uma cidade, pra um governo acho que é essencial [...] porque esse pessoal sem trabalhar o que pode gerar de prejuízo pra sociedade num todo, num todo, não tem dinheiro que pague.

Num outro momento, ele relatou a própria experiência:

[...] gero também diariamente aí, isso eu vou gravar com você porque é uma reivindicação que eu levo na ASSOCEASA e junto aos órgãos competentes... (Referindo-se à contratação de diaristas avulsos) Sem muitas necessidades muitas vezes, e outras vezes são muito úteis pra mim, gera em média de seis a oito funcionários diários avulsos. Eu tô gravando com você, embora não seja dessa vez, mas é importante a gente colocar pelo seguinte: são pessoas que vêm buscar o seu primeiro emprego, jovens que não querem cair na mesa da marginalidade lá embaixo, não quer um caminho fácil, porque eu vejo o seguinte Ângela, nós abrimos aqui às 5 horas da manhã, uns jovens de 16, 17 anos até menor que isso muitas vezes, com frio, com chuva, ele tá na porta do seu box, esperando se você vai ter um serviço é porque ele quer trabalhar, ele quer ser alguém na vida. Então se você tiver a oportunidade um dia de amanhã estar entrevistando o meu pessoal ou numa reunião deles, você vai perguntar assim quem aqui começou com o "X" (nome do entrevistado) como diarista? Tenho certeza que 90% vai levantar o braço. Você tem que fazer uma coisa desse tipo, achar que as coisas tão ruim e não fazer nada (referindo-se à degradante situação social). Aí o pessoal (demais permissionários) diz assim, é esse pessoal que gera insegurança no mercado, eu defendo que não, porque se eu pego a minha equipe [...] pra você e vocês fazerem uma entrevista com eles lá, se 90% deles estão trabalhando comigo hoje (comentando sobre seus funcionários

registrados), começaram como avulso então eles não eram bandidos, estão trabalhando. São gente decente, são meninos começando a carreira, certo, aprendendo a trabalhar comigo e tudo mais (Permissionário 4).

O Permissionário 6 também reforçou esta importância, ainda que de forma generalizada:

O que eu vejo é que a Ceasa é uma central de distribuição, então eu vejo ela com uma virtude muito grande: aqui você tem muitos empregos, você tem muitas pessoas conseguindo vender seus produtos, eu vejo isso aqui como um fator essencial.

Uma outra perspectiva foi dada pelo Permissionário 3, onde a possibilidade de se conseguir trabalho foi relacionada à comercialização dos produtos:

É uma visão interessante, é fácil de analisar pra quem vive a experiência desses anos. Primeiro porque ela é geradora de oportunidades pra quem quer que seja, você não precisa ter uma escola, você não precisa ter uma faculdade; você precisa ter um semblante bonito e um poder de comunicação bom; você encosta a sua primeira peruazinha aqui, compra um primeiro saco de batata da gente, do vizinho, aí você vai ser um pouquinho querido, aí te dão uma oportunidade de ficar devendo dois mil, cinco mil, dez mil, cem mil, aí tem aqueles que abusam, tendencialmente por falta de cultura e discernimento, aí tem uns que aumentam seus negócios, mas com o dinheiro que não é dele, compra um carro novo que não podia gastar [...] porque o crédito favorece, então essas histórias são correlatas [...] do dia a dia.

[...] e muitos que lutam, são trabalhadores, a carga de trabalho nossa, sempre foi muito exagerada, né, então não tem sábado, não tem domingo, não tem feriado, porém existe esse lado que favorece, ele dá oportunidade a qualquer um, só basta ter vontade de trabalhar.

Em decorrência de todas as transformações ocorridas no mundo do trabalho nessas últimas décadas, o desemprego surge como um dos fatores mais ameaçadores à desestruturação social, seja em escala regional, nacional ou mundial. A exclusão de uma enorme quantidade de pessoas do emprego estruturado e as consequências advindas disto é bem delineada nas palavras de Dowbor (2002, p. 16):

A inserção desigual dos processos modernizados e globalizados de produção gerou o maior drama social que o planeta já enfrentou na sua história. [...] Com isso, a própria função do emprego muda: de uma visão meramente produtivista, evoluímos para um entendimento melhor da estruturação social que o trabalho assegura. Não é uma visão nova para nós que clamamos há décadas pela humanização dos processos econômicos.

Dentro deste panorama, como alternativa à própria exclusão econômica e social, criou-se mecanismos para a sobrevivência através de novas formas de emprego informal e ilegal, que sem dúvida nos obriga a repensar o conceito tradicional de emprego até aqui, com todos os direitos assegurados.

A mudança no trabalho não tem sido instantânea em toda a sua abrangência: enquanto algumas dimensões se modificaram muito rapidamente, como no caso a nova caracterização do emprego (flexível/polivalente; altamente tecnicista; bastante qualificado; globalizado e excludente), outras permaneceram (e permanecem) lentas, quase inalteradas, como é o caso “das transformações institucionais e jurídicas e com a rigidez de códigos e culturas trabalhistas” (Dowbor, 2002, p. 18).

Um segundo foco relacionado à importância da Ceasa Campinas sob o aspecto social diz respeito aos seus projetos sociais, não àqueles diretamente relacionados ao Programa de Segurança Alimentar – PSA, dos quais comentaremos adiante, mas em especial o Instituto de Solidariedade Alimentar - ISA, criado há 23 anos por um dos permissionários participantes desta pesquisa.

Assim, o Permissionário 3 contou-nos como tudo começou:

Num levantamento feito com as pessoas que usavam do resto da comida nossa, envolviam mais ou menos umas mil pessoas, que levava mais pra sete, oito dependentes que envolviam oito mil pessoas. [...] após esse levantamento, pra arrumar uma forma mais organizada desses produtos chegarem de maneira mais coerente na boca de quem precisava, e descaracterizar a tendência do resto, mas aquilo que o usuário (permissionário) pudesse dar, dentro de um processo mentalizador. E esse projeto só iniciou até, faço questão de dizer, não como vaidade nem por nada, de que para que ele existisse, eu paguei até do meu bolso três meses as duas assistentes sociais porque o plano de cargos da Ceasa não permitia; ainda não estava no plano de cargo a função de assistente social [...] Iniciou-se em 84 e hoje já faz exatamente 23 anos que esse projeto social, tornou-se um dos maiores da América Latina, pelo quantitativo de alimentos que são doados pelos nossos usuários, permissionários. E nós sempre primamos por criar coisas necessárias e que dessem dignidade, que fossem criadoras de empregos, geradora desse projeto social, que integrava a marginalidade à necessidade de quem precisa, com objetivos solidários, né?

Hoje nós atingimos a casa, de média de 350 a 400 mil kg de alimentos/mês.

Esse permissionário ainda comentou a respeito de outros projetos sociais com os quais está diretamente envolvido: a “Turma do Macarrão” que busca recursos para ajudar entidades assistenciais; um outro projeto que assiste a 200 cidadãos de rua com alimentação, alfabetização, trabalho, etc. Em sua narrativa, ao longo de uma hora e meia de conversa, enfatizou, direta ou indiretamente, a presença marcante de seu pai, com quem começou a trabalhar desde os nove anos:

Meu pai não foi um grande ensinamento pros filhos, ele foi um grande ensinamento pro abastecimento, porque todos gostavam do meu pai, meu pai sempre honrou uma palavra, um compromisso e a gente trazia de berço essas condições, que eu finalizaria hoje, e não caberia contar numa entrevista, os feitos da parte solidária que minha empresa sempre procurou oferecer, fruto desse trabalho que o meu pai já desenvolvia.

É como Simone Weil (1943) explica o enraizamento: as bases moral, intelectual e espiritual de nossas vidas, advém, quase que em sua totalidade, dos meios pelos quais, naturalmente, fazemos parte. Nestas bases estarão sustentadas nossas forças e ações para o futuro.

O participante Outros - P.S também deu ênfase à importância do ISA, realçando sobremaneira a iniciativa particular dos permissionários:

O Instituto que se solidificou a sua pretensão solidária propriamente dito, um ponto importante que penso, valha destaque obrigatório de que ele tem tido nos últimos tempos uma condição de distribuição de 350 toneladas/mês de alimento, de forma gratuita, são alimentos doados por permissionários; no mês de dezembro esse volume chegou a 700 toneladas que tem obviamente uma relação inversamente proporcional que é esse aumento de ofertas significa um mau comércio, porém com destino nobre. No entanto, temos assistido cotidianamente uma propaganda política sobre isso como sendo a Prefeitura a detentora desse projeto e é uma inverdade. Ou pelo menos, ela não está sendo estampada como de fato ocorre. Eu diria o seguinte: o permissionário da Ceasa Campinas manteria tranquilamente como manteve por 20 anos esse projeto, enquanto a Prefeitura sem o permissionário o manteria por um dia. E isso não tá sendo revelado.

Se nós temos uma média de doação de 350 toneladas/mês em razão de sobras de alguns produtos, comercialmente deixam de ter valor, porém do ponto de vista nutricional não perdeu qualquer da sua qualidade, não houve comprometimento, seria

muito simples ou simplório do ponto de vista comercial, pensar em diminuir o volume de trazida (de alimentos) para a Central, porém em momento algum o permissionário fez isso; ele tem consciência plena de seu dever social de contribuir.

Cabe ressaltar aqui que o ISA, através da iniciativa dos permissionários da Ceasa Campinas, configurou-se como exemplo vivo do exercício da cidadania e responsabilidade social, muito tempo antes desta e de outras centrais de abastecimento terem assumido funções e papéis típicos de estado (em fins dos anos 90), implementando vários projetos de temática social (Cunha, 2006).

Assim aconteceu com o município de Campinas, quando na gestão municipal 2001-2004, foi criado o Grupo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Segurança Alimentar – GDR em abril de 2001, e lançado o PSA em outubro do mesmo ano, com vistas a formatar projetos de ação nesta área, ambos sob a responsabilidade oficial da Ceasa Campinas, que também lhes serviu de sede (Leite, 2006).

Criado pelo decreto 13.603 e vinculado ao Gabinete do Prefeito, o GDR, enquanto política pública, nasceu da necessidade de se “revalorizar a zona rural promovendo sua integração com as necessidades do município como um todo, tais como: abastecimento alimentar, geração de empregos, preservação dos recursos naturais e do patrimônio cultural, gerando assim mais qualidade de vida tanto para a população rural como para a população urbana” (Ceasa Campinas, 2005).

Já o PSA, em conjunto com o GDR, surgiu para assegurar a todos o acesso permanente a uma alimentação digna, tanto em quantidade quanto em qualidade suficientes, atendendo-lhes em suas necessidades nutricionais básicas (Ceasa Campinas).

Os projetos que fazem parte do PSA, cuja operacionalização está a cargo da Ceasa Campinas, são:

- Alimentação Escolar;
- Hortas Comunitárias – “prevê a utilização de terrenos públicos ociosos para a atividade hortícola, com o fornecimento de insumos, supervisão e assistência técnica durante o primeiro ano de produção” (Leite, 2006, p.77).
- Selo de Validade – cujo objetivo é “incentivar, através da distinção pública por meio de certificados reconhecidos oficialmente e identificáveis pelos consumidores, a iniciativa voluntária de empresas e/ou prestadores de serviço do ramo de restaurantes que tenham seu estabelecimento funcionando [...] de acordo [...] às exigências quanto à qualidade e segurança dos alimentos [...]” (Leite, 2006, p. 80).
- Banco de Alimentos – seu objetivo principal “é arrecadar alimentos e distribuí-los a entidades, associações e organizações que atendam pessoas em risco alimentar” (Leite, 2006, p. 83).

Apesar da importância desses projetos, nenhum dos participantes entrevistados e vinculados ao Mercado de Hortigranjeiros comentou a respeito do GDR e PSA da Ceasa Campinas.

Este fato chamou-nos a atenção, sugerindo, a princípio, que os entrevistados dão maior destaque ou valorização às ações privadas (de iniciativa dos próprios permissionários) do que àquelas de autoria da Prefeitura de Campinas, ou seja, as políticas públicas.

A idéia de Benjamin a respeito da dualidade “público e privado” na sociedade capitalista, explicitada nas palavras de Gagnebin (1999), encerra importante reflexão sobre como podemos nos relacionar com estas duas dimensões:

[...] no domínio psíquico, os valores individuais e privados substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas, mesmo se estas não são nem fundamentalmente criticadas nem rejeitadas. [...] a casa particular torna-se um refúgio... [...]

Embora compreensível, esta reação só faz produzir a ilusão de estar em casa num mundo alienado; não consegue mascarar e, ainda menos, resolver essa separação entre o público e o privado que a sociedade capitalista exacerba (1999, p. 58-60).

Seria isso? Estaríamos nos refugiando no mundo particular, apartando-nos ilusoriamente do público?

Ainda que não caiba aqui uma resposta ou discussão sobre este questionamento por sua complexidade e profundidade, os relatos dos permissionários entrevistados deixaram subentendida uma hipótese: certa dificuldade em assimilar as políticas públicas como algo legítimo, que possa ser defendido em benefício da segurança e bem estar de todos os envolvidos.

b) Na cadeia produção-distribuição de alimentos ao consumidor

Quase a metade dos permissionários de box ouvidos na pesquisa, falou da importância da Ceasa Campinas enquanto grande centro distribuidor de alimentos que atende tanto às necessidades de quem produz quanto de quem consome.

Eu vejo o seguinte, a importância da Ceasa, como eu tava dizendo pra você, é que vem a equilibrar tanto o fornecedor quanto o cliente nosso aqui o mercadista, porque se você tem produtos oferecíveis na Central do A ao Z, nós também temos na sociedade, o consumidor, nesse nível do A ao Z. Então se o mercado que tá localizado numa região A, ele encontra o produto A na Central, e também aquele que tá numa região Z da cidade, na periferia, ele também encontra esse produto pra atender o cliente dele, cada um com o seu preço evidentemente. Aí eu entendo que é importante porque busca o equilíbrio, aonde se fosse entregue direto pelo produtor, ou eles buscando direto na roça não daria pra agradar porque ou alguém vai estar só querendo o graúdo, ou só os miúdos ou produtos inferiores. Então eu vejo a Central de uma enorme importância (Permissionário 4).

Eu acho que é uma ferramenta fundamental pra sociedade com um todo, percebe? Que você tem uma necessidade de consumo tem, que você tem uma necessidade de escoamento de produção, tem também, e esse é o papel da Ceasa. Então é uma ferramenta que ela vem de encontro à necessidade de toda a população tanto da parte de produção quanto da parte de consumo. Se você não tivesse uma oferta maciça dentro de uma central de abastecimento, você poderia ter até uma manipulação de produto, um grande grupo concentra uma determinada produção de um determinado produto, estabelece um preço X e por aquele preço é negociado. Só que o hortifruti é tão justo, tão puro que é o seguinte: se você plantar hoje, vamos pega um produto, a melancia é fácil, ela tem 100 dias de produção, em 100 dias você vai ter que colher esteja o mercado comprador ou vendedor.

O que é mercado comprador? É quando a mercadoria tá faltando e existe mais procura do que oferta. Então dá pra você ter um preço mais alto. E o mercado vendedor, é quando você tem mais oferta do que procura, um preço baixo. Então quer dizer é uma loteria, o produtor ele põe a semente no chão, no caso da melancia, por exemplo, em 100 dias depois ele vai saber se ele ganhou ou se ele perdeu. Só 100 dias depois. Então não tem como falar não, o preço tá muito baixo eu vou colher com 110 dias, não pode. Ah o preço tá muito bom eu vou colher com 95 dias pra aproveitar preço, não dá certo, cê percebe? É uma coisa muito bem bolada (rindo) (Permissionário 5).

O entusiasmo e a forma quase poética como este permissionário se refere ao hortifruti – “*é tão justo, tão puro*” - sob o aspecto da comercialização, remonta-nos claramente às palavras de Brandão (1983, p. 50) sobre o trabalho com a terra:

Ele não obedece apenas ao voleio da vontade dos homens, ou aos jogos das relações de mercado de bens e trabalho. [...] Não depende [...] apenas das leis naturais do ciclo vital de cada tipo de planta com que lida, mas da dança anual do tempo e

dos seus efeitos sobre todos os seres vegetais e animais com que o lavrador lida.

O Permissionário 8 além de, primeiramente, ter destacado a importância da Ceasa como seu ganha-pão para dar uma boa sustentação de vida à família (alimentação, estudo para os filhos), ressaltou também os fatores ligados à cadeia produtiva:

(Referindo-se ao cliente, ao consumidor) Tem bastante importância porque aqui se você não entra com mercadoria rotulada, tudo certinho, cê não pode vender, então isso é muito importante pra que vai consumir esses produtos.

(Referindo-se ao produtor) É bom também, eles têm uma base de preço, porque não é como assim, ah quanto tá? Tá 30, mas tava 40, eles têm como ter uma base de preço. Ele liga aqui na Ceasa de Campinas, quanto tá o saco de batata? Tá tanto; e no de São Paulo? Tá tanto. No Rio de Janeiro? Belo Horizonte? Então eles têm uma base do que está acontecendo nos preços, então é importante pro produtor também.

A Permissionária 10 ratificou:

Eu acho essencial porque é um grande centro atacadista, onde você encontra todas as variedades de frutas, tanto nacionais como estrangeiras, e você tem muita opção e outra a segurança, a limpeza, os produtos, eu acho que são de excelente qualidade porque nisso melhorou muito, tanto o produtor como aqui os permissionários, pra comprar são bastante exigentes, eu acho essencial, muito bom.

Outra abordagem é acrescentada pelo Permissionário 7:

Ainda aqui na Ceasa é uma vitrine, é um show-room onde, por incrível que pareça, embora somos concorrentes, mas a proximidade, um estar próximo ao outro, facilita que o cliente componha uma carga completa, que não existe uma empresa que possa vender desde hortaliça, leguminosas, frutas, tudo.

Portanto, se o meu vizinho trabalhar bem com banana e eu trabalho bem com maçã, eu ajudo ele e vice-versa; ele me ajuda. E se tem bons verdureiros, boa gente que trabalha com batata, alho, um ajuda ao outro porque facilita a composição de uma carga pro cliente.

A bem da verdade, a importância das Ceasas como centros de distribuição de alimentos tal qual foram concebidas nos anos 70, vem sendo reavaliada e questionada face às mudanças político-econômico-sociais sofridas nessas duas últimas décadas.

Vilela (2001) ao alertar para o fato de que as Centrais de Abastecimento precisariam rapidamente rever seu papel e inovar sua atuação na cadeia produtiva, justifica-se com os comentários de alguns autores que abordaram as possíveis ameaças do segmento atacadista. Destaquemos algumas delas:

- dificuldades de sobrevivência de médios e pequenos varejos nos grandes centros;
- concorrência predatória de preços no setor, impulsionada por dois fatos: o aumento da competitividade pela concentração no segmento varejista e pelas novas exigências dos consumidores;
- iniciativas de produtores de criar novos canais de comercialização [...]; e procurando melhores margens para seus produtos;
- crescimento do segmento distribuidor, com estruturas próprias de recepção e transporte de produtos, com grande eficiência em logística;
- o investimento das grandes redes de super e hipermercados em plataformas próprias de aquisição e recepção de produtos;
- certificação de origem de produtos feitos pelas grandes redes, agregando marca própria, padrão e qualidade. O equipamento varejista assume o papel de seleção, embalagem e processamento mínimo dos produtos, atendendo às demandas dos clientes [...] (Vilela, 2001, p.3).

Mesmo ciente da importância da Ceasa Campinas, o entrevistado Outros -P.S apresentou-se como testemunha fiel da preocupação que existe por parte dos permissionários desta Central quanto à atuação das grandes redes supermercadistas não somente no comércio varejista, mas também no segmento atacadista:

Agora uma grande preocupação que temos é que as grandes redes além de dominarem o comércio varejista, estão criando uma verdadeira ponte sobre as Centrais de Abastecimento constituindo o que eles chamam de CDs, Centro de Distribuição, onde eles vão captar os produtos diretamente na roça, porém nunca de pequenos produtores, mas sim de grandes produtores [...]

O Permissionário 7, um atacadista de frutas bastante consolidado no mercado, e com um número elevado de clientes supermercadistas, ao ser indagado sobre o futuro da Central, respondeu:

Olha, se nós fôssemos acompanhar a evolução de tudo, do mundo, do mercado, populacional, essa Ceasa tinha que ter triplicado, quadruplicado, por isso que eu digo que, aliás, o nosso consumo percapta de FLV, frutas, legumes e verduras, é um dos mais baixos do mundo, muito, muito pouco. O futuro dessa Ceasa é incerto e essa pergunta que você me faz, nós nos perguntamos inúmeras vezes aqui dentro, mesmo tendo todo esse tempo de convívio aqui dentro, nós não sabemos para onde vai levar tudo isso aqui. Por que? Deixar o sujeito falar que ele não vai mais comer? É impossível. Dizer que o supermercado vai comprar direto da rede fornecedora (dos produtores)? Também é impossível. (Diante deste último comentário, a entrevistadora quis entender melhor sua opinião, ao que ele respondeu) Ele (supermercado) não consegue fazer uma programação eficiente pra trazer um produto do Rio Grande do Norte que demora três, quatro dias de viagem e chegar aqui e distribuir com eficiência um produto.[...] Ocorre que o problema dele de logística, de timing do produto chegar em condições favoráveis a uma boa venda do mercado,

na coloração ideal, na maturação ideal, é muito difícil, ele teria que manter um estoque enorme, gigantesco pra estar atendendo tudo isso daí.

A visão do participante Outros – P.S agregou um outro enfoque à questão:

Eu vejo que, os que estão investindo ainda nessa área, o fazem exclusivamente por interesse econômico e de manutenção dos negócios que já estão instalados, ao mesmo passo, poderia dizer-lhe que grande parte dos permissionários como já comentamos alguns momentos atrás, é de que os seus filhos, descendentes, às vezes até netos, eles já os estão conduzindo para formação fora dessa área. Isso dá a mim a impressão de que há uma insegurança muito grande quanto a ser isso um negócio a se perpetuar como atividade de alguém. Isso é o que eu poderia dizer pra você que é a percepção que eu tenho hoje no mercado, com exceção de algumas grandes empresas estabelecidas dentro das Centrais que obviamente permanecerão nesse ramo por muito tempo, mas que não diferentemente de qualquer área outra do mercado e da economia, está se concentrando na mão de muito poucos. Uma central de abastecimento, ao meu entender, não deveria ser refém de poucas empresas, mas sim de muitos pequenos produtores, empresários.

Realmente, trata-se de uma questão complexa, onde as convergências e divergências de opiniões mudam de acordo com as realidades cotidianas vivenciadas por cada um, em diferentes papéis e contextos.

Sato (2008) em sua pesquisa realizada na região do Alto Tietê (São Paulo) pôde averiguar que os clientes que geram maior lucratividade aos produtores de hortícolas (brócolis e alface) são os supermercados regionais, apesar do custo do frete ser do produtor (e isso não foi analisado). Em segundo, apareceram os pequenos varejistas, em especial os feirantes, pois estes buscam os produtos na roça. Em terceiro lugar, ficaram os atacadistas participantes da

amostragem: COBAL, Companhia Regional de Abastecimento Integrado de Santo André -CRAISA, Centro Atacadista de Santos e CEAGESP. Apesar da pesquisa ter considerado que os supermercadistas também estejam comprando hortícolas dos produtores da região, eles não foram envolvidos na amostragem como equipamentos de varejo.

Com base nos relatos dos permissionários e de outras informações apresentadas até aqui no presente estudo, podemos, a princípio, hipotetizar três possibilidades: a primeira de que as grandes redes podem não estar buscando o fornecimento de hortícolas nos pequenos produtores, mas principalmente nos grandes produtores. Se assim o for, a queda da produtividade nas vendas dos permissionários entrevistados dos MLs, também se justificaria por isso e não só, necessariamente, pela saída de alguns usuários que passando a vender diretamente para os grandes clientes, ficariam livres dos encargos da Central, como foi dito por alguns dos entrevistados.

Uma segunda possibilidade seria de que não são somente os produtores de hortícolas (dos MLs) seriam os únicos prejudicados com a invasão das grandes redes, mas também os permissionários dos boxes – frutas, batata, cebola e alho.

Uma terceira hipótese a ser considerada é de que, se os pequenos produtores não são tão “atraentes” aos supermercadistas, estes por sua vez, também não são os clientes mais interessantes para os pequenos produtores, tal qual evidenciou a pesquisa de Sato (2008), até por conta da lucratividade deles ser maior com equipamentos de varejo de menor porte.

Continuemos a falar da importância da Central aos olhos dos usuários dos MLs.

4.1.2- Os permissionários dos Mercados Livres

A percepção quanto à importância da Ceasa Campinas para os permissionários vinculados às pedras referiu-se, ora clara, ora subentendidamente, ao fato de que “tudo o que conquistaram na vida” foi conseguido através do trabalho na Central.

Àqueles participantes que se manifestaram claramente em sua percepção, os relatos foram:

Se eu tenho alguma coisa veio daqui, né (Permissionário 16).

Bom, eu tudo que eu tenho, eu levei daqui, trazendo a mercadoria, conseguindo trocar por dinheiro, foi daqui. Porque cê vende pra indústria a laranja, não vou dizer que, ainda vendo até hoje, mas dá menos, se uma caixa aqui tá 10 real, lá tem que vender a 5, então é proporcional, mas tudo o que eu tenho, que eu consegui na vida, eu e meus irmãos, nós conseguimos aqui, eu agradeço a isso, não é de graça não, é sofrido, é trabalhado, é que nem eu falei, eu gosto de trabalhar então tem um prato cheio (Permissionário 13).

O que eu tenho, o que eu construí na minha vida, foi tudo comercializado no Ceasa, né, foi tudo vendido aqui. [...] vende um pouco no sítio, mas a porcentagem é pouca (Permissionário 15).

Eu não tive formação nenhuma, só que aqui eu sou doutorado (rindo), eu entendo bastante, é o motivo que eu tô até hoje e faria tudo de novo. Eu sou uma pessoa sem profissão, vai ganhar o que? Eu comecei sem nada, não tenho profissão. Eu fiz o 2º ano ginasial e mal feito ainda porque eu nunca gostei de estudar, não culpo ninguém, a culpa é minha mesmo, e eu venci ué! Eu fiz o pouco ou muito eu tenho, né? Melhor do que eu era eu tô, bem, né? Então pra mim é uma glória e eu faria tudo de novo (Permissionário 14).

Alguns permissionários também comentaram sobre a importância da Central para os consumidores e clientes:

Pro consumidor no caso meu e do M. (outro permissionário) que a gente é produtor, sempre pega um alimento, uma mercadoria mais fresquinha né, no caso hoje, 5ª feira, a minha foi colhida ontem, a maioria ali já foi sobra de ontem, né (Permissionário 15)?

É vantagem: ele chega aqui a mercadoria tá prontinha, bastante vantajoso... Aqui tem bastante opção, você chega aqui e encontra de tudo, o que você procurar aqui você encontra, então a pessoa não tem que tá, aqui é um centro, entende, anda pouco e acha de tudo. Cê tem vantagem sim (Permissionário 13).

De ser uma central de distribuição de produto, que vem de tudo quanto é Estado, do Brasil inteiro vem produto aqui e é distribuído por aqui então facilita pra todo mundo, pra quem comercializa aqui, pro consumidor, pros comerciantes de fora, se não tivesse a Ceasa, como é que o pessoal ia buscar mamão na Bahia? Não tem como trazer, é que nem eu, se eu não tenho a Central, como é que eu vou buscar a mercadoria no Paraná? Eu pego no estado, no Brasil inteiro se tiver mercadoria, eu recebo em várias regiões, eu tenho que centralizar aqui (Permissionário 14).

Os demais permissionários dos MLs cujos comentários não foram apresentados aqui, deixaram, nas entrelinhas, que cresceram profissionalmente pela Ceasa Campinas. Todavia, eles não se posicionaram quanto à importância da Central. A ênfase de seus comentários ficou no plano dos desafios, das dificuldades e de “como eram bons os velhos tempos de outrora”.

Em pesquisa realizada na Ceasa de São José em Santa Catarina, Henkes (2006) pôde constatar que a importância dessa central pelos permissionários agricultores também foi relacionada às oportunidades que tiveram para vender seus produtos e com isso estruturarem-se pessoal e profissionalmente.

Nesse sentido três depoimentos se destacaram: *“Se a Ceasa aqui fechar, a agricultura da região vai falir”*; *“A Ceasa aumentou o meu ganho”*; *Depois que comecei a vender na Ceasa, consegui comprar minha terrinha* “ (Henkes, 2006, p.119)”.

Considerando as diferenças econômico-culturais e territoriais entre as regiões Sudeste e Sul, como por exemplo, esta última concentra segundo Censo Agropecuário 1995/96, maior número de pessoas ocupadas na agricultura familiar do que a primeira: Sul com 2.839.972 pessoas, e Sudeste com 2.036.990 (DIEESE, 2001), podemos entender que tanto para os produtores de hortícolas da Ceasa/SJ quanto da Ceasa Campinas, participantes das pesquisas realizadas, as Centrais de Abastecimento têm importâncias semelhantes quanto à estruturação de suas vidas a partir do trabalho.

Todavia, temos que levar em conta a significativa diferença entre as percepções dos permissionários de ambas as Ceasas no que concerne às dificuldades (desafios) enfrentados no dia-a-dia de trabalho.

Enquanto Henkes (2006), constatou que dos seus 41 agentes agricultores pesquisados, 37 declararam não ter dificuldades e que todos melhoraram suas rendas comercializando na Ceasa/SJ, no nosso estudo, dos oito entrevistados nos MLs quatro queixaram-se, em tom desalentador, da queda de lucratividade nas vendas.

4.1.3- Os permissionários do Mercado de Flores

O Mercado de Flores e Plantas Ornamentais de Campinas, por suas dimensões físicas, infra-estrutura e volume de comercialização (como já foi detalhado em item anterior) já se consagra em importância: é o maior da América Latina; concentra produtores de outros estados, dentre outras coisas.

Por outro lado, ter e manter um espaço para se comercializar a própria produção parece ser um grande diferencial para aqueles que atuam na Ceasa Campinas, como nos apontou o Permissionário 20:

O mercado, o setor de flores por uma questão sei lá, não sei te dizer porquê, o produtor passou a fazer a comercialização, coisa que não acontece no hortifruti, existem o intermediário pra isso, o produtor produz raramente é ele quem vem vender. Na flor funciona com o produtor, então na verdade quem tem um ponto de venda na Ceasa, seja aqui ou em qualquer outro, está em princípio fortalecido como empresário, muitas vezes há um custo, um custo razoável, e muitas vezes o cara não aguenta esse custo, dependendo do tamanho e do profissionalismo da pessoa, ele vai pra frente ou até não.

Além do que, como acrescentou o Permissionário 19, a tradição das Ceasas lhes confere um segundo importante referencial apesar da expansão da comercialização de flores e plantas por outros varejistas:

Bom o Ceasa, ele sempre foi um dos mercados antigo, né? [...] a tradição de Ceasa permanece. Mas [...] esses atacadistas grandes, esses centros de atacado grande, não conseguiu nos parar... Nos atrapalha porque tem muitas redes de mercado, eles começaram também como eles atrapalharam a vida de muito produtor de frutas, de cereais. Eles (redes de supermercado) vendem barato, quer dizer o produtor, leva com isso, e nós atacadista que fazemos a concorrência direto, somos mais fraco do que eles, e eles entraram em flor também, é uma das coisa que mexe bastante também com o mercado de flor.

Este permissionário retomou a questão da presença maciça das grandes redes de supermercado como mais um ponto (equipamento) de varejo, poderosíssimo, só que agora ligado às flores e plantas ornamentais.

A sua condição de permissionário comerciante, segundo seu relato, torna-o mais vulnerável diante das redes supermercadistas, pois assim como elas, ele também compra do produtor (no caso, do veiling Holambra) para revenda aos clientes. Logicamente com uma grande diferença: essas redes têm grande poder de compra e venda, e ele é uma pequena empresa atacadista.

Não fosse, ainda segundo suas palavras, a tradição da Ceasa que atrai há anos os consumidores de flores e plantas, a situação dele talvez estivesse um pouco pior. Fora isso, existe ainda uma outra vantagem para o seu negócio:

Só que a única vantagem que nós tivemos nisso, é que eles (os supermercadistas) não cuidam da flor, e elas ficam feias, e nós ainda temos nosso mercado porque a flor que nós vende, é fresquinha e bem cuidada [...] (Permissionário 19).

E de fato é mesmo. Circulando pelo Mercado de Flores, as cores, as formas, os aromas, capturam os clientes de forma tal que, só depois de um curto período “hipnótico”, na busca pela flor ou planta mais bonita, ou mais verdinha, é que perguntam: “*Quanto custa aquela...?*”

A seguir, abordaremos, também por setores específicos (GPs, MLs e Mercado de Flores), como os permissionários entrevistados vêem a concorrência dentro da Ceasa.

4.2- A concorrência na Ceasa Campinas

4.2.1- Os permissionários dos Galpões Permanentes

Eu vejo uma coisa boa, é legal, porque antigamente a gente tinha mais contrariedade, não é contrariedade... Cada um às vezes aqueles velhos, aquelas pessoas (rindo)... Eu vejo hoje, assim, por exemplo, ele (referindo-se ao filho que hoje toca o negócio) e o D. (jovem permissionário, vizinho, que toca o negócio do sogro) compram fruta junto, vem (o vizinho diz) “olha hoje eu tô precisando de 20 caixas de banana” (o filho dele responde) “ah pega aqui então...”

Antigamente não tinha isso, antigamente era cada um por si, é a gente vendia uma banana a cinco real, outro já queria vender por quatro (rindo)... Aquela coisa não é? Agora não, eu vejo eles mais juntos, compra junto.... É a juventude que já vem com

as idéia mais aberta, mais preparada, pessoas mais esclarecidas, no tempo nosso era tudo meio....(rindo), cada um puxava a brasa pra sardinha dele (Permissionário 1).

A visão que este permissionário fundador nos trouxe a respeito da concorrência dentro da Ceasa pareceu-nos, a princípio, inusitada. Afinal, em se tratando de um grande centro comercial atacadista poderíamos pressupor um nível de competição mais acirrada entre os seus comerciantes.

Todavia, os demais depoimentos que serão apresentados a seguir, confirmarão, em essência, aquilo de que nos falou o Permissionário 1.

Existe a concorrência comercial, ela é natural, mas não porque ele é meu concorrente ele deixa de ser meu amigo, então vamos dizer o seguinte: de repente eu consigo negociar uma fruta melhor, numa região melhor, tô com preço mais competitivo e uma qualidade superior. Naquele momento eu vou ser evidência na concorrência. Acabando aquela safra naquela determinada região, por exemplo, um outro concorrente meu tem um golpe de sorte, consegue uma região melhor e vai ser mais competitivo que eu. Isso com o passar do tempo passa a ser natural então a gente consegue conviver muito bem com isso, então assim, somos todos amigos, todos unidos, dentro do objetivo comum e dentro do objetivo pessoal. Eu tenho o desejo de vender pra um bom cliente e tudo mais, todos têm, mas a concorrência quando ela é honesta, não tem problema nenhum e aqui dentro você vai perceber que não existem pessoas desonestas aqui dentro (Permissionário 5).

Nós temos a Ceasa Campinas unindo todos esses fatores, um grande modelo e exemplo, primeiro que eu participei de uma área tão antiga e sou atuante, que eu não consiga passar pelo corredor que eu não convide meia dúzia, quatro companheiros pra almoçar, pra jantar junto... E as coisas foram criadas e fundamentadas nisso, numa integração entre a gente, numa amizade mais respeitosa mesmo sabendo que os interesses financeiros eles são latentes em cada um, principalmente quando se trata de concorrente. Aqui é o único

lugar que eu vejo a exemplo do Brasil que os que representam mamão sentam junto, os batateiros sentam junto, isso foi o tempo que providenciou, né, uma respeitabilidade (Permissionário 3).

Existe uma concorrência entre nós? Existe, no entanto às vezes nós trocamos, compramos mercadoria do próprio concorrente, por que? É difícil, você não pode ter um estoque extremamente alto, porque o risco é demais, é um produto perecível, e às vezes, a gente incorre no risco de quebrar um caminhão, de faltar, de errar no pedido e você tem que se abastecer às vezes com seu próprio vizinho, entendeu? Mas, não deixa a tal da concorrência no mercado, não vai deixar de existir nunca, embora, eu diria até que ela não é tão acirrada aqui no que diz respeito ao convívio porque nós somos comerciantes, concorrentes, mas às vezes almoçamos juntos, participamos da mesma associação aqui dentro do Ceasa. Existe um convívio junto e tem que ser um convívio saudável, porque afinal de contas eu estou aqui há 25 anos, se eu tiver o meu vizinho há 25 anos também, eu vou ficar 25 anos sem olhar pra cara dele só porque ele tá defendendo a profissão dele, levando o pão de cada dia pra casa dele, eu também vou ficar bravo com ele por causa disso? Jamais (Permissionário 7).

No contraponto competição e cooperação, as narrativas destes permissionários nos lembram muito um comentário feito por Sato (2006, p.120) em sua pesquisa com os feirantes de um bairro da cidade de São Paulo: “O feirante vive numa tênue tensão entre dois pólos opostos: competição e cooperação”.

Mesmo havendo competição, mesmo havendo interesses comerciais e financeiros por parte de cada um dos permissionários, eles deixaram transparecer em suas falas uma “atitude” de cumplicidade e companheirismo que foge à lógica do entendimento puramente racional. Mas que certamente se aproxima do campo das representações sociais do próprio grupo.

Tanto os feirantes da pesquisa de Sato quanto os permissionários deste estudo revelaram algo comum: por mais que sejam concorrentes comerciais, criam entre si uma atitude de colaboração.

Consoante ao comentário do Permissionário 7 que troca ou compra mercadorias de seu concorrente, conforme foi mencionado acima, Sato (2006, p. 123) constatou que: “Mesmo sendo concorrentes, por comercializarem o mesmo tipo de mercadoria, Marcos compra produtos para seu Pedro e também lhe indica outro atacadista onde pode obter mercadoria de boa qualidade”.

O entrevistado Outros – P.S fez duas considerações importantes sobre o vínculo entre os permissionários da Central:

Existem duas coisas que podemos observar: a primeira delas é de que a vida no seu ambiente de trabalho, às vezes ela demanda um tempo maior do que a sua própria vida dentro da sua casa, e a Ceasa não é diferente por ser comercial, principalmente o relacionamento aqui dentro, perdura por longas horas a cada dia. Isso faz com que essa proximidade seja grande, nós não temos aqui divisórias de vizinhança, é um campo aberto...

E um “*campo aberto*” que parece contribuir muito para a interação e descontração daqueles que convivem há muitos anos diariamente, constituindo-se em vínculos bastante sedimentados:

Não é raro às vezes, eu tô todo dia com o pessoal, entra um carregador, por exemplo, (e o permissionário lhe diz)

- “rapaz cê tem noção de quanto tempo faz que eu te conheço? Nossa faz tempo hem! Eu te conheço faz 30 anos!”

Eu tenho quem conheço faz 25 anos, tá todo dia comigo e a gente não se dá conta disso, de repente dá uns flashes em você assim, lembra aquela época, fulano de tal e tal... Então é uma característica que eu falo sempre o seguinte, quem entrou aqui e bebeu água daqui não sai mais porque acaba sendo envolvido e se deixando envolver porque a atmosfera é muito positiva, é um ambiente que você vem pra cá, quando você vai embora pra casa você vai feliz da vida...(Permissionário 5).

A maioria dos permissionários entrevistados tem entre 25 e 30 anos de Ceasa Campinas. É, sem dúvida, um longo tempo de convívio e de partilhas. E de cumplicidade. Cumplicidade esta que pode fortalecer as tradições e a identidade de um grupo.

Em seus estudos com os velhos memorialistas moradores da cidade de São Paulo, Bosi (2003, p. 75-6) aborda claramente a importância de uma cidade e de um bairro na formação identitária das pessoas:

O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade. É um lugar *nosso*, e um lugar *nosso* deve [...] permitir a dialética da partida e do retorno. [...].

Há nos habitantes do bairro o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ser que anima a vida das ruas e das praças, dos mercados e das esquinas. A paisagem do bairro tem uma história conquistada numa longa adaptação.

Como toda a cidade, como todo o bairro, a Ceasa Campinas também “tem uma história conquistada numa longa adaptação”.

4.2.2- Os permissionários dos Mercados Livres

O enfoque dos permissionários dos Mercados Livres quanto à concorrência dentro da Ceasa praticamente já foi apresentado e discutido no item “Os Principais Desafios: A Ótica dos Permissionários”, onde, na maioria dos relatos, foi estabelecida uma relação entre a competitividade interna e a mudança de perfil da clientela com a queda de lucratividade nas vendas.

No entanto, cabe ainda registrar que metade dos usuários das pedras entrevistados, costuma trocar mercadorias entre si para melhor atender às necessidades de consumo de seus clientes, ou seja, quando lhes falta algum produto, ajudam-se mutuamente, “fornecendo” a mercadoria a quem precisa.

Aliás, esta conduta parece comum entre boa parte dos permissionários da Central, sejam eles de hortifrutigranjeiros ou de flores e plantas.

Um outro ponto importante a ser destacado foi que a cumplicidade manifesta nos relatos dos permissionários dos GPs, não foi expressa claramente nas narrativas dos entrevistados dos MLs.

Talvez a possibilidade de entendimento dessa questão pudesse estar relacionada a fatores como: diferenças de caracterização de perfil, natureza da atividade (produtor e/ou comerciante) e tipos de produtos comercializados por esses dois grupos de usuários – GPs e MLs. Todavia, o presente estudo não reuniu percepções e informações suficientes que pudessem elucidar o significado dessa constatação. Este poderia ser um foco para outras investigações.

4.2.3- Os permissionários do Mercado de Flores

Dos usuários entrevistados no Mercado de Flores e Plantas Ornamentais, o único que se pronunciou claramente “afetado” pela concorrência interna foi o Permissionário 21.

Como seu produto é a violeta, cuja variedade é uma das mais caras, o aumento do número de usuários na comercialização desta flor e com preços ainda menores, vem lhes conferindo, a ele e ao irmão, pequena margem de lucro. Mas, ainda assim, conseguem comercializá-las.

Frente à esta situação, ele confessou que está difícil para se manter no negócio. Como já está com 36 anos, ele antevê duas saídas: ou mudam de produto ou ele troca de atividade.

Já a Permissionária 24 se revelou como um exemplo de “trabalho em parceria”, já que além de comercializar seus produtos (lisianthus, tango, crisântemos, dentre outras) fornecidos por outros permissionários do próprio Mercado de Flores, ela ainda se incumbe de vender as mercadorias de outros

usuários (como a gérbera, por exemplo) que deixam o mercado logo após o encerramento da feira. Ela disse que tem um ótimo relacionamento com todos, apesar da competição de seus vizinhos de box.

O Permissionário 20 ao referir-se ao mercado de plantas em geral fez uma consideração bastante promissora aos produtores e comerciantes deste ramo: as perspectivas de crescimento do setor são bastante favoráveis:

O mercado de plantas é um mercado em franca expansão. A gente gasta um valor per capto muito pequeno comparado com a Argentina, por exemplo, com a Europa e Estados Unidos então nem se fala... Eu não sei de cabeça, mas se a gente gastar um dólar, a Argentina gasta 30, 40 e a Europa 150.

Em contrapartida, ele incluiu nessa discussão uma variável bastante importante: a estrutura disponível por parte do produtor para comercializar, onde a Ceasa Campinas representaria um forte canal de escoamento do produto, mas não necessariamente acessível a todos:

Você ser um produtor que depende da venda no seu próprio sítio ou você não ter a comercialização como uma ferramenta, é complicado. É um trunfo pro mercado, pro setor de floricultura, na minha opinião, ele poder comercializar a sua própria produção. Quem trabalha com o veiling em Holambra, por exemplo, já tem uma situação diferente: o veiling vem e comercializa pra ele, ele vai lá e entrega o produto; o veiling faz a comercialização, é uma situação diferente, mas aqui não. Aqui o produtor vem, a maioria é o próprio produtor que vem, senta no box e faz, comercializa seu próprio produto ... Tem problemas no mercado (referindo-se ao Mercado de Flores) porque às vezes o cara tá com produto em excesso, ele quer vender, ele faz operações que às vezes são daninhas pro mercado; às vezes o cara faz isso até sem saber. Mas eu acho assim que não comercializar no setor de flores é ruim. O cara que tá, ou ele tá num ponto avançadíssimo que ele realmente não precisa, acordar cedo ou mandar um funcionário pra cá, ele tem já um nome tão sólido no mercado, é procurado né, ele é

uma coca-cola no negócio, que deve ter alguns, ou, na verdade, ele tá enfraquecido ou ainda não tem um poder aquisitivo ou um nível legal pra que ele possa fazer, pleitear essa comercialização. Não é fácil; não tem vaga pra todo mundo, é um vestibular, né? Conseguir seu box.

O TRABALHO DOS PERMISSIONÁRIOS E SEU ESTADO DE SAÚDE

É inquestionável a essencialidade do trabalho na existência humana. O indivíduo não trabalha somente para suprir as suas necessidades de subsistência, mas também para a sua realização pessoal no campo social, fator extremamente importante ao seu equilíbrio físico e mental.

Por outro lado, na mesma medida em que o trabalho encerra essa importância, pode também se constituir em grande fonte de transtornos que acabam afetando sobremaneira a saúde daquele que trabalha.

Assim, tendo este estudo como foco a trajetória de trabalho dos permissionários da Ceasa Campinas, fez-se necessário também considerar as possíveis interferências desta trajetória em seu estado de saúde, ainda sob a ótica deles mesmos.

Para tanto, o ponto de partida foi buscar conhecer o significado que o trabalho tem para esses permissionários, para depois, então, considerar a relação entre o próprio trabalho e o seu estado de saúde.

Dentre os significados manifestos nas narrativas dos permissionários dos GPs, destacaram-se:

- Honroso, com ele construiu a sua vida: deu estudo aos seus filhos; tem uma boa estrutura de vida.
- É a própria vida; *“tá no sangue”*.
- O elixir da vida.
- É tudo; é o que dignifica o homem.

Já o significado do trabalho para os permissionários dos MLs, foram:

- Gosta muito do seu trabalho, principalmente do convívio e das amizades que fez a partir do trabalho (citado por cinco dos entrevistados).
- O que lhe traz satisfação.

- A base para a família.
- “É o brilho da minha vida”.
- É tudo.
- É diversão.

Na percepção dos permissionários do Mercado de Flores:

- É fundamental; é prazeroso (citado por três pessoas).
- Só sobrevivência (citado por duas pessoas).
- Responsabilidade social, pois dele dependem 30 famílias (de seus funcionários), além dos pequenos produtores de fundo de quintal.

Com base nessas afirmativas, constatou-se que para a quase totalidade dos permissionários entrevistados, o significado do trabalho encerra: satisfação, realização, estruturação de vida, o próprio sentido de viver; ou, em outras palavras, aquilo que poderíamos conceituar de necessidades psicossociais. Já para uma minoria, especificamente concentrada na amostragem do Mercado de Flores, no entanto, o trabalho representaria fundamentalmente a sobrevivência, ou seja, aquelas necessidades básicas conceituadas como fisiológicas e de segurança.

No tocante às relações estabelecidas entre o trabalho e o seu estado de saúde, todos os participantes da pesquisa posicionaram-se de forma tal que pudemos identificá-las, especificamente neste estudo, sob quatro enfoques a serem apresentados a seguir, encadeados pelas respectivas narrativas dos entrevistados.

1º- O trabalho não prejudicou a saúde, pelo contrário: contribuiu no bem estar

Boa, eu faço exame todo, eu terminei uma bateria agora, essa semana, 2ª feira que eu peguei exame, 3ª feira eu peguei o exame, não tenho colesterol, graças a Deus, tudo normal,

coração, tudo. [...] o trabalho, interferiu porque eu vejo que se eu ficar parado, eu fico doente (rindo).

(Voltando a falar da interferência do trabalho) Pra minha boa saúde... Porque domingo, nem domingo eu sou capaz de ficar parado, eu tenho que mexer, se eu tiver viajando, tudo bem [...] eu vou pra Minas são 340 km, eu vou, volto...(Permissionário 2).

(Ao justificar o seu bom estado de saúde) O trabalho não mata, não judia, alegria de vida, não cria rugas, né, e gostar daquilo que faz realmente, sabe, a gente tem muita ocupação construtiva. Porque as pessoas que se ocupam demais naquilo que realmente não constrói, há uma tendência de desgastar porque a mente ela é poderosa...(Permissionário 3).

Como eu te falei vai fazer 31 anos que eu estou aqui, eu graças a Deus nunca assim fiquei doente, fiquei acamada, precisar me afastar. Tanto é que em 30 anos se eu falar que tive férias, eu to mentindo, tive que tirar quatro dias em época de carnaval, mas tirar assim férias 15 dias, 30 dias, eu nunca cheguei a tirar.[...] Nunca cheguei a faltar no serviço nesses 31 anos, graças a Deus. Agora, ficar estressada, às vezes eu fico, por isso que os outros me chamam de B. B. (seu apelido no trabalho), mas acho que é isso, eu solto meu stress através disso, eu grito, eu berro, xingo, falo assim... [...] Não tenho nada do que me queixar, às vezes assim tenho cansaço físico, porque eu chego daqui, vou pra minha casa, ainda tenho o meu serviço de casa pra fazer, lavo roupa, faço janta, a casa eu só limpo o final de semana que é o dia que dá, que às vezes eu chego cansada, mas assim, não tenho o que reclamar, não (Permissionária 10).

(Referindo-se à interferência do trabalho na sua saúde) Acho que não. É claro que tem pedaços terríveis, né que a gente passa, financeiro, mas ah eu acho que não. É que eu sou encucada mesmo com certas coisas, aí que a enxaqueca vem, se eu consigo lidar com ela, ela não vem (Permissionária 9).

É oportuno ressaltar como comentários adicionais destas duas últimas permissionárias (10 e 9), a importância que as amizades e o bom convívio com a clientela têm na satisfação diária com o trabalho.

(Ao relacionar o trabalho e a saúde) Prejudicou não, Graças a Deus não. A gente procurou sempre dedicando assim, descansando, procurando um pouquinho pra melhora, eu tenho esse pensamento de melhora (Permissionário 11).

Eu graças a Deus nunca tive problema, eu já tive quebra-dura, cirurgia por causa de quebra-dura, a cirurgia do nariz, mas são coisas passageiras. Mas, uma doença, graças a Deus nunca tive. Não sei se é o trabalho, se é a raça, graças a Deus eu nunca tive problema, eu encaro a vida assim, viu. Não sei se respondi bem ou não, mas é o meu trabalho que me faz (Permissionário 13).

Eu acho que a gente tá com boa saúde, não tem problema nenhum de saúde, né, e trabalhando né, eu acho que o trabalho contribui (Permissionário 15).

Olha difícil eu ficar doente, muito difícil. Só fui internada duas vezes na minha vida, o parto das crianças mesmo, fora isso, não sei o que uma injeção, não sei o que é ficar internada, não sei o que uma pressão alta, mas também eu não dou tempo pra meu corpo ficar querendo pedir um remédio, um cansaço, eu não deixo o meu corpo... [...] você pode perceber que as pessoas só ficam doentes porque não tem mais o que fazer, ou o que eles estão fazendo a pessoa não acha que é importante, porque se você faz um negócio e você acha que é importante o seu trabalho, a pessoa sempre vai ser saudável, porque eu acho que o mais importante é o ser humano achar que ele é útil e alguém dar valor pra isso (Permissionária 23).

De saúde acho que não, até melhora eu acho, porque não fazer nada aborrece muito, né? Acho que (trabalhar) até melhora porque graças a Deus eu tô bem. O único problema que eu tenho é o colesterol alto sabe? [...] é comida e acho que stress um pouco, né (Permissionária 22.)

Se considerarmos os “significados do trabalho” dados pelos permissionários, relacionados anteriormente neste capítulo e mais, as narrativas dos participantes acima descritas, segundo as quais o trabalho não chegou a prejudicar o estado de saúde, o fator “satisfação no trabalho” manifestou-se direta ou indiretamente, através de: gostar do que faz (da atividade em si); sentir-se útil e reconhecido; a boa interação e relacionamento com colegas e clientes.

Os estudos e pesquisas de Dejours⁷ esclarecem-nos que é pela mediação do trabalho (atividade em si), no campo das relações sociais (equipe, colegas de trabalho, chefias) que o indivíduo pode realizar-se pessoalmente através do reconhecimento por aquilo que realiza e, assim, fortalecer sua identidade. Logo, podemos pressupor que na medida em que as pessoas puderem vivenciar tais condições e com isto manterem seu equilíbrio físico e mental, seu bom estado de saúde poderá ser preservado.

Em pesquisa realizada sobre a relação entre satisfação com aspectos psicossociais e a saúde dos trabalhadores, Martinez, Paraguay & Latorre (2004) puderam constatar:

[...] a força das associações da satisfação no trabalho com a saúde. Elas permaneceram independentes de características sociodemográficas e funcionais, evidenciando a importância dos fatores psicossociais no trabalho em suas relações com a saúde, nos aspectos de saúde mental e capacidade para o trabalho.

A International Labour Office – ILO⁸ (1984) norteou essas pesquisadoras quanto à natureza dos possíveis fatores psicossociais no trabalho. Eles se referem:

⁷Dejours C *apud* Lancman S, Sznclwar LI. (orgs) CHRISTOPHE DEJOURS – Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2004.

⁸International Labour Office *apud* Martinez MC, Paraguay AIBB, Latorre, MRDO. Relação entre satisfação com aspectos psicossociais e saúde dos trabalhadores. Rev. Saúde Públ. 2004; 38(1): 55-61.

À interação entre e no meio ambiente de trabalho, conteúdo do trabalho, condições organizacionais e habilidades do trabalhador, necessidades, cultura, causas extra-trabalho pessoais e que o desempenho no trabalho e a satisfação no trabalho.

2º- O trabalho é estressante, mas não interferiu na saúde pelo fato do stress estar sendo administrado e cuidado (atividade física, alimentação, conhecimento sobre o assunto, etc)

Olha precisa tomar muito cuidado com stress, nervosismo, pra não prejudicar a saúde. Acho que a gente tem que ter nossos hobbies, nossas férias, sessão de massagem... Então são vários fatores: quem gosta de pescar, vai pescar, quem gosta de fazer outra coisa, vai fazer, que é pra pessoa manter o equilíbrio mental, e do equilíbrio mental a pessoa poder manter um equilíbrio energético do corpo pra poder não se estressar.

(Questionado se o trabalho chegou a afetar a sua saúde) eu acho que não; eu não vi assim, não tenho nenhum problema de saúde atualmente, nunca tive depressão, nunca tive alguma coisinha física, só contusões às vezes por causa do esporte, natação ou às vezes alguma coisa assim...[...]. Tanto o trabalho quanto o esporte têm que ser levados conforme pra não mexer com a nossa saúde (Permissionário 6).

(Referindo-se ao trabalho e ao seu estado de saúde) Não, eu não vejo impedimento nenhum, logicamente você tem que ter toda uma adaptação do que se é normal porque nós somos anormais (rindo). Já te expliquei, por exemplo: acabou o Jornal Nacional (na televisão) que acaba o quê, 8 horas, 9 horas, eu vou dormir (Permissionário 5).

Quando a gente é mais jovem, né, a gente acha que tudo pode, que você agüenta ficar até uma hora da manhã e acordar às 4 e meia, vir trabalhar e às vezes até consegue e acha que tá tudo bem. Mas, na verdade, seu desempenho não é o mesmo.

Por mais que a gente queira se justificar, dizer que deu conta do trabalho, muitas coisas a gente enrolou, ou se fez, não fez como deveria. É impossível alguém não estar descansado e render a mesma coisa que alguém descansado, é a água e o vinho, não tem como. E quantas vezes eu saía daqui, ia viajar no começo acabava tomando o tal do arrebite, né, que era fenopreporex (estimulante), isso daí com o tempo vai provocando uma mudança no humor porque são remédios faixa preta. [...] Você deixar de dormir muitas vezes e achar que você vai acostumando, isso e aquilo e depois com o tempo, você passa a entender o processo: como é que trabalha uma supra-renal, quantas horas precisa de descanso, como agem esses remédios na hipófise, isso, aquilo. A partir do conhecimento e tudo mais, cê vai entendendo: “não, eu tô me matando! Tenho que mudar”. Não, não é porque eu quero, é uma necessidade, não é o que eu quero, é o que meu corpo necessita. É uma série de mudanças que a gente só vai adquirindo algumas coisas por acaso, a gente acaba adquirindo, no meu caso, e você só toma uma consciência de fato disso, algumas, com a maturidade, isso é fato, não tem como (Permissionário 7).

O nosso trabalho é estressante, ele é estressante, ele é pesado, principalmente nessa época (fim de ano), é um sufoco, é gente pedindo coisa... [...] Mas assim em termos de saúde, eu procuro, meu trabalho é esse, então não é uma coisa que me afeta, não faz mal a saúde, cansa como qualquer trabalho, a tensão que um médico deve ter operando, eu tenho talvez trabalhando com gente, tem a sua dificuldade, tem o seu prazer. Minha saúde, eu tenho um acompanhamento médico, um amigo meu aqui de Campinas, é médico professor da Unicamp, um cara que eu tenho uma confiança enorme [...] tenho procurado seguir os conselhos dele, alguns sim, alguns não, como sempre, a gente é meio teimoso, né (Permissionário 20).

3º- O trabalho afetou a saúde temporariamente

(Referindo-se à carga de trabalho) *Eu virava o caminhão, subia, ia daqui pra lá, distribuía as caixas, e voltava pegando, recolhendo (os produtos diretamente das roças), só que era cansativo, trabalhoso, nessa época eu até me estressei, era muito serviço... [...] Não parei de trabalhar, mas tive uma depressão muito forte. Isso foi em 94.*

(Ao ser indagado se o trabalho voltou a afetar a sua saúde) *Não, só essa vez (Permissionário 14).*

Deu labirintite em mim uma vez, estado de nervos; acho que foi cansaço demais, né? Mexeu com pressão, mexeu com tudo, mas eu consegui normalizar. Aí agora, de uns tempos pra cá começou, e o triglicérides meu subiu. (Questionado se tomava remédio) Tomo, às vezes quando eu... Eu gosto mais de ficar no sítio, na roça trabalhando, que eu fiquei dois meses ali do serviço pra cá, e o moleque (seu filho) cuidando daqui (Ceasa Campinas); era pouca mercadoria. Comia tudo mais em hora certa, eu bebia água bastante porque a água ali era água boa, eu até emagreci, a barriga diminuiu, eu ficava de dois dias sem tomar o remédio da pressão. Eu acordava 3, 4 horas da manhã com vontade de trabalhar. E agora comecei a ficar pro Ceasa outra vez, tô começando a ficar lerdo, dá hora de vir pro mercado venho, saio daqui tenho que da aquela cochiladinha. Fico dormindo, quando dá 7 horas da noite, dá sono em mim. E começa crescer a barriga também (rindo) (Permissionário 17).

4º- O trabalho afetou a saúde definitivamente

(Referindo-se aos demais permissionários dos MLs e carregadores) *Conheço muito eles, meus colegas de trabalho aqui, carregador, eu vejo que tem uma dificuldade pela idade, eles têm muito problema de coluna, é grave viu, é grave. Coluna, parte de pressão; tem gente boa, é muito pesado o serviço pra eles, é pouco espaço (relacionando ao período de*

pico no trabalho diário), mas o serviço é pesado (Permissionário 11).

Na minha interferiu porque eu vim de vários stress de uns tempo pra cá. Tipo eu falei que era produtor então a gente tinha mercadoria, então às vezes chovia, estragava mercadoria, e cê vem aqui no Ceasa, cê pensa que vai vender num preço e não vende, então tudo isso deixa a gente estressado. Cê vende pra pessoa, a pessoa compra mais do que achou que ia vender, não vendeu; deu troca, cê vai lá troca mercadoria que cê não tem culpa que não vendeu ... [...] Cê já acorda todo dia de manhã é difícil, cê acordar um ano é fácil, dois; eu acordo faz desde os 15 anos, faz 18 anos que eu acordo cedo [...], então é uma coisa que vai estressando [...]

(Acredita que o stress do trabalho afetou sua saúde) Porque eu tenho diabetes há três anos. É controlada tudo, mas tem que tomar insulina tal, fazer os controles (Permissionário 8).

Eu comecei a me estressar e perdi, como diz, a minha paz, quando eu comecei a trabalhar por conta e fui lidar com firma, com funcionários, horário e flor e cobrar e vender, isso veio a prejudicar bastante a minha vida e a minha saúde.

Isso e de lá para cá eu venho lutando com a minha vida nessa parte. É um trabalho muito estressado, cê tem [...] que lidar com o público, lidar com a compra primeiro, depois o público, e cada freguês tem um temperamento diferente: quando vem vamos supor um varejista, é um tipo, quando vem particular é outro tipo, e tem pessoas que são calmas, tem pessoas que são nervosas, tem pessoas que compreende uma flor que quebrou ou caiu, tem pessoas que briga, xinga, sempre tem que ter um controle emocional, e por causa das trajetórias da minha vida, nesse trabalho agitado, né, porque a Ceasa Campinas, a Ceasa São Paulo, a Ceasa Ribeirão Preto, cada dia nós tamos num lugar (Permissionário 19).

Este permissionário do Mercado de Flores, como já foi dito anteriormente, vivenciou uma série de transformações na sua vida profissional. A principal delas e, segundo ao que ele mesmo se referiu, a responsável pelos prejuízos que sofreu em sua saúde, foi a mudança da condição de empregado à atacadista do ramo de flores: desde que passou a trabalhar na comercialização de flores, ele teve três enfartos, fez três pontes safenas e três angioplastias, além de sofrer de hipertensão.

A princípio, todos os problemas que o trabalho veio lhe acarretando desde a sua mudança de papel profissional, parecem estar relacionados ao que Levi (1998) chamou de “*sobrecarga qualitativa*”, um dos principais fatores situacionais que pode atuar como significativo estressor laboral. A sobrecarga qualitativa diz respeito à grande variedade de estímulos, com conteúdo de trabalho bastante diversificado, que exige muita criatividade, elevada interação social, muita responsabilidade e autonomia.

Um outro enfoque que pode ser dado à problemática do Permissionário 19, refere-se à condição de desenraizamento desenvolvida por Simone Weil. Bosi (1987, p. 21) ao abordá-la, comenta que:

Entre os mais fortes motivos desenraizadores está a separação entre a formação pessoal, biográfica mesmo, e a natureza da tarefa (grifo nosso), entre a vida no trabalho e a vida familiar, de vizinhança e cidadania.

Assim como este permissionário, muitos são os desenraizados no mundo e, principalmente, no mundo do trabalho que, por conta de todas as transformações político-econômicas ocorridas nos últimos tempos, tiveram seus trajetos profissionais e pessoais radicalmente mudados às custas de perderem suas raízes e força identitária, bases norteadoras de ações presentes e futuras de grande importância ao equilíbrio mental e físico dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conselho só pode ser, portanto, dado
se uma história conseguir ser dita,
colocada em palavras,
e isso não de maneira definitiva ou exaustiva,
mas, pelo contrário,
com as hesitações, as tentativas, até as angústias de uma história
“que se desenvolve agora”,
que admite, portanto,
vários desenvolvimentos possíveis,
várias seqüências diferentes,
várias conclusões desconhecidas
que ele pode ajudar não só a escolher,
mas mesmo a inventar,
na retomada e na transformação por muitos
de uma narrativa à primeira vista
encerrada em sua solidão.

(Gagnebin, 1999)

Partindo das memórias e relatos dos permissionários participantes deste estudo, pôde-se chegar a alguns entendimentos quanto à representação que a Ceasa Campinas tem na vida destas pessoas e sua importância no mundo do trabalho.

Em primeiro lugar, destacou-se a importância da Ceasa enquanto geradora de oportunidades de trabalho, principalmente para aqueles produtores e comerciantes fundadores, que mesmo sem muita escolaridade, conseguiram se estruturar e “vencer” profissionalmente.

É bem verdade que trabalharam arduamente, “de sol a sol”, muitas vezes não dormindo ou dormindo muito pouco. Mas puderam alcançar êxito profissional e, principalmente, por meio disto, uma força identitária positiva e consolidada. Ao longo dos anos, pelo que alguns dos entrevistados manifestaram, “muitos se perderam no caminho”, seja pela falta de tino administrativo ou

comercial, seja por suas atitudes e valores frente à vida, seja pelas mudanças do contexto político e econômico do país e do mundo.

Especialmente os permissionários dos boxes, em sua maioria, puderam, se não enriquecer pelo trabalho, ao menos conseguir proporcionar uma vida bastante confortável para si e suas famílias.

O mesmo parece ter acontecido com os permissionários das pedras, ainda que em proporções diferentes, ou seja, a quantidade de permissionários com grande poder aquisitivo é muito menor do que a dos boxes, haja vista a diferenciação dos perfis, das condições e estrutura de trabalho e do próprio porte da empresa.

Ainda sob o enfoque da geração de empregos, a Ceasa Campinas revelou-se importante fonte geradora de trabalho, ainda que uma parte seja informal. Mesmo sabendo das implicações negativas da contratação de mão-de-obra fora das vias legais que asseguram direitos ao trabalhador, este, por outro lado, tem como assegurar sua sobrevivência e a de seus familiares com alguma dignidade, o que corrobora para mantê-lo fora da marginalidade.

O exercício da responsabilidade social da Ceasa Campinas também se sobressaiu significativamente pelos projetos sociais desenvolvidos. Destacou-se nos comentários realizados, a muito bem sucedida experiência do Instituto de Solidariedade Alimentar - ISA, criado há 23 anos por um dos permissionários fundadores da Ceasa, que distribui de 350 a 400 toneladas de alimentos a mais de 900 famílias carentes da região.

Chamou-nos a atenção que o projeto de políticas públicas pertinente à segurança alimentar, sediado e operacionalizado pela Ceasa Campinas, no Banco de Alimentos e na Alimentação Escolar, que também fazem parte dessa responsabilidade, não foram comentados por nenhum dos depoentes nas entrevistas realizadas.

Este fato seguramente poderia abrir espaço para um outro estudo, na medida em que sugere uma manifestação por parte dos permissionários em atribuir maior importância às próprias iniciativas (privadas) e ações do que àquelas (políticas públicas) de autoria do estado, representado, neste caso, pela Prefeitura de Campinas.

Boa parte dos permissionários participantes desta pesquisa reconheceu a grande importância da Central de Abastecimento na cadeia produtiva de alimentos, seja para aliar as necessidades de escoamento dos produtos às dos consumidores, para regular e informar os preços dos hortifrutis no mercado, e também para oferecer grande variedade de produtos com excelente qualidade.

Todavia, dadas as grandes transformações do mercado varejista, principalmente pela entrada dos hiper e supermercadistas, alguns permissionários ouvidos não esconderam a sua grande preocupação quanto ao futuro da Ceasa.

O domínio que as grandes redes de supermercado vêm exercendo sobre os produtores e consumidores acabam afetando a Central, direta e indiretamente: além delas comprarem as hortícolas diretamente na roça (e não mais na Ceasa), acabam “ganhando” maior número de consumidores que, por sua vez, deixando de comprar do pequeno varejo (feiras, quitandas, sacolões), faz com que este se abasteça menos na Ceasa.

Esta diminuição (ou quase extinção) da compra de mercadorias na Ceasa Campinas por parte das grandes redes supermercadistas, foi o principal desafio manifesto pelos permissionários dos Mercados Livres, haja vista a queda de lucratividade em suas vendas, nos últimos anos, por conta dessa debandada. A maioria desses permissionários ouvidos demonstrou muito desalento ao comentar a situação.

No que concerne ao setor de flores e plantas, os grandes supermercados também vêm tentando fazer frente aos demais equipamentos de varejo e até aos próprios atacadistas. Contudo, por se tratar de um setor “novo” e

em franca expansão, tal qual o próprio Mercado de Flores da Ceasa Campinas, não chega a constituir ameaça tão próxima. Mas é como apontou a Permissionária 23: novas tecnologias e investimentos precisariam ser feitos para que daqui a cinco anos eles não estejam ultrapassados.

Talvez antes, ou consoante à implantação destas novas tecnologias, seria oportuno cuidar do ruído produzido pelos carrinhos que transportam as flores e plantas de ponta a ponta do mercado. Esta foi uma das queixas principais dos permissionários entrevistados e pareceu-nos, à primeira vista, uma das mais urgentes, tendo em vista que o barulho destes carrinhos é realmente ensurdecedor. Quantos ali não terão problemas de audição a curto e médio prazos?

Um outro aspecto bastante interessante revelado neste estudo foi a relação concorrência (competição) e colaboração entre os permissionários: apesar de concorrentes comerciais, acabam colaborando entre si, quer para negociar preços nas compras de produtos comuns, quer por exemplo para trocarem mercadorias uns com os outros, já que não podem ter grandes estoques porque o risco de perda do produto perecível é muito alto. Isto apareceu tanto nos Boxes quanto nas Pedras e Mercado de Flores, ainda que com relação a estes dois últimos, nem todos os entrevistados deixaram este dado tão evidente.

O trabalho, para a quase totalidade dos permissionários ouvidos neste estudo, encerra um sentido vital para suas existências, não só por conta da sobrevivência, mas principalmente por estar associado a significados, tais como: satisfação, estruturação de vida e família, gosto pela atividade em si, rede de relacionamentos, diversão, identidade, etc.

No tocante à relação estabelecida entre trajetória profissional e o estado de saúde dos permissionários, foram levantados significados diferentes entre os entrevistados. Todavia, para a maior parte deles, dos três setores (GPs, MLs, Mercado de Flores), ao longo de sua trajetória profissional, o trabalho não prejudicou (ou prejudica) a sua saúde. Alguns mesmo declararam que sem o trabalho é que adoeceriam.

Houve uma tendência por parte dos permissionários mais antigos em associar o trabalho ao bem estar, apesar do franco reconhecimento da dura e desgastante jornada vivenciada em todos esses anos de Central. O sentimento de realização e de superação dos desafios parece ter sobrepujado qualquer sofrimento da jornada.

Já os permissionários mais jovens, na faixa dos 45, 48 anos, mesmo reconhecendo que o trabalho não esteja lhes afetando a saúde, revelaram ter plena consciência do alto risco de *stress* a que estão suscetíveis pelas atividades realizadas cotidianamente. Por isso, acreditam que cuidados como alimentação, prática esportiva, descanso, lazer, família e acompanhamento médico são imprescindíveis à prevenção de quaisquer transtornos de saúde decorrentes de *stress*.

Poucos dos permissionários entrevistados confessaram-se prejudicados em sua saúde por causa do *stress* no trabalho. No entanto, dois deles sofreram prejuízos sérios e irreversíveis.

Algumas sugestões com vistas à promoção à saúde dos permissionários e trabalhadores em geral da Ceasa Campinas foram dadas pelos participantes ouvidos nesta pesquisa. A mais comentada, referiu-se à realização de palestras informativas, de curta duração, sobre temas básicos relacionados à vida e saúde em geral das pessoas, tais como: sono, alimentação, lazer, família, auto-estima, equilíbrio emocional, valores e crenças. Além destes conteúdos citados, seria de grande importância incluir informações pertinentes à ergonomia haja vista que uma das principais características da atividade (distribuição de alimentos) é o manejo de carga.

Um permissionário, em especial, acrescentou a importância de se envolver as famílias dos trabalhadores neste ciclo de palestras, entendendo que suas mães e esposas poderiam contribuir nesse processo de conscientização dos cuidados à saúde.

Houve também, dentre as sugestões trazidas pelos entrevistados, algumas um pouco mais específicas: que se faça um “fundo” de arrecadação mensal com um valor mínimo entre todos os permissionários para haver uma reserva financeira direcionada aos carregadores, quando estes ficarem sem trabalhar por conta de algum acidente, já que não são registrados. Supomos que, a princípio, esta idéia esbarraria na dificuldade dos permissionários já contarem com grande número de taxas e despesas.

Por fim, cabe aqui registrar uma outra reivindicação feita por um dos permissionários mais antigos que, como tal, pareceu bastante consciente da realidade vivenciada na Ceasa Campinas: que o posto de saúde do SUS lá existente amplie seu horário de atendimento com a presença constante de médico para melhor assistir aos trabalhadores que, segundo este permissionário, bem mereciam maiores cuidados e atenção por sua grande dedicação ao trabalho.

De fato, o trabalho é intenso e exige bastante dos que dele dependem. Mesmo tendo períodos de pico relativamente curtos, com já foi citado anteriormente (descarga dos produtos, sua comercialização, entrega aos clientes), a natureza do trabalho em si, o horário e a jornada semanal parecem ser realmente desgastantes. Apesar disto, a trajetória profissional da maioria dos permissionários participantes desta pesquisa não foi manifesta como um agente de impacto negativo ao seu estado de saúde.

Finalizando, este estudo recolheu uma grande quantidade de informações e experiências transcritas em mais de duzentas páginas de depoimentos. Muito mais haveria que ser analisado e manifesto. Todavia, buscou-se evidenciar as idéias e percepções dos permissionários com maior destaque e importância dentro dos objetivos nele estabelecidos. Assuntos relacionados ao modelo de gestão vivenciado na Ceasa Campinas, Sindicato, ou ainda considerações sobre as técnicas agrícolas adotadas pelos permissionários agricultores, dentre outros, não foram mencionados pelos participantes ouvidos.

O resgate do papel, importância e história da Ceasa Campinas, e das lutas, conquistas e desafios de seus permissionários em sua trajetória profissional, também trouxe consigo a valiosa oportunidade de se rediscutir dois temas vitais à perpetuação de vida no planeta Terra: o cultivo e distribuição de alimentos, mais especificamente de comida. Sem isto, não sobreviveremos.

É preciso então, continuarmos a contar esta história. Partilhá-la com outros, disseminá-la, debatê-la. Uma história que, por sua tradição, força e consistência, seguramente admite diversos tipos de seqüências, transformações e desfechos ainda não conhecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade CB, Monteiro MI. Envelhecimento e capacidade para o trabalho dos trabalhadores de higiene e limpeza hospitalar. Rev. Esc. Enf. USP, 2007; 41(2):234-44.

A Situação do Trabalho no Brasil. São Paulo: DIEESE Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, 2001.

Benjamin W. Textos Escolhidos / Walter Benjamin; Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980. trad. Modesto Carone.

Bosi E. Cultura e Desenraizamento. In: Bosi A. (org) Cultura Brasileira - Temas e Situações. Editora Ática, 1987.

Bosi E. O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Brandão CR. Os caipiras de São Paulo. SP: Brasiliense, 1983.

CEASA. Centrais de Abastecimento de Campinas S.A. Conheça a Ceasa – uma cidade dentro da cidade. abr.2002 [acesso em 10 de mar de 2008].

Disponível em: URL: <http://www.ceasacampinas.com.br>

Ceasa Campinas. Esta é a Ceasa Campinas. [acesso em 10 de mar de 2008]
Disponível em: http://www.ceasacampinas.com.br/conheca_o_ceasa.htm

Ceasa Campinas. História da Ceasa acompanha desenvolvimento do país. 2004 [acesso em 10 de mar de 2008].

Disponível em: http://www.ceasacampinas.com.br/noticias/2004/17_03_04_2.ht

Ceasa Campinas. O que é o PSA de Campinas. 2005 [acesso em 10 de mar de 2008].

Disponível em: http://www.ceasacampinas.com.br/prog_seg_alimentar.htm

Ceratti M. et al. Comercialização de Flores e Plantas Ornamentais no Segmento Varejista no Município de Lavras/MG. Ciênc. Agrotec. Lavras, v. 31, n.4, p.1212-18, jul./ago., 2007. [acesso em 01 de mai de 2008]

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cagro/v31n4/40.pdf>

CONAB Companhia Nacional de Abastecimento [acesso em 30 de out de 2007]. Disponível em: <http://www.minas.conab.gov.br/conabweb/index.php?PAG=10>

Cunha ARAA. Dimensões Estratégicas e Dilemas das Centrais de Abastecimento no Brasil. Revista de Política Agrícola – Ano XV – Nº 4 – Out./Nov./Dez. 2006. [acesso em 10 de abr de 2008] Disponível em: <http://minas.ceasa.mg.gov.br>.

Dowbor L. O que acontece com o trabalho? São Paulo: Editora SENAC, 2002.

Duran ECM, Monteiro-Cocco MI. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário. Rev. Latino-am Enfermagem, 2004; janeiro-fevereiro; 12(1); 43-9.

Fernandes ACP, Monteiro MI. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de um condomínio de empresas de alta tecnologia. Rev. Bras. Enferm. 2006 nov-dez; 59(6):752-6.

Freitas FB, Braga PLAM. Questões introdutórias para uma discussão acerca da história e da memória. Revista Eletrônica do Arquivo do Estado [on-line] 2006. [acesso em 25 de mar de 2008].

Disponível em <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias>

Frochtengarten F. A memória oral no mundo contemporâneo. Estudos Avançados, v. 19, n.55, São Paulo set./dez 2005. [acesso em 10 de mar de 2008]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid>

Gagnebin JM. História e Narração em Walter Benjamin. 2 ed São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GDR – Grupo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Segurança Alimentar [acesso em 12 de dez de 2007].

Disponível em: http://www.ceasacampinas.com.br/noticias2005/noticias_200605

Harvey D. Condição pós-moderna. 5ed. São Paulo: Ed Loyola, 1992.

Henkes JA. Caracterização dos Agentes do Mercado Atacadista na Ceasa/SC – Unidade São José. [Dissertação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2006.

Hodge EP. Riscos associados ao trabalho e capacidade para o trabalho entre trabalhadores de uma indústria farmacêutica. [Dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2005.

Ianni O. A era do globalismo. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Lancman S, Sznelwar LI. (orgs.) CHRISTOPHE DEJOURS – Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2004.

Leite JPA. Políticas Municipais de Segurança Alimentar: O caso do município de Campinas. [Dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2005.

Levi L. Psychosocial Factors, Stress and Health. In: International Labour Organization. Encyclopaedia of Occupational Health and Safety. 1998 [acesso em 13 de mai de 2007] Disponível em URL: <http://www.ilo.org/encyclopaedia>.

Maldonado MT. Comunicação entre Pais e Filhos - A linguagem do sentir. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

Martinez MC, Paraguay AIBB, Latorre MRDO. Relação entre satisfação com aspectos psicossociais e saúde dos trabalhadores. Rev. Saúde Públ. 2004; 38(1): 55-61.

Monteiro MI. Bases para a implantação de um Serviço Público de Saúde do Trabalhador no trabalho informal e em micro e pequenas empresas de comércio hortifrutigranjeiro e mercado de flores no Estado de São Paulo. Relatório parcial. Projeto de Pesquisa em Políticas Públicas, fase II. Campinas, 2007.

Monteiro MI. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de diferentes ramos produtivos. Projeto de Pesquisa. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Trabalho. 2003.

Monteiro MI. Instrumento para coleta de dados sociodemográficos, aspectos de saúde, trabalho e estilo de vida. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Trabalho, 1996, atualizado em 2006.

Monteiro MI, Fernandes ACP. Capacidade para o trabalho de trabalhadores de empresas de tecnologia da informação. Rev. Bras. Enferm. 2006 set-out; 59(5):603-8.

Monteiro-Cocco MI. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de uma empresa de tecnologia da informação. [Tese Livre Docência]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2002.

Ornellas TCF. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de empresa metalúrgica de uma cidade do interior paulista. [Dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2004.

Pezzato LM. O processo de formação do técnico em higiene dental e do atendente de consultório dentário no Brasil: uma história silenciada. [Dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2001.

Pezzato LM, Monteiro MI, Bagnato MHS. Processos de formação do técnico em higiene dental e do auxiliar de consultório dentário no Brasil: algumas memórias. Revista de Odontologia da UNESP, v.9, p.5-10, 2007.

Prefeitura Municipal de Campinas, 2002 [acesso em 29 de abr de 2008]. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/>

PROHORT Programa Brasileiro de Modernização do Mercado de Hortigranjeiro [acesso em 10 de fev de 2008].

Disponível em: <http://www.minas.ceasa.mg.gov.br/prohort>

Sato, GS, Martins SS, Carvalho YMC de, Milani AA, Cunha RP. Uma abordagem sobre a comercialização de hortaliças produzidas na região do Alto Tietê. *Informações Econômicas* 2008; 38(1):36-45.

Sato L. Feira Livre – organização, trabalho e sociabilidade. [Tese Livre Docência]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2006.

Spink MJ. Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximação teórico-metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

Spink PK. Pesquisa de Campo em Psicologia Social: Uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*; 15 (2): 18-42; jul./dez. 2003.

Turato ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área de saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Públ.* 2005; 39(3):507-14.

Vedovato TG. Fatores associados à capacidade para o trabalho dos professores de escolas estaduais de dos municípios do Estado de São Paulo. [Dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2007.

Vilela PS. Produtores de Hortifrutis devem ficar atentos às mudanças no mercado.

FAEMG [on-line] 2001 [acesso em 25 de abr de 2008]. Disponível em: www.faemg.org.br

Vilela PS. Distribuição de hortifrutis no Brasil: uma nova oportunidade para os produtores rurais. FAEMG [on-line] 2006 [acesso em 25 de abr de 2008]. Disponível em: www.faemg.org.br

Weil S. (1943) O desenraizamento operário. In: A condição operária e outros estudos sobre opressão. Antologia organizada por Ecléa Bosi. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p.57-74.

ANEXO



CEP, 24/04/07.

(**PARECER CEP:** Nº 143/2004)

PARECER

I-IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “CAPACIDADE PARA O TRABALHO, ESTILO DE VIDA E ASPECTOS ENTRE MOTORISTA DE CAMINHÕES”


PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Maria Inês Monteiro

II - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP tomou ciência e aprovou o Adendo que acrescenta o projeto de pesquisa intitulado “ESTRESSORES OCUPACIONAIS E OS RISCOS À SAÚDE ENTRE GESTORES DE UM CENTRO DE ABASTECIMENTO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS E FLORES”, com finalidade de dissertação de mestrado de Ângela Maria Ferreira, referente ao protocolo de pesquisa supracitado.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

Homologado na IV Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 24 de abril de 2007.


Profa. Dra. Carmen Silvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13084-971 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Data: ____/____/____.

Você está sendo convidado a participar da Pesquisa de Mestrado - Estressores ocupacionais e os riscos à saúde entre gestores de um Centro de Abastecimento de Hortifrutigranjeiros e Flores. Os objetivos desta pesquisa são identificar os estressores ocupacionais referidos pelos gestores de Box/Pedra da Central de Abastecimento e, também, os possíveis riscos / agravos à saúde, decorrentes das funções que desempenham.

Sua participação não é obrigatória; a qualquer momento você poderá desistir da pesquisa e retirar seu consentimento. Solicitamos sua colaboração no sentido de participar de uma entrevista e responder a algumas perguntas relacionadas à sua vivência profissional dentro da Ceasa. A duração será de uma hora no máximo.

Suas informações ficarão em segredo. Os comentários de todos os participantes serão analisados sem que apareçam seus nomes e, posteriormente, as conclusões da pesquisa serão divulgadas em conjunto, nunca individualmente.

Você receberá uma cópia deste termo de consentimento, no qual constam o telefone da pesquisadora com quem poderá esclarecer suas dúvidas durante e após o término da pesquisa, e, também, da Secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa que aprovou a realização deste trabalho.

Agradecemos muito a sua colaboração!

Ass. do participante da pesquisa
Nome:
Endereço:

Assinatura da pesquisadora
Ângela Maria Ferreira
Tel.: (11) 9926-1251

Comitê de Ética em Pesquisa: (19) 3521-8936

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Escolaridade: _____

Estado civil: _____

1. Conte-me como começou a sua trajetória profissional aqui na Ceasa.
2. Quais foram os principais desafios enfrentados ao longo dessa trajetória?
3. Na sua opinião, qual a importância da Ceasa para o permissionário, para o produtor e para o consumidor?
4. Quem não está atuando dentro da Ceasa, na sua opinião, como está trabalhando e onde?
5. Como você vê a concorrência na Ceasa?
6. Você comercializa somente aqui na Ceasa?
7. O que o trabalho significa, representa para você?
8. Você acha que seu trabalho, ao longo desses anos, interferiu de alguma maneira no seu estado de saúde? (Como?)
9. Quais sugestões você nos daria quanto ao que poderíamos trazer de contribuição para a promoção da saúde do trabalhador aqui na Ceasa?



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS



Campinas, ____/____/____.

Prezado (a) Senhor (a)

REF.: Pesquisa de Mestrado: Desvelando o Trabalho numa Central de Abastecimento de Hortifrutigranjeiros e Flores: uma história contada por seus permissionários

Estou lhe entregando por escrito a entrevista que gravamos no dia ____/____/____, para que leia e verifique que o conteúdo está de acordo com o que foi conversado.

Quero lembrar-lhe também que o seu nome, e das demais pessoas que participaram desta pesquisa, **não será divulgado**. O resultado e as idéias dos participantes serão apresentados em conjunto, no encerramento deste trabalho, no início do segundo semestre de 2008.

Todos os participantes receberão o resultado final.

Mais uma vez, aproveito a oportunidade para agradecer a sua valiosa colaboração.

Quaisquer esclarecimentos, basta contatar o telefone (11) 9926-1251.

Atenciosamente,

Ângela M. Ferreira
pesquisadora